



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS-UFT  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**ELAINE APARECIDA TORICELLI CLETO**

**RESILIÊNCIA E RECONHECIMENTO EM NEOCOMUNIDADES: O CASO DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO DE SÃO JOÃO-TO**

**PALMAS-TO  
2015**

**ELAINE APARECIDA TORICELLI CLETO**

**RESILIÊNCIA E RECONHECIMENTO EM NEOCOMUNIDADES: O CASO DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO DE SÃO JOÃO-TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins - UFT como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva.

**PALMAS-TO  
2015**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C634r Cleto, Elaine Aparecida Toricelli .  
Resiliência e reconhecimento em neocomunidades : o caso da comunidade quilombola Morro de São João-TO . / Elaine Aparecida Toricelli Cleto. – Palmas, TO, 2015.  
211 f.  
  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Desenvolvimento Regional, 2015.  
Orientador: Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva  
  
1. Resiliência Social. 2. Reconhecimento. 3. Neocomunidades. 4. Quilombolas. I. Título

**CDD 338.9**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**ELAINE APARECIDA TORICELLI CLETO**

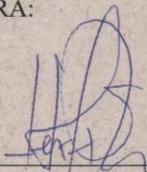
**RESILIÊNCIA E RECONHECIMENTO EM NEOCOMUNIDADES: O CASO  
DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO DE SÃO JOÃO - TO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado  
em Desenvolvimento Regional da  
Universidade Federal do Tocantins para  
obtenção do título de mestre.

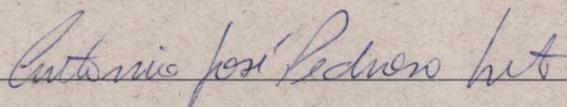
Orientador: Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva

Aprovada em 24/06/2015

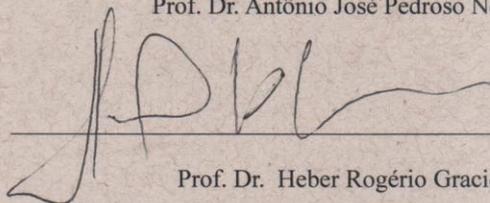
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva – UFT (Orientador)



Prof. Dr. Antônio José Pedroso Neto - UFT



Prof. Dr. Heber Rogério Gracio - UFT

Dedico este trabalho aqueles que são a expressão maior do amor que permeia a minha vida e a minha maior inspiração Marcelo, Marcelli, Sofia e Heitor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a dedicada orientação do Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva que com confiança, respeito e amizade tornou esta pesquisa possível. Agradeço as provocações intelectuais e o incentivo que tive durante esta trajetória, os quais contribuíram para a minha autonomia como pesquisadora. Sou imensamente grata a toda a comunidade Morro de São João que me acolheu com tanto carinho, em particular aquelas que compartilharam comigo suas memórias, reflexões e seu modo de viver. Sem sombra de dúvida esta pesquisa seria muito mais difícil sem o apoio de pessoas como a Sandra, a D. Maria e o Sr. Oniffe, família da comunidade que me hospedou e acolheu em seu lar com todo o carinho. Sou imensuravelmente grata a minha família pelo amor dedicado a mim, principalmente, com meus momentos de impaciência e ausência nestes últimos dois anos e meio. Ao Marcelo, companheiro de uma vida, meu porto seguro, a quem agradeço pelas diversas formas de incentivo, inspiração e paciência. Aos meus filhos Marcelli, Sofia e Heitor a minha imensa gratidão por serem tão especiais na minha vida, a quem eu devo o meu desejo de querer lutar sempre pelo melhor, e também pela paciência impaciente com a minha ausência durante todos esses anos de formação. Agradeço aos amigos que me apoiaram nessa caminhada desde a graduação, contribuindo cada um a sua maneira, Alex Pizzio, Mônica Rocha, Cristiane Roque, Jeziel, Héber Grácio, Soraya Almeida, Regina Padovan, Wanderley Mendes, Eder Ahmad Eddine, Luciano Gonçalves, Joscelyn Junior, Rayssa Carneiro, Helen Lopes, André Demarchi, Suyá Omin, Eliane Henriques, Cleides Antônio Amorim (*in memoriam*) e Flávio Moreira (*in memoriam*), Flávia Xavier, Luciana Aliaga, Marcelo Brice, Odilon Moraes, Frank Amorim, Rita Domingues. Em especial para Cristiane pelas importantes e fundamentais leituras, correções e conversas, Soraya e Regina pela importante ajuda com a elaboração do projeto para a seleção do mestrado e pelas várias acolhidas em suas casas, Héber pelas produtivas conversas e Mônica pela confiança e pela oportunidade de participar da equipe da IPPA/TO. Aos colegas do PPGDR, Bruna, Leonardo, Nayara, Telma, Ariane, Emerson, Leila e Josivaldo pelas experiências compartilhadas. A todos os professores do PPGDR, em especial ao Airton Cançado, Alex Pizzio, Antônio Pedroso, Monica da Rocha, Temis Parente, Waldecy Rodrigues, o meu agradecimento pela contribuição no meu processo de formação. Agradeço meus pais Lázaro (*in memoriam*) e Davina (*in memoriam*) a quem devo a minha vida e o que sou, por terem sido exemplo de luta, honestidade e amor, sempre me incentivando e confiando que eu poderia chegar até aqui. Partiram mas deixaram a essência

do bem, do amor e da bondade. Aos meus irmãos Aninha, Rosana, Martinho, Jura (*in memoriam*) e Júlio pela maneira diferente de ser de cada um e pela presença cheia de amor e carinho em minha vida. Sobrinhos e sobrinhas pelo prazer ter em minha vida pessoas que manifestam com tanta sinceridade o amor. A Neusa e Mauri por terem me recebido como filha. Por fim agradeço ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UFT pela oportunidade de aprendizado, em especial à coordenadora Mônica Ap. Rocha da Silva e as secretárias Lethícia e Michele. E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) pela concessão de bolsa de estudos por dois anos, apoio que possibilitou que eu pudesse me dedicar integralmente aos estudos neste período.

“Reconhece a queda e não desanima. Levanta  
sacode a poeira e dá a volta por cima”.

*Paulo Vanzolini*

## RESUMO

A sociedade atual é marcada por importantes transformações sociais e econômicas que, desde o final do século XX, vem alterando profundamente a lógica produtiva global. Dentre estas transformações, os processos transnacionais de reestruturação produtiva, internacionalização da economia e globalização têm resultado em importantes desdobramentos no processo de regulação, resultando na produção de novos condicionamentos que atingem diretamente o comportamento social, tanto individualmente quanto coletivamente, afetando o desenvolvimento, a interação com o meio e a manutenção de identidade. Diante desse amplo cenário de transformações, observa-se que as comunidades passam a enfrentar novas áreas de imprevisibilidade que promovem transformações importantes na vida cotidiana e na organização social. Entretanto, chama atenção a capacidade que algumas apresentam no enfrentamento positivo e na superação das adversidades. Essa capacidade tem sido apreendida no meio acadêmico por meio da ideia de resiliência. Desse modo, o objetivo deste trabalho foi realizar uma investigação na Comunidade Quilombola Morro de São João – Santa Rosa do Tocantins/TO e verificar se esta é uma comunidade resiliente e quais os fatores de promoção desta condição. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de um estudo de caso. Foram utilizadas variadas estratégias e técnicas de coleta de dados tais como: observação participante, entrevista não estruturada, pesquisa documental, questionário e história de vida. A pesquisa etnográfica foi realizada durante as quatro idas a campo e se deu por meio da participação na rotina, nas cerimônias, nos festejos que aconteceram durante a permanência na comunidade, ao mesmo tempo em que foram realizadas observações e entrevistas com os moradores. O marco teórico ateu-se à abordagem dos conceitos de resiliência, neocomunidade, reconhecimento, e cultura como recurso. Conclui-se que a comunidade Morro de São João é resiliente, pois apresentou indícios de superação das adversidades, fato que pode ser verificado em âmbito coletivo, embora ficou comprovado através dos resultados da escala utilizada de que em âmbito individual não há uma resiliência consistente. O que se conclui é que embora o Quest\_Resiliência seja um instrumento utilizado para mapear o comportamento de indivíduos e grupos (equipes), não se chegou a um resultado satisfatório para o mapeamento das crenças em âmbito coletivo, sendo então insuficiente para mensurar a resiliência comunitária. Isso sugere a necessidade de se traduzir e validar uma escala de mapeamento em comunidades. Comprovou-se que o reconhecimento da identidade cultural é um fator de promoção de superação das adversidades.

Palavras-chave: Resiliência, Neocomunidades, Quilombola, Reconhecimento

## **ABSTRACT**

Today's society is marked by major social and economic transformations that from the late twentieth century, has profoundly altering the global productive logic. Among these transformations, the transnational processes of productive restructuring, internationalization and globalization of the economy has resulted in significant developments in the regulatory process, resulting in production of new conditions that directly affect social behavior, both individually and collectively, affecting the development, interaction with medium and maintaining identity. Given this broad scenario of transformation, it is observed that communities begin to tackle new areas of unpredictability that promote important changes in everyday life and social organization. However, draws attention to capacity that some have the positive coping and overcoming adversity. This capability has been seized in academia through resilience idea. Thus, the aim of this study was to research in the Community Quilombo Morro de São João - Santa Rosa do Tocantins / TO and verify that this is a resilient community and what factors promote this condition. It is a qualitative research, carried out through a case study. Various strategies and data collection techniques were used such as participant observation, unstructured interviews, desk research, questionnaire and life story. The ethnographic research was conducted during the four visits to the field and was through participation in routine, the ceremonies, the celebrations that took place during their stay in the community at the same time observations and interviews with residents were held. The theoretical framework adhered to the approach of resilience concepts, neocomunidade, recognition, and culture as a resource. It is concluded that St John's Hill community is resilient, as it showed signs of overcoming the adversities, which can be verified in a community basis, although it was proven through the scale of results used that on an individual level there is a consistent resilience. What can be concluded is that although the Quest\_Resiliência is a tool used to map the behavior of individuals and groups (teams), not reached a satisfactory outcome for the mapping of beliefs in a community basis, and then insufficient to measure community resilience. This suggests the need to translate and validate a mapping scale communities. It was shown that the recognition of cultural identity is a factor of promotion of overcoming adversity.

**Keywords:** Resilience, Neocomunidades, Quilombola, Recognition

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Comunidades remanescentes de Quilombos Brasil	91
Quadro 2	Processos de regularização fundiária abertos	92
Gráfico 1	Análise do Contexto	109
Gráfico 2	Autoconfiança	111
Gráfico 3	Autocontrole	114
Gráfico 4	Conquistar e Manter Pessoas	116
Gráfico 5	Otimismo com a Vida	118
Gráfico 6	Sentido da Vida	120

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Crianças participando da Congada	57
Figura 2	Congada: Crianças como rei e rainha	58
Figura 3	Reunião de posse da nova diretoria da associação do Quilombo MSJ	62
Figura 4	Ritual no cemitério e presença da imprensa local	80
Figura 5	Presença da imprensa local no festejo	81
Figura 6	Divulgação de festejos	82
Figura 7	Congada: o rei e a rainha de 2014	99
Figura 8	Congada: os congos	99
Figura 9	Capela São João Batista	100

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade

ACxt - Análise do Contexto

ADCT - Atos das Disposições Constitucionais Transitórias

ACnf - Auto Confiança

AC - Auto Controle

CMP - Conquistar e Manter Pessoas

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

EPT - Empatia

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LC - Leitura Corporal

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MCD - Modelo de Crença Determinante

MSJ – Morro de São João

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OSCIPS - Organizações da sociedade civil de interesse público

ONGS - Organizações não governamentais

OS - Organizações sociais

OV - Otimismo para a Vida

PBQ - Programa Brasil Quilombola

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do território

SEDUC - Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Tocantins

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SOBRARE – Sociedade Brasileira de Resiliência

SV - Sentido de Vida

TCC - Teoria Cognitivo Comportamental

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFT- Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2</b>	<b>Descrição do Campo.....</b>	<b>22</b>
<b>1.3</b>	<b>Descrição do objeto de estudo.....</b>	<b>23</b>
<b>1.4</b>	<b>A estrutura do trabalho.....</b>	<b>25</b>
<b>2</b>	<b>A GLOBALIZAÇÃO E A DINÂMICA ENTRE O GLOBAL E O LOCAL: NOVOS CONDICIONAMENTOS SOCIAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1</b>	<b>As discontinuidades e fragmentações proporcionadas pela modernidade.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2</b>	<b>O processo de globalização e os novos condicionamentos sociais.....</b>	<b>34</b>
<b>2.3</b>	<b>Impactos do processo de globalização sobre as identidades individuais e coletivas.....</b>	<b>45</b>
<b>3</b>	<b>RESILIÊNCIA E RECONHECIMENTO: UMA IMPORTANTE RELAÇÃO NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1</b>	<b>Origem e desenvolvimento do conceito de Resiliência.....</b>	<b>49</b>
<b>3.2</b>	<b>O conceito de reconhecimento por Honneth e Taylor.....</b>	<b>64</b>
<b>3.3</b>	<b>A importância da relação entre resiliência e reconhecimento para a superação das adversidades e construção de identidades.....</b>	<b>70</b>
<b>4</b>	<b>CULTURA E NEOCOMUNIDADES: AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NUM CONTEXTO DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....</b>	<b>72</b>
<b>4.1</b>	<b>A cultura como recurso e estratégias para manutenção da cultura: o caso da comunidade quilombola Morro de São João.....</b>	<b>74</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise dos resultados obtidos com o Quest_Resiliência.....</b>	<b>106</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>
	<b>ANEXO A – Quest_Resiliência.....</b>	<b>134</b>
	<b>ANEXO B – Relatório individual do Quest_Resiliência SOB RARE.....</b>	<b>142</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual é marcada por importantes transformações sociais e econômicas que, desde o final do século XX, vêm alterando profundamente a lógica produtiva global. Dentre estas transformações, os processos transnacionais de reestruturação produtiva, internacionalização da economia e globalização têm resultado em importantes desdobramentos no processo de regulação, implicando na produção de novos condicionamentos que atingem diretamente o comportamento social, tanto individualmente quanto coletivamente, afetando o desenvolvimento, a interação com o meio e a manutenção de identidade. A concepção conceitual de novos condicionamentos sociais deriva da compreensão de que as determinações sociais existentes na base das sociedades capitalistas - em sua lógica de produção material e simbólica - configuram novos processos de mediação com a realidade mais ampla, estrutural, nos períodos de crise pelos quais essas sociedades passaram, e passam atualmente, visando à manutenção de sua hegemonia. (LOPES, 2006).

Com esses novos condicionamentos sociais, as comunidades tradicionais brasileiras passaram a enfrentar novas áreas de imprevisibilidade, o que provocou transformações importantes na organização e no modo de vida das mesmas, colocando-as em situação de vulnerabilidade. Este cenário é marcado por um conjunto de obstáculos para as comunidades tradicionais, uma vez que podem implicar desenraizamento, sofrimento e exclusão. Entretanto, observa-se que algumas comunidades apresentam uma maior capacidade de enfrentamento das adversidades resultantes deste contexto atual, se tornando mais fortes que antes. E isso é possível, em grande medida, quando os sujeitos se sentem reconhecidos em suas capacidades e qualidades. Esta capacidade é discutida no meio acadêmico por meio do conceito de resiliência social, que é a capacidade que grupos ou comunidades têm de se apropriar de recursos culturais e institucionais que existem em seus ambientes com o intuito de enfrentar os desafios gerados pelos novos condicionamentos sociais da era neoliberal. (HALL; LAMONT, 2013).

A circunstância de indivíduos e coletividades imersos em situações de vulnerabilidade constitui, nos dias atuais, um tema gerador de discussões e reflexões por parte de diversos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Diante deste contexto, com o intuito de focar nas coletividades, a presente pesquisa foi direcionada à reflexão do processo de resiliência em comunidades tradicionais sob a influência dos novos condicionamentos sociais impostos pela

globalização, tendo como objeto de estudo a comunidade quilombola Morro de São João<sup>1</sup>. A abordagem se deu a partir dos conceitos de neocomunidades e reconhecimento. A comunidade está localizada na porção leste do município de Santa Rosa do Tocantins, cerca de 140 km de distância da capital Palmas. Em 2006 foi reconhecida como comunidade quilombola pelo governo do Estado e pela Fundação Cultural Palmares, recebendo sua certificação no mesmo ano. Composta por aproximadamente 80 famílias que, juntas contabilizam cerca de 300 habitantes<sup>2</sup> entre jovens, adultos e crianças, a comunidade vive em situação de vulnerabilidade social devido à falta de efetividade na prestação de serviços básicos de saúde, educação e saneamento básico, sendo também impactada diretamente pelo contexto econômico e político atual.

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa se deu em função da participação no projeto criado por um grupo de pesquisadores voltados para a compreensão das transformações ocorridas nas comunidades tradicionais da região amazônica. O objetivo do projeto, que ainda está em andamento, é estudar o desenvolvimento dessas comunidades diante da série de novos condicionantes e riscos que o processo de globalização representa para as mesmas. Com a pretensão de verificar a ocorrência de usos da cultura enquanto recurso (YÚDICE, 2006) e seus desdobramentos como fator de resiliência comunitária, a pesquisa intitulada “Resiliência e Desenvolvimento em comunidades tradicionais da Amazônia”, tendo como instituição de fomento o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), é constituída por pesquisadores da Universidade Federal do Tocantins (UFT), da Unisinos e da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O que se sabe é que existem comunidades que conseguiram superar as adversidades advindas dos novos condicionamentos sociais por meio da capacidade de serem resilientes diante do processo, mas nem todas conseguem o mesmo resultado, o que favorece que essas fiquem em condição significativa de vulnerabilidade e sofrimento, podendo levar a alterações importantes no seu modo de vida. Por motivação e interesse em entender o que muda, neste contexto, para as comunidades tradicionais em geral, e para a comunidade estudada em particular, questiona-se se diante das adversidades impostas pelos novos condicionamentos sociais, tais como falta de integração com a sociedade global, falta de reconhecimento e de cumprimento de direitos, como por exemplo, a demarcação da terra, que afetam as práticas e

---

<sup>1</sup> Doravante MSJ.

<sup>2</sup> Conforme dados do IBGE (2010), porém na observação em loco se percebeu que residindo na comunidade tem em torno de 100 pessoas, os demais ou moram em outras cidades vizinhas e frequentam constantemente a comunidade por considerarem que ainda pertencem ao Morro, ou por trabalharem ou estudarem em outras cidades do entorno passam apenas os finais de semana na comunidade.

saberes tradicionais, deixando-as em situação de vulnerabilidade, a comunidade MSJ é resiliente. E, se em situação de resiliência, quais são os elementos que contribuem para este processo e para o fortalecimento e manutenção da identidade da comunidade em questão?

Assim, diante do contexto de vulnerabilidade social em que se encontram as comunidades tradicionais no Brasil, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar se a comunidade quilombola Morro de São João pode ser considerada resiliente diante dos novos condicionamentos sociais impostos pela globalização. Como desdobramento, os pontos específicos da investigação foram: a) identificar, em situação de existência de resiliência, que elementos contribuem para este processo no que diz respeito ao fortalecimento da comunidade; b) verificar se ocorre o processo de reconhecimento da identidade cultural na comunidade e em que medida isso é um fator de superação coletiva; c) verificar se e como a partir do fenômeno da neocomunidade, e do uso da cultura como recurso, a comunidade MSJ reconstrói seu território, seus saberes e práticas como estratégia política de legitimação e manutenção de suas tradições, objetivando a preservação de sua identidade.

A comunidade quilombola MSJ, embora esteja à margem da sociedade tocantinense, vive em subordinação ao Estado e não deixa de estar inserida no contexto moderno de globalização. No entanto, o que se observa é que na prática os novos condicionantes impostos por este processo fazem com que esta inserção resulte em adversidades que alteram a vida em comunidade. Neste sentido, a pertinência da pesquisa se situa no fato de que é preciso avaliar se a comunidade em situação de vulnerabilidade social consegue enfrentar esta conjuntura de maneira resiliente. Mas, por outro lado, tem havido a iniciativa do Estado em fomentar o reconhecimento das tradições, incentivando o resgate e a preservação das comunidades favorecendo a utilização da cultura como uma forma de recurso.

As comunidades tradicionais possuem modos de agir, cultura, organização, prática e saberes, pautado em princípios e costumes ancestrais. Entretanto, por influência do atual contexto de mudanças, muitas destas comunidades têm suas características alteradas de forma significativa. Assim, para sobreviver e manter suas tradições, muitas vezes, a comunidade em situação de vulnerabilidade se vê obrigada a enfrentar o problema e criar condições de superação, se tornando resiliente. Há outro elemento que merece destaque: embora a realidade seja de impactos diretos no modo de vida das comunidades, fruto deste cenário moderno, o que se percebe atualmente, é a existência de um fenômeno de estímulo à recriação das comunidades tradicionais, conceitualizado por Lifschitz (2011), como neocomunidade.

Cabe destacar, que por comunidade tradicional<sup>3</sup> entendem-se povos ou comunidades que possuem culturas, práticas, modos de vida e saberes tradicionais que diferem da cultura predominante na sociedade e que se reconhecem como tal. Esses possuem um modo de vida próprio no que se refere à organização social, ocupação e utilização do território e dos recursos naturais como forma de manutenção de sua cultura e conservação do meio ambiente. Desse modo, são consideradas comunidades tradicionais os quilombolas, os indígenas, os ribeirinhos, os extrativistas, os pescadores, além de outros agrupamentos.

No que se refere à comunidade quilombola, objeto deste trabalho, a primeira memória que se costuma ter é de uma realidade escravista, mas sabe-se que os quilombos não pertencem somente a este passado. Estas comunidades não se encontram isoladas no tempo e no espaço, sem qualquer participação na estrutura social predominante; muito pelo contrário, muitas delas com base no direito de propriedade de suas terras e de reconhecimento da condição de Quilombola promulgada pela Constituição Federal brasileira desde 1988, mantêm-se vivas e ativas na luta por este direito de participação e reconhecimento tanto de maneira exógena (por aqueles que são de fora da comunidade) quanto de maneira endógena (pelos próprios membros da comunidade). Muitas comunidades ainda lutam pelo reconhecimento dos direitos fundiários e pela regularização de suas terras, fatores importantíssimos que, em praticamente todos os casos, são a garantia de sobrevivência física das populações diferenciadas.

Embora isto seja um fato em expansão no Brasil, ainda há muita dificuldade para se encontrar um quadro completo com dados sobre a realidade das comunidades de remanescentes quilombolas. O que se encontra geralmente são informações bastante dispersas e com pouca sistematização que, na maioria das vezes, se refere a uma parte das comunidades que existem no território brasileiro, em grande medida, as que estão situadas nas principais regiões do país ou são as mais conhecidas. Neste sentido, uma pesquisa de campo que possibilitasse uma maior compreensão acerca da situação em que se encontra a comunidade MSJ, principalmente no que se refere ao enfrentamento das adversidades e vulnerabilidades e a capacidade de ser resiliente, constituiu um desafio e um exercício importante. Espera-se que por meio da socialização deste trabalho, seja possível contribuir com a geração de dados e informações que auxiliem na elaboração de políticas públicas voltadas para a comunidade, no que tange a superação da situação de vulnerabilidade social.

---

<sup>3</sup> Cf Decreto Federal n.º 6.040 de 7 de fevereiro de 2000.

## 1.1 Procedimentos metodológicos

Para que haja uma investigação científica é necessário que um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos seja realizado com o objetivo de atingir o método próprio da ciência, chamado de método científico; o qual consiste em um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permite alcançar objetivos, traçando o caminho a ser seguido, verificando erros e auxiliando as decisões do pesquisador durante a investigação. (MARCONI; LAKATOS, 2010). Segundo as autoras, pesquisa é um procedimento formal e reflexivo que necessita de um tratamento científico e se constitui em um caminho para se conhecer uma realidade ou descobrir verdades. Para Silva e Menezes (2001), a pesquisa é um conjunto de ações propostas com o intuito de encontrar soluções para determinado problema, que tenha por base procedimentos racionais e sistemáticos. Em outras palavras, quando se tem um problema, mas não tem informações para solucioná-lo é necessário que seja realizada uma pesquisa.

Nesse sentido, o papel do pesquisador é imprescindível, e, portanto, este deve estar aberto e atento a todas as manifestações que observa, sem adiantar as explicações, nem se conduzir pelas aparências imediatas para que possa alcançar uma compreensão global dos fenômenos (CHIZZOTTI, 2009). Não é possível uma pesquisa ter sucesso se o pesquisador não consegue se perceber, por um lado, como um ente transformador da realidade e por outro, como um ser social consciente deste papel, da interferência de seus valores e suas opiniões no momento em que for preciso analisar e interpretar os problemas sociais. (SAYAGO, 1999). Diante disso, enquanto instrumento científico, esta pesquisa é social, porque volta-se para o estudo do comportamento humano e da sociedade. Possui finalidade aplicada, em relação a sua intenção de descortinar verdades e interesses locais, ocorrendo por meio da aplicação de teorias às necessidades humanas, buscando a melhoria na qualidade de vida da população (SILVA; MENEZES, 2001).

Com relação à sua natureza a pesquisa é qualitativa, a qual permite analisar as experiências de grupos sociais que podem estar relacionadas a práticas cotidianas ou histórias biográficas (FLICK, 2009). Esta abordagem se fundamenta na ideia de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o observador, uma relação de interdependência entre pesquisador e objeto. Neste tipo de pesquisa o observador integra o processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, investigando e atribuindo a eles um significado (CHIZZOTTI, 2009). A pesquisa qualitativa parte da noção da construção social das realidades, se

interessando pela perspectiva dos indivíduos pesquisados, tanto em relação às suas práticas diárias quanto do seu conhecimento acerca do seu cotidiano, no que se refere à questão em estudo. (FLICK, 2009). Para tal, são fundamentais os relatos e histórias do dia a dia, observação e registro da prática de interação e comunicação, análise documental, entre outros.

Desse modo, foi realizada uma pesquisa de campo em que se buscou em certa medida utilizar técnicas de etnografia e de observação participante como suporte à pesquisa. Na pesquisa de campo, o objeto de estudo ou fonte de estudo é abordado em seu próprio ambiente, desse modo, a coleta de dados ocorre em condições naturais em que os fenômenos acontecem sendo observados diretamente (SEVERINO, 2007). A etnografia se refere a um estudo descritivo das sociedades humanas de pequena escala, que requer alguma generalização e comparação implícita ou explícita acerca dos aspectos culturais. Tem como objetivo combinar o ponto de vista do observador interno com o externo e descrever e interpretar a cultura (MARCONI; LAKATOS, 2010). A etnografia é uma ferramenta importante à pesquisa, já que possibilita ao pesquisador detectar os problemas sociais e as diferenças culturais, permitindo diagnosticar, reconhecer e avaliar problemas específicos que as comunidades enfrentam (SAYAGO, 1999).

Assim, o trabalho de campo consiste em uma experiência de vida, de convivência e troca constante com o grupo estudado. A observação participante é uma técnica que favorece esta experiência, pois conjuga aproximação e distanciamento, no qual o pesquisador tenta ser o mais objetivo possível, porém, buscando estabelecer laços de colaboração e de envolvimento dentro de um limite que não prejudique o objetivo final. Nesta pesquisa, especificamente, o envolvimento e a observação se deram por meio da participação na rotina, nas cerimônias, nos festejos que aconteceram durante a permanência na comunidade, ao mesmo tempo em que foram realizadas observações e entrevistas com os moradores.

O pesquisador deve deter seriedade e compromisso no trato com a pesquisa e com o seu objeto, para não deixar que ocorra manipulação dos dados coletados e falsa conclusão. E, neste caso, ambas as partes têm que ter consciência do trabalho que está sendo realizado. A experiência de campo para ser bem-sucedida depende de vários fatores, como a biografia do pesquisador, a escolha teórica, o contexto sócio histórico mais amplo e também das imprevisíveis situações que ocorrem no dia a dia e que interferem na relação entre pesquisador e pesquisado (SAYAGO, 1999).

O método de abordagem utilizado para a realização da pesquisa foi o indutivo. A indução é um processo mental por meio do qual o pesquisador parte de dados particulares,

que foram constatados previamente, para se chegar o mais próximo possível de conclusões verdadeiras que não estão contidas nas partes examinadas, com o intuito de ampliar o alcance dos conhecimentos. Desse modo, a utilização do método indutivo tem como objetivo levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo que as premissas que foram utilizadas como base (MARCONI; LAKATOS, 2010). De acordo com as autoras, o método indutivo embora se baseie em premissas da mesma forma que o método dedutivo, o resultado final, ou seja, a conclusão que se pode chegar com os dois métodos é diferente, já que no dedutivo, premissas verdadeiras levam inevitavelmente a conclusões verdadeiras, no indutivo levam a conclusões prováveis.

Em relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, porque realizou uma primeira aproximação com o tema, visando conhecer os fatos e fenômenos proporcionando maior familiaridade com o problema. Buscou recuperar as informações disponíveis e tornar o problema mais explícito. De maneira geral, assume a forma de pesquisas bibliográficas e estudo de caso (SILVA; MENEZES, 2001). No caso específico foi realizado um levantamento bibliográfico e entrevistas com os moradores. Possui também uma dimensão descritiva e foi utilizada no sentido de promover maior reflexão em relação ao tema. A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características do objeto estudado, para isso utiliza técnicas padronizadas de coletas de dados como observação sistemática e questionário sob a forma de levantamento das características conhecidas ou não (SILVA; MENEZES, 2001).

Desse modo, em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de campo que se utiliza do estudo de caso como um procedimento para a coleta de dados. A pesquisa de campo visa reunir e organizar informações que comprovem a análise realizada (CHIZZOTTI, 2009). O estudo de caso, segundo Yin (1989) é um fenômeno contemporâneo inserido em uma realidade contextualizada, para o qual são utilizadas diversas fontes de evidência. De acordo com Severino (2007), o estudo de caso é uma pesquisa que se concentra em estudar um caso particular, que é considerado representativo de um todo, que possibilite fundamentar um julgamento fidedigno e também propor uma futura intervenção (SEVERINO, 2007, CHIZZOTTI, 2009).

Como procedimentos técnicos de coleta de dados utilizou-se a pesquisa documental que compreende a verificação de documentos de fontes primárias, ou seja, documentos escritos ou não; e a pesquisa bibliográfica que compreende fontes secundárias como livros, revistas, jornais, e outras formas. Marconi e Lakatos (2010) as denominam de documentação

indireta. E também se utilizou a entrevista e a história de vida que se referem à documentação direta (MARCONI; LAKATOS, 2010).

A entrevista é uma conversação que ocorre face a face entre entrevistado e entrevistador, de maneira metódica, visando coletar informações importantes para a pesquisa. O tipo de entrevista utilizado foi o despadronizado ou não estruturado, de modalidade não dirigida. Neste tipo o pesquisador fica livre para conduzir a entrevista na direção que julgar adequada, como forma de explorar mais uma questão específica, podendo ocorrer dentro de uma conversação informal, dando também ao entrevistado a liberdade de expressar suas opiniões e sentimentos (MARCONI; LAKATOS, 2010). Já a história de vida foi utilizada para a obtenção de dados relativos à experiência dos moradores e que fossem importantes para a pesquisa.

Outra técnica utilizada foi a escala “Quest\_Resiliência”, desenvolvida pelo pesquisador George Barbosa em 2009, estando, atualmente, a cargo da Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) os direitos de cessão de todas as versões disponíveis. Esta escala se refere a um mapeamento das crenças que organizam o comportamento resiliente, com a finalidade de mapear a intensidade destas crenças. Contribui para a identificação e compreensão da forma como se acredita que os fatos e situações adversas ocorrem na vida (BARBOSA, 2010; 2014). De acordo com Barbosa (2014), o instrumento explicita o modo como os sistemas de crenças vinculados com a resiliência estão estruturados, e de como essas crenças organizam a maneira como alguém se posiciona face aos fatores de proteção e risco presentes no ambiente. Por meio desta escala é possível, em determinadas situações, compreender o tipo de superação de uma pessoa ou grupo, quando estes se encontram em situação de adversidade. O instrumento é apresentado sob a forma de categorias em uma tabela com comentários, traduzindo a intensidade das crenças que organizam as atitudes e de como se acredita que pode superar as adversidades. É dividido em duas partes que se completam: a primeira parte traz o levantamento sócio demográfico no qual há um breve mapeamento do perfil e histórico do respondente; já a segunda parte do “Quest\_Resiliência” traz as 72 afirmações que expressam o conteúdo das crenças retiradas da literatura especializada, solicitando que o respondente apresente uma intensidade em suas respostas (BARBOSA, 2010; 2104). Para o objeto em questão se percebeu que a escala não foi eficiente para aferir o que se propôs para esta pesquisa, mas trouxe elementos importantes para os avanços da temática que podem ser explorados em trabalhos futuros no que concernem os valores e crenças como elementos importantes à estruturação do processo de resiliência.

Em relação à amostra, o tempo disponível para a realização desta pesquisa não permitiu a participação de todos os moradores da comunidade, desse modo 10 foram entrevistados e 10 responderam ao questionário. A entrevista foi realizada com cinco moradores idosos, que são os netos do Sr. Vitor de Sena Ferreira, fundador do Morro de São João, e cinco bisnetos e tataranetos. Já o questionário foi aplicado entre os moradores com faixa etária de 16 a 70 anos. A decisão por esta amostragem se deu pelo conhecimento que possuem sobre a história da comunidade e a participação na luta pela manutenção da cultura, o que facilitou a compreensão acerca da identidade e do modo de vida dos moradores. A escolha dos respondentes se deu aleatoriamente dentre os que possuem vínculos diretos com a comunidade e aceitaram participar da pesquisa.

## **1.2 Descrição do campo**

Nesta pesquisa a visita à campo ocorreu em quatro momentos, a primeira ocorreu em março de 2014 como forma de primeiro contato e solicitação de autorização para que a pesquisa pudesse ser realizada na comunidade. Neste momento a aproximação se deu por intermediação de uma das moradas da comunidade chamada Sandra Eliene, aluna do curso de História da UFT, que gentilmente se dispôs a levar a pesquisadora até o local para as devidas apresentações, e agendamento da próxima visita. O segundo contato ocorreu em agosto de 2014, ocasião em que a permanência na comunidade foi de quatro dias. Nesse momento foi possível visitar boa parte das residências, realizando entrevistas com os mais idosos e conversas informais com alguns moradores que trabalham como funcionários públicos na própria comunidade, como por exemplo, os servidores da escola. Nesta ocasião se ressaltou a importância da pesquisa e o interesse em conhecer a história e o modo de vida dos mesmos. A segunda ida a campo ocorreu em novembro de 2014, momento que foi realizada na comunidade a festa da Congada. Nesta situação a permanência da pesquisadora no local foi de três dias. Fato que possibilitou a observação antes e durante a realização da festa, bem como se aproveitou a oportunidade para entrevistar mais alguns moradores. No mês de março de 2015 foi realizada mais uma visita com a permanência de três dias no local, em que foram realizadas mais algumas entrevistas e também a aplicação do questionário a alguns moradores da faixa etária de 50 a 70 anos. Em abril de 2015 a aplicação do questionário foi finalizada com a participação dos mais jovens. Em todas as oportunidades, a hospedagem ocorreu na residência da D. Maria e Sr. Oniffe, casal que prontamente abriu as portas de sua casa e se

dispôs a dar toda a atenção necessária para a realização da pesquisa. Fato que facilitou o contato e a realização do trabalho.

As entrevistas foram realizadas com dez pessoas de 52 a 92 anos, destes cinco são idosos aposentados, sendo três mulheres e dois homens. Um dos homens, com 84 anos é ex-lavrador e o outro com 78 anos, foi vereador no município de Santa Rosa por dois mandatos nos períodos de 1993 a 1996 e de 1997 a 2000 e atualmente, mesmo aposentado ainda executa algumas atividades como lavrador. As três mulheres todas são aposentadas e trabalharam durante toda a vida com a lavoura e os afazeres domésticos, a mais nova tem 70 anos e a mais velha tem 92 anos. Os outros cinco entrevistados têm de 28 a 69 anos, desses uma é universitária e professora de danças tradicionais, uma é lavradora e dona de casa, um é lavrador e funcionário público e os demais trabalham como lavradores. Dos questionários aplicados cinco foram destinados às pessoas de 50 a 70 anos, sendo que três são lavradores, um é lavrador e funcionário público, com o cargo de vigia na escola da comunidade, e uma senhora é costureira e dona de casa. Os outros cinco questionários foram aplicados aos jovens de 19 a 28 anos sendo que destes três são estudantes universitários e um é técnico de informática e o outro trabalha em fábrica.

Cabe ressaltar que a receptividade da comunidade foi muito boa, no entanto, em alguns casos se percebeu, no início da entrevista, certa resistência dos moradores em se abrir. Isso ocorreu principalmente entre os mais idosos, mas após algum tempo de conversa informal, a entrevista pode ser realizada com mais confiança. Em relação aos questionários, os moradores que foram convidados a participar da pesquisa aceitaram de pronto, com exceção de alguns membros da associação da comunidade que apresentaram negativa, justificando esta pela falta de tempo para poder responder. Os que demonstraram maior interesse em responder foram os mais jovens, se dispondo inclusive a conversar por telefone quando fosse o caso.

### **1.3 Descrição do objeto de estudo**

Com vistas a uma melhor compreensão acerca da comunidade MSJ, julga-se necessária uma descrição mais detalhada sobre sua historiografia. No espaço onde hoje é o município de Santa Rosa, estava situada a Fazenda Engenho que existiu por quase um século como propriedade rural do Padre José Bernardino de Sena Ferreira. O religioso e sua família se fixaram na região por volta de 1857 trazendo consigo vários escravos. Uma de suas filhas

chamada Sinhauta, pediu ao pai que lhe desse uma imagem de Santa Rosa, santa de sua devoção, que foi colocada em uma capela construída, pelo coronel Marcolino Nunes da Silva, na Casa Grande em 1907, onde residia a família. Este fato originou o nome do município (IBGE, 2014).

O até então povoado começou a crescer por iniciativa dos próprios moradores da região que se reuniam para confraternizações e foram se fixando no local. A criação do Distrito de Santa Rosa se deu pela Lei nº 14, de 27 de setembro de 1962, subordinado ao município de Natividade. De 31 de dezembro de 1963 até 1 de julho 1983 o distrito figurou em divisão territorial em Natividade. Em 1º de janeiro de 1988 foi emancipado politicamente, tendo sua instalação ocorrida em 1º de junho de 1989. Com a divisão territorial de 1991 foi constituído do distrito sede, tendo mais dois distritos anexados. Foram eles o distrito de Cangas criado pela lei municipal nº 056 de 12 de novembro de 1993 e o distrito de Morro do São João, criado pela lei nº 057 de 12 de novembro de 1993 (IBGE, 2014).

Segundo relatos dos moradores da comunidade MSJ, esta existe há mais de 200 anos e é formada pelos descendentes do senhor Victor de Sena Ferreira, fruto do relacionamento entre a escrava Pelônia e o Sr. Bernardino de Sena Ferreira, na época pároco da diocese de Goiás Velho, comarca de Natividade, e dono de grandes propriedades de terras naquela região. Dentre essas terras havia a fazenda Roma situada próximo à confluência do Rio Manuel Alves, terra que o padre doou ao seu filho Victor. De acordo com os depoimentos, essa porção de terra era de aproximadamente quatro léguas ou 1800 alqueires. Após as várias divisões de terra no decorrer das gerações, muitas partes foram vendidas para pessoas de fora da comunidade, fato que atraiu para o entorno do Morro fazendeiros que iniciaram a criação de gado e nos últimos anos a produção de soja. Mas, as terras que foram mantidas pelos descendentes do Sr. Victor são utilizadas hoje para a agricultura de subsistência e criação de gado, prática conservada e mantida desde seus antepassados escravos. Cabe destacar que até a presente data não foi realizada a demarcação oficial das terras, fato que, como afirmam os próprios moradores, se torna uma questão de extrema urgência.

Conforme relatos, a chegada dos fazendeiros às proximidades, tem consequências que resultam em contaminação da água do córrego pelo uso de agrotóxicos e também o avanço de animais como onça nas áreas próximas à comunidade devido ao desmatamento da área nativa. A onça se tornou uma grande preocupação aos moradores, pois o animal tem se alimentado das poucas cabeças de gado que conseguem manter para a sua sobrevivência. Sem falar no medo de que o animal ataque também as pessoas. Há outra questão que se remete aos

fazendeiros que gera opiniões controversas entre os moradores, embora sejam uma fonte de renda por oferecerem trabalho, alguns moradores consideram positivo terem trabalho nas fazendas, já outros, dizem que os fazendeiros os exploram, inclusive, um deles afirmou que trabalhou por vários meses e recebeu por apenas um.

Com relação à manutenção da identidade cultural, conforme relata Simone (28 anos, universitária e professora de danças tradicionais)<sup>4</sup>, os membros da comunidade se esforçam para manter vivas as manifestações culturais típicas que foram trazidas por seus ancestrais negros para a região. Ressalta que embora tenham sofrido modificações ao longo dos anos, por influência do próprio meio, os traços essenciais continuam preservados. De acordo com Simone, a comunidade preserva sua cultura afro, principalmente por meio das crenças, costumes, capoeira e festejos tradicionais que acontecem anualmente. Destaca-se, o festejo em homenagem às Almas Santas Benditas que acontece no dia 02 de novembro, todos os anos, com a realização da congada. Esta é uma celebração que envolve grande parte dos membros da comunidade, que se unem em prol da realização do festejo e manutenção de sua cultura. Outra celebração importante para a comunidade é a Festa de Santana, que ocorre no mês de junho.

Ainda de acordo com a mesma informante, a comunidade busca manter seu modo de vida e seu processo de produção atrelado aos mesmos parâmetros utilizados pelos seus antepassados escravos, mantendo suas moradias com várias características das construções feitas no período colonial, como as de adobe, com telhas coloniais, e a maioria delas possui uma espécie de barracão, uns de telha outros de pau a pique, no fundo do quintal, espaço usado como cozinha ou área de serviço. No entanto, há um contraste entre estas características mais rústicas e as inovações modernas como energia elétrica, televisão, celular, computador, entre outras. Afirma Simone que os medidores de energia incorporados nas paredes fazem com que as casas percam um pouco da sua originalidade, mas não tem como ser diferente, pois precisam da energia.

#### **1.4 A estrutura do trabalho**

A discussão que estrutura este trabalho está organizada em quatro momentos. No primeiro, optou-se pela discussão da globalização e a dinâmica que este processo estabelece

---

<sup>4</sup> Todos os nomes dos moradores citados no decorrer do trabalho são fictícios, isso foi feito atendendo a solicitação dos mesmos de preservar seu anonimato. Mas a idade, sexo e profissão foram mantidos como forma de demonstrar seus lugares na sociedade.

entre o local e o global, demonstrando como os novos condicionamentos sociais postos em prática têm impactos sobre as identidades individuais e coletivas das comunidades tradicionais, alterando o seu modo de vida e influenciando a manutenção de suas práticas e saberes. Para isso, foram utilizados teóricos como Octavio Ianni, Manuel Castells, Anthony Giddens e Stuart Hall. No segundo momento foram abordados os conceitos de resiliência e reconhecimento, a partir das perspectivas de Elbio Nestor Ojeda, Edith Grotberg e Francisca Infante sobre resiliência e Axel Honneth e Charles Taylor no debate sobre reconhecimento. Neste ponto apresentou-se o desenvolvimento dos conceitos e demonstrou-se que as características fundamentais da resiliência comunitária defendida por Ojeda (2005) podem ser relacionadas com os três pilares do reconhecimento defendido por Honneth (2003), comprovando que o reconhecimento é um importante instrumento no processo de superação da adversidade.

No momento seguinte, o conceito de cultura foi discutido a partir da perspectiva de Bronislaw Malinowski, Edward Taylor, Roque Laraia, Levi Strauss e Clifford Geertz. Em seguida foi debatido o conceito de cultura como recurso utilizando como suporte teórico George Yúdice, o qual apresenta a maneira como a cultura tem se tornado nas últimas décadas em um conveniente instrumento de recurso em prol do desenvolvimento econômico. Diante deste uso da cultura como recurso se percebe também que tem havido uma nova forma de lidar com as comunidades tradicionais, incentivando-se o resgate das tradições. Esta ação é apresentada a partir de Javier Lifschitz que a denomina de fenômeno das neocomunidades, com o intuito de demonstrar essa nova abordagem sobre o conceito de comunidade e a recriação da tradição promovida pelo Estado, por meio de políticas de reconhecimentos de saberes tradicionais. Apresentou-se também nesta parte do texto uma abordagem sobre as comunidades quilombolas num contexto de reconstrução identitária. Por fim, no último momento de discussão, ponto alto do trabalho foi realizada a análise dos dados coletados na comunidade a partir dos conceitos de cultura como recurso, resiliência, reconhecimento e neocomunidades.

Como resultado alcançado chegou-se à conclusão de que a comunidade MSJ vive em situação de vulnerabilidade social, com falta de serviços básicos que são imprescindíveis para a qualidade de vida e o desenvolvimento humano. Outro problema detectado foi a falta de efetividade do Estado em cumprir direitos garantidos por lei aos quilombolas, como a demarcação do território, elemento tão importante para a manutenção da identidade e reconhecimento da cultura. Avaliou-se que o reconhecimento por meio da interação coletiva é

um fator de promoção da resiliência. Percebeu-se, por meio dos resultados obtidos com o Quest\_Resiliência, que os sujeitos no plano individual não são plenamente resilientes, mas no plano coletivo apresentam indícios de superação das adversidades que são impulsionados por meio do reconhecimento da tradição e do sentimento de orgulho de pertencimento à comunidade, o que demonstra consistente resiliência. Essa conclusão foi possível ao demonstrar que o Quest\_Resiliência, embora consiga mensurar a resiliência em âmbito individual e em equipes, como se propõe, e seja um importante instrumento para se mensurar a resiliência comunitária, ainda é insuficiente no âmbito das comunidades, que abrange elementos tradicionais, os quais diferem da cultura predominante, e precisam ser mensurados em suas particularidades.

## 2 A GLOBALIZAÇÃO E A DINÂMICA ENTRE O GLOBAL E O LOCAL: NOVOS CONDICIONAMENTOS SOCIAIS

A globalização é um processo que se destaca no contexto atual, devido ao fortalecimento e expansão que tem adquirido no século XXI. Com este fenômeno o mundo deixou de ser um conglomerado de nações e sociedades nacionais com suas relações de interdependência para se tornar em grande medida uma sociedade global, fato que proporcionou uma mudança profunda na organização social, política e cultural das sociedades. Novos condicionamentos sociais foram postos em prática, forçando os pesquisadores a reflexões a partir do conceito de sociedade globalizada. Como destacado no início do texto, Lopes (2006) afirma que os novos condicionamentos sociais são as determinações sociais existentes na base das sociedades capitalistas que configuram novos processos de mediação com a realidade social mais ampla, estrutural, nos períodos de crise pelos quais essas sociedades passaram, e passam atualmente, visando à manutenção de sua hegemonia. Desse modo, não é mais possível o estudo de uma sociedade sem considerar a influência da globalização em todos os aspectos de sua organização e o resultado desta dinâmica nas demandas das comunidades e nas mudanças das identidades coletiva e individual.

Como afirma Octavio Ianni (1994), é evidente que no cenário nacional, aspectos particulares dos indivíduos, grupos, movimentos sociais, língua, cultura, política, mercado, etc., continuam vigentes com sua força original. No entanto, simultaneamente, a sociedade nacional se articula de maneira dinâmica e contraditória com as configurações e movimentos da globalização. Todavia, antes de se abordar sobre a globalização e seus impactos, é necessário o esforço para compreender o contexto sócio histórico atual que a envolve, nesse sentido, é necessário discutir aqui o que vem a ser modernidade, bem como suas consequências e contradições.

Cabe destacar, acerca do que venha a ser modernidade, que há diferentes perspectivas e interpretações que tornam o exercício mais difícil e complexo, havendo inclusive muitas controvérsias sobre o nome que se deve dar a este momento histórico atual. Há aqueles que defendem que o momento atual é considerado como pós-modernidade (HARVEY, 2003; HALL, 2003), já outros acreditam que é modernidade tardia (GIDDENS, 1991, 2002). Inclusive, há aqueles que ainda insistem em denominar este período de modernidade, alegando não ter havido ainda uma ruptura significativa que o alterasse (GIDDENS, 2002). Mas, mesmo quem defende esta ideia não deixa de reconhecer que houve mudanças

importantes a partir da segunda metade do século XX, pois, o sujeito que era unificado e centrado passou a ser descontinuado e desencaixado (GIDDENS, 1991, 2002), encontrando-se cada vez mais rompido e fragmentado (HARVEY, 2003). O entendimento acerca desta temática requer um enfoque mais detido, por esse motivo, optou-se pela abordagem das teorias de Anthony Giddens e David Harvey, que possuem interpretações distintas e importantes sobre o assunto, que serão apresentadas separadamente, iniciando com a perspectiva de Giddens e posteriormente a de Harvey.

## **2.1 As descontinuidades e fragmentações proporcionadas pela modernidade**

Anthony Giddens (2002) discute sobre as descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais e utiliza o termo modernidade para se referir às instituições e modos de comportamento que foram estabelecidos pela primeira vez na Europa após o feudalismo, porém, ressalta que seus impactos se tornaram mundiais no século XX. Em outra obra, o autor define modernidade como “[...] estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” (GIDDENS, 1991, p. 11). Afirma que a modernidade até pode ser considerada aproximadamente como equivalente ao mundo industrializado, entretanto, não se pode desconsiderar que esta era possui vários eixos institucionais, do qual o industrialismo é um deles. O industrialismo se refere às relações sociais que estão implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Outro eixo destacado pelo autor é o capitalismo, o qual se refere a um sistema de produção de mercadorias que envolvem mercados competitivos de produtos e mercantilização de força de trabalho. Além destas duas dimensões, há também segundo Giddens (2002), as instituições de vigilância que compreendem a base do crescimento maciço da força organizacional associado ao surgimento da vida social moderna; ou seja, é o controle e a supervisão de populações submissas. Como aponta o autor, para utilizar os termos de Foucault, é uma espécie de supervisão visível, ou o uso da informação para coordenar as atividades sociais.

Giddens (2002) ressalta que a modernidade produz formas sociais distintas, entre elas o Estado-nação, a qual se constitui em uma entidade sociopolítica que se desenvolve como parte de um sistema maior de Estados-nações, que, no contexto atual, atingiu um estágio global contrastando com a maioria dos sistemas tradicionais. Os Estados modernos se

configuram como sistemas reflexivamente monitorados, que seguem políticas e planos que são coordenados em uma escala geopolítica. Assim, destaca que uma das características mais gerais da modernidade é justamente a ascensão da organização. Desse modo, as organizações modernas são caracterizadas pelo monitoramento reflexivo que elas permitem e implicam, possibilitando que haja um controle regular das relações sociais dentro de espaço e tempo indeterminado.

Diante dessas características, “[...] em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas discontinuidades com as culturas e modos de vida pré-modernos.” (GIDDENS, 2002, p. 22). Em vários momentos históricos ocorreu a transição de uma sociedade para outra, proporcionando as discontinuidades. Mas, as transformações que ocorrem na modernidade são mais profundas que as mudanças características de períodos precedentes; tanto em matéria de extensão, pois suas formas de interconexão social cobrem o globo, quanto em intenção, pois vieram a alterar características íntimas e pessoais da nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991). Conforme Giddens (1991), não dá para negar que entre o tradicional e o moderno existem continuidades, e nenhum dos dois formam um todo à parte, mas as mudanças que ocorreram foram tão marcantes, tão impactantes, que aquilo que se acredita conhecer se reduz, ou pelo menos se remete a períodos precedentes mais recentes na tentativa de interpretá-los.

Diante disso, conforme destaca o autor, diversas são as características que envolvem as discontinuidades responsáveis pela separação entre instituições sociais modernas e as ordens sociais tradicionais. Entre elas está o ritmo de mudança social, que é posto em movimento pela era moderna de maneira muito mais rápida que nos sistemas tradicionais. São maiores também a amplitude e a profundidade dos seus impactos sobre as práticas sociais e sobre os modos de comportamento. Na comunidade MSJ, essa influência é evidente, conforme relatos a geração mais velha de moradores que compõem o grupo nascia, crescia e morria dentro da comunidade utilizando para sua sobrevivência o que tiravam da terra e de seus esforços dentro deste espaço. A água era limpa e utilizada do córrego ou de cacimbas e poços que ficavam dentro da comunidade. Atualmente isso já não é mais realidade, pois utilizam água de um poço providenciado pela prefeitura, que distribui para todos os moradores, porém com qualidade ruim, a água é salobra<sup>5</sup>, fato que, segundo os relatos, tem influenciado no aumento do número de hipertensos no local, inclusive crianças.

---

<sup>5</sup> Salobra significa “[...] 1 que tem certo sabor de sal 2 que tem em dissolução alguns sais ou substâncias que a tornam desagradável ao paladar (diz-se de água) 3 [...] a base é sal [...]” (HOUAISS, 2004, p. 2502). Segundo a

Outro elemento que foi relatado, é que os moradores mais velhos, quando estavam em fase escolar, utilizavam somente os serviços educacionais da escola situada na própria comunidade, que atendia inclusive crianças das fazendas vizinhas. A vida acontecia majoritariamente em âmbito local, sem grandes impactos da dinâmica externa, inclusive a maioria dos casamentos se dava entre parentes, mais especificamente entre primos. Atualmente algumas diferenças podem ser notadas: a maioria das crianças em fase escolar precisa ir para Santa Rosa para concluir o ensino básico; os jovens estão buscando a formação profissional, para isso saem da comunidade e utilizam os serviços de instituições educacionais modernas como a universidade; e os casamentos já ocorrem com muita frequência, não exclusivamente, com pessoas de fora da comunidade; o uso de tecnologias tem se tornado cada vez mais constante entre os moradores. Estas alterações demonstram como as influências globais tem impactado o modo de vida local.

Uma segunda característica é o escopo da mudança, no qual ondas de transformação social vão penetrando virtualmente todo o globo. Uma terceira descontinuidade se refere à natureza intrínseca das instituições modernas. Algumas instituições nem se encontram em períodos históricos precedentes, como é o caso do sistema político do estado-nação; outras possuem uma continuidade aparente com ordens sociais pré-existentes, como é o caso da cidade (GIDDENS, 1991).

Para Giddens (2002), uma característica marcante da modernidade é o dinamismo. Cada cultura pré-moderna desenvolveu sua forma de cálculo do tempo e de ordenamento espacial, mas nas sociedades modernas, vivemos em um mundo no qual o sistema de tempo é universal e as zonas de tempo são globalmente padronizadas. Mas, isso não significa que o tempo e o espaço estão alheios à organização social humana, pelo contrário, a organização social moderna exige uma coordenação precisa das ações entre os homens que estão fisicamente distantes, ou seja, o quando dessas ações está diretamente ligado ao onde (GIDDENS, 2002). Em outras palavras, esta separação “[...] é a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais.” (GIDDENS, 2002, p. 26). Para o autor, a separação entre tempo e espaço é condição importante para o processo de desencaixe das instituições sociais.

Os mecanismos de desencaixe das instituições sociais se referem ao segundo elemento discutido pelo autor. Trata-se de um elemento essencial da natureza e do impacto das instituições modernas, é o deslocamento das relações sociais de seus contextos locais e sua

rearticulação por meio das partes indeterminadas do espaço-tempo. Tais mecanismos consistem em dois tipos, fichas simbólicas e sistemas especializados, que em conjunto formam o que Giddens (2002) chama de sistemas abstratos. As fichas simbólicas constituem meios de troca, com valor padrão, que são intercambiáveis em diversos contextos: o dinheiro é um exemplo. O segundo é denominado de sistemas especializados, que dispoem de modos de conhecimento técnico possuem validade independentemente dos praticantes e clientes que fazem uso deles. Tais sistemas penetram em diversos aspectos da vida social moderna e podem ser exemplificados desde os alimentos que comemos às casas que habitamos ou os transportes que usamos. São exemplos também os médicos, cientistas, os técnicos, engenheiros, etc. Os mecanismos de desencaixe separam a interação social das particularidades do lugar, de modo que, afirma o autor, os sistemas especializados não se limitam a áreas tecnológicas, mas se referem também às relações sociais e às intimidades do “eu”. Esses sistemas dependem basicamente da confiança, a qual Giddens (1991, 2002) define como crença na credibilidade de uma pessoa ou no sistema, tendo em vista os resultados em que essa crença expressa uma fé na probidade ou no amor de outro, ou na correção dos princípios abstratos.

O terceiro e último elemento de influência sobre o dinamismo da modernidade é reflexividade, que se refere “[...] ao uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação.” (GIDDENS, 2002, p. 26). Na comunidade em questão, embora os membros lutem para preservar os saberes, as práticas tradicionais e a identidade quilombola, não deixam de estar inseridos na lógica moderna global e de utilizar informações e conhecimentos adquiridos em instituições educacionais para auxiliar nas práticas cotidianas. Alguns moradores saem para estudar fora, em busca de conhecimento e de formação profissional e depois retornam para trabalhar na própria comunidade, como é o caso da diretora do colégio, dos professores e da enfermeira.

Diante desta perspectiva sabe-se que a informação e o conhecimento são constitutivos das instituições modernas, e é preciso ressaltar que, neste cenário, as Ciências Sociais desempenham um papel básico na reflexividade da modernidade, pois elas não se limitam a acumular conhecimentos como as Ciências Naturais. Giddens (2002) afirma que a reflexividade foi introduzida na própria base da reprodução do sistema, desse modo o pensamento e a ação estão constantemente mudando de direção entre si e a rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o passado.

Giddens (2002) ressalta que a modernidade possui tanto características unificadoras quanto desagregadoras. Afirma que existiam sistemas pré-modernos que eram formados por grupos fragmentados de comunidades humanas, assim como na modernidade tardia há situações em que a humanidade, em alguns aspectos, se torna um “nós”, enfrentando problemas e oportunidades onde não há “outros”. Desse modo, na perspectiva do autor, a modernidade possui elementos de fragmentação e de unificação ao mesmo tempo, ou seja,

A alta modernidade é caracterizada pelo ceticismo generalizado juntamente à razão providencial, em conjunto com o reconhecimento de que a ciência e a tecnologia têm dois gumes, criando novos parâmetros de risco e perigo ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades benéficas para a humanidade. (GIDDENS, 2002, p. 32).

Nesse sentido, conforme destaca o autor, a vida social moderna introduz novas formas de perigo que a humanidade inevitavelmente terá que enfrentar, por isso deve se precaver realizando uma estimativa e avaliação dessa possibilidade. De maneira que o futuro precisa ser reflexivamente organizado no presente como forma de evitar resultados irreversíveis. Não que nas sociedades pré-modernas isso não fosse presente, pelo contrário, a vida sempre foi cercada de perigos. A diferença segundo Giddens (2002), é que na sociedade pré-moderna os membros de cada sociedade se preocupavam em levar sua vida tendo como base o seu conhecimento local ou, no máximo, de um grupo de parentesco imediato. Já na sociedade moderna isso não é possível, primeiro porque o conhecimento incorporado nas formas modernas se encontra acessível a todos, desde que tenha recurso, tempo e energia para adquiri-lo. Isso contribui para o caráter errático e descontrolado da modernidade (GIDDENS, 2002).

Recorrendo à interpretação de George Simmel acerca da vida urbana moderna, Harvey (2003) afirma que esta nos colocou diante de uma diversidade de experiências e estímulos. Nessa perspectiva, embora tenhamos nos libertado da dependência subjetiva e conquistado uma maior liberdade individual, isso ocorreu à custa de tratarmos os outros de maneira objetiva e instrumental. Em outras palavras, os relacionamentos passaram a se dar de forma fria e calculista, atitude necessária diante das relações monetárias modernas, fruto da nova divisão social do trabalho, imposta pela hegemonia da racionalidade econômica calculista, a qual se está preso. Conforme destaca Harvey (2003), a rápida urbanização também trouxe o que Simmel chama de “atitude blasé”, na qual o homem urbano diante de tantos estímulos e acontecimentos se sente incapaz de reagir a todos eles com as energias adequadas, “[...] porque somente afastando os complexos estímulos advindos da velocidade da vida moderna poderíamos tolerar os seus extremos.” (HARVEY, 2003, p. 34). Desse modo, afirma o autor

que a única saída seria cultivar um falso individualismo no modo de agir por meio da moda, posição social, marcas pessoais, etc.

A sociedade contemporânea é marcada por múltiplas fontes de opressão e por outro lado múltiplos focos de resistência à dominação. Este pensamento trouxe um caráter mais libertador, tendo a alteridade como uma de suas preocupações (HARVEY, 2003). Houve então uma abertura para se compreender a diferença e a alteridade, oferecendo certa liberdade aos novos movimentos sociais, com o propósito de dar aos grupos o direito de falar de si mesmos, com sua própria voz, dando a eles a legitimidade e autenticidade essencial para o pluralismo cultural contemporâneo (HARVEY, 2003).

No entanto, segundo Harvey (2003) a sociedade atual é caracterizada pela fragmentação e a instabilidade da linguagem e dos discursos que impede a criação de estratégias para um futuro radicalmente melhor. Esta concepção leva a uma desordem temporal, uma dificuldade de unificar o passado, presente e futuro da nossa própria experiência de vida. Defende o autor que é importante reconhecer as diversas formas de alteridade. É necessário ser considerado, também, como algo que imita as práticas sociais, econômicas e políticas da sociedade, todavia, como imita facetas distintas dessas práticas pode se apresentar com aparências variadas. Acredita que a sociedade possui uma caracterização fragmentária, efêmera e caótica, enquanto exprime um intenso ceticismo acerca de como conceber, representar ou exprimir o eterno e o imutável. Essas características do momento histórico atual fazem com que alguns autores afirmem que vivemos em um mundo em descontrole (GIDDENS, 2002) ou mesmo em uma desordem em âmbito global (CASTELLS, 2005), em que os indivíduos estão em estado de insegurança e perdendo o controle sobre suas vidas.

## **2.2 O processo de globalização e os novos condicionamentos sociais**

De acordo com Giddens (2002), as disposições globalizantes são inerentes às influências dos elementos que constituem o aspecto dinâmico da modernidade. A globalização da atividade social, fruto da modernidade, constitui um processo de desenvolvimento de laços genuinamente mundiais. Destaca que a globalização se refere à “[...] intersecção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais “à distância” com contextualidades locais.” (GIDDENS, 2002, p. 27). Para o autor, a globalização precisa ser entendida como um fenômeno dialético, isso porque, os eventos que

ocorrem em um polo de uma relação podem produzir resultados divergentes ou contrários ao serem produzidos no outro, é o que o autor denomina de dialética do local e do global.

As transformações que a identidade e a globalização vêm sofrendo são, segundo Giddens (2002), os dois polos da dialética do local e do global, pois, as mudanças que tem ocorrido na vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude, de maneira que o “Eu” e a sociedade se encontram inter-relacionados num meio global. No passado, os elementos culturais e da organização social das comunidades tradicionais, que caracterizavam sua identidade, se mantinham sempre mais ou menos da mesma forma no âmbito coletivo, ou seja, havia poucas mudanças. As transições na vida dos indivíduos, como por exemplo, a chegada à vida adulta, eram destacadas pelo grupo, por meio de rituais de passagem, de maneira que as mudanças de identidade do indivíduo eram claramente indicadas de geração em geração. Mas, tais mudanças não resultavam necessariamente na mudança de identidade da comunidade. Na comunidade MSJ, há até hoje a insistência por parte dos membros em lutar para manter os elementos que constituem sua identidade, sendo os rituais e os festejos anuais exemplos nítidos desta luta. Conforme relatos, poucas foram as mudanças que ocorreram na organização e na execução dos festejos, mantendo-se os elementos essenciais como era feito originalmente. Algumas alterações foram feitas, segundo eles, apenas para deixar a festa melhor, como por exemplo, aumentar a variedade de comida a ser oferecida aos participantes e visitantes, mas sem deixar de fazer os pratos tradicionais como o bolo, o beiju e o café.

Já na sociedade moderna as identidades precisam ser exploradas e construídas como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. Como ressalta o autor, os sistemas abstratos institucionais estão cada vez mais envolvidos na formação e continuidade da identidade. A primeira socialização das crianças, por exemplo, depende muito mais de instituições como escolas, conselhos, pediatras, do que da iniciação direta feita pelos pais e avós. Não que a comunidade MSJ não tenha atualmente elementos da sociedade moderna embutidos em seu cotidiano, pelo contrário, como dito anteriormente, embora seja tradicional e mantenha saberes e práticas que moldam sua identidade, também está inserida na lógica moderna e, portanto, possui elementos modernos. Pode-se citar como exemplo, o uso da energia elétrica, da tecnologia, dos conhecimentos modernos adquiridos nas universidades, o uso de aparelhos eletroeletrônicos, entre outros.

Analisar este processo constitui um exercício de imprescindível importância, devido à capacidade de transformação que promove na estrutura da sociedade. De acordo com Ianni

(1994), diante desta nova configuração, o termo sociedade sofreu alterações no seu significado e passou a compreender um conjunto de várias sociedades, que embora ainda possuam cada qual certo grau de autonomia, esta é geralmente relativa e condicionada. Isso se deve à inevitável condição de Estados Nações que estão relacionalmente entrelaçados de maneira global. Desse modo, “[...] o local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado” (IANNI, 1994, p. 151). Embora a nação e o indivíduo continuem a ser muito reais e inquestionáveis, povoando todo o lugar com sua reflexão e imaginação, não são mais hegemônicos nas suas decisões, pois foram “subsumidos” pela sociedade global, pelos movimentos da globalização (IANNI, 2007).

Na comunidade em questão, embora os moradores mantenham seus hábitos e costumes tradicionais o mais próximo possível da maneira como eram feitos por seus antepassados, são influenciados cotidianamente pelos elementos transformadores da globalização. Percebe-se, a todo o momento, a mescla do moderno com o tradicional nos usos e costumes da comunidade. Exemplo disso está nas casas que são parte de adobe e parte de alvenaria; está também nos eletrodomésticos utilizados nas casas como, por exemplo, o uso do fogão a lenha e do freezer; o caminhar descalço dos mais velhos, contrastado pelo uso do salto ou o uso da chapinha nos cabelos pelas mais jovens; dentre outros.

O teórico Manuel Castells, em seus estudos, traz um elemento importante para se pensar a sociedade do século XXI: a ideia de sociedade em rede por meio da qual analisa, de maneira abrangente, as diversas dimensões da sociedade diante do fenômeno da globalização e da tecnologia da informação. Nessa análise, destaca que a sociedade atual possui uma nova estrutura social, caracterizada por um sistema de redes interligadas, o qual denomina de era da informação.

Com a revolução tecnológica e conseqüentemente o surgimento de novas tecnologias, a superfície do mundo todo se transformou, proporcionando uma remodelação da base material da sociedade em ritmo acelerado (CASTELLS, 2005). Como fruto desse fenômeno houve o desenvolvimento da tecnologia da informação, tornando o conhecimento globalizado, por meio de instrumentos como TV, computador e Internet. Saber o que ocorre em outros países se tornou mais fácil e rápido já que as notícias e informações são transmitidas ao mundo no momento em que acontecem. As barreiras geográficas foram sendo superadas, e as comunidades antes isoladas foram sendo inseridas no processo global.

Portanto, com a globalização e o avanço da tecnologia da informação criou-se uma extensa rede de informações que conecta o mundo todo, trazendo consequências em todas as dimensões da sociedade. Atualmente, as novas tecnologias constituem importante instrumento de transformação social, econômica, política e cultural. Para discutir sobre o processo da globalização e da tecnologia da informação, Octavio Ianni em *Teorias da Globalização* (2007), faz uso de algumas metáforas para realizar sua análise. Com a metáfora da aldeia global, o autor faz uma analogia com a ideia de um mundo sem fronteiras. Sugere que com a globalização surgiu uma comunidade mundial, fato possibilitado pelo advento da comunicação, da informação e da relação aberta, proporcionada pela tecnologia. Em pouco tempo as nações, regiões, civilizações são atravessadas e articuladas pelo sistema de comunicação e informação, que foi favorecido pelo advento da tecnologia.

Nesse sentido, com a globalização, tudo passou a ser passivo de ser comercializado e consumido como mercadoria: a informação, a comunicação, o entretenimento, as ideias, a cultura, o corpo, etc. Conforme afirma Ianni (2007), deixamos de produzir apenas produtos empacotados e passamos para o empacotamento de informações. Prevê o autor que

[...] a Terra terá a sua consciência coletiva suspensa sobre a face do planeta em uma densa sinfonia eletrônica, na qual todas as nações – se ainda existirem como entidades separadas – viverão em uma teia de sinestesia espontânea, adquirindo penosamente a consciência dos triunfos e mutilações de uns e de outros. (IANNI, 2007, p. 17).

Há algumas décadas os mercados estrangeiros eram invadidos por mercadorias, hoje culturas inteiras são invadidas com informação, entretenimento, redes sociais e tudo mais que a tecnologia e a internet propiciam. Diante desta realidade, para se sustentar, o processo de globalização necessita cada vez mais de tecnologia. A informação gerada em tempo real se transformou em um combustível para o sistema capitalista. Então, quanto mais tecnologia se utiliza, mais tecnologia se precisa, entrando em um círculo vicioso.

A tecnologia chega a todos os lugares, sendo possível hoje utilizar um equipamento tecnológico, como celular, por exemplo, em espaços rurais que nem mesmo tem energia elétrica. A utilização das antenas externas para celular possibilita que os moradores da área rural tenham acesso a sinal de telefonia móvel. Na comunidade foco deste trabalho, isto é uma realidade, e todas as casas tem antena externa para sinal de celular, o que possibilita o contato entre os moradores e as pessoas que residem em outros locais. Mas, embora o celular seja uma realidade no Brasil há pelo menos 25 anos, na comunidade só chegou há uns 3 anos. Antes da existência dessas antenas, a comunicação entre os moradores e seus parentes era

muito difícil, pois só existia um telefone público que ficava a maior parte do tempo com defeito. Nesse caso, para ter notícia de alguém era necessário viajar ou esperar que algum visitante trouxesse a informação. Como afirmam os moradores, esta foi uma vantagem que o mundo moderno trouxe para eles, pois reduziu a preocupação por falta de notícias.

É evidente também a ocorrência de outros fatores derivados do processo de globalização: o mundo se vê diante de novos modelos de negócios; ocorre em grande parte a virtualização do trabalho; a demanda por mão de obra especializada aumenta significativamente; etc. Desse modo, o contexto globalizado do século XXI, implica um desafio às empresas, instituições, Estados. O desafio é manter-se num mercado cada vez mais exigente e com empresas cada vez mais dinâmicas, imediatistas e diversificadas, o que requer que os países utilizem de maneira sistemática toda a capacidade tecnológica para não ser atropelado.

Utilizando outra metáfora, da fábrica global, Ianni (2007) indica uma transformação quantitativa e qualitativa do capitalismo, no qual tudo passa a ser desenvolvido não mais apenas em escala internacional ou multinacional, mas sim em escala mundial. Com a globalização a economia nacional se torna província da economia global e mercado, a divisão social do trabalho e as forças produtivas passam a serem organizadas conforme os ditames mundiais. Este fator, em alguma medida, também já impactou a comunidade em questão, isso porque antes, há alguns anos, a produção nas terras era realizada apenas para subsistência e atualmente, devido à necessidade de aumentar a renda, que majoritariamente origina-se de bolsas assistencialistas ou de cargos públicos (trabalham dentro da própria comunidade em instituições como escola, correio e posto de saúde), alguns dos moradores criam estratégias para vender alguns produtos de sua produção. Conforme relato, entre uma das estratégias está a produção de polpas de frutas e a criação de galinhas para produzirem refeições que serão vendidas para frequentadores das praias na alta temporada. Infelizmente, como afirma uma informante, isso só é vantajoso mesmo nas temporadas, que ocorrem geralmente de maio a outubro, período da estiagem, porque em outros meses do ano não se consegue vender muito, a não ser para os próprios moradores ou visitantes, que demandam pouco. Outros criam algumas cabeças de gado, mas a produção é pequena, pois nas proximidades da comunidade existem os grandes fazendeiros que possuem mais poder de venda. E há aqueles que abriram um pequeno armazém para atender a pouca demanda local, atividade que não rende muito. Observou-se também a existência de um pequeno bar, que conforme relato, traz um pouco de distração aos moradores e uma renda ao casal de proprietários. Cabe destacar que são poucos

os moradores que dependem de renda conquistada fora da comunidade, entre estes alguns trabalham nas fazendas que ficam no entorno da comunidade, outros trabalham em Porto Nacional, mas a maioria é aposentado, lavrador ou funcionário público (trabalha na própria comunidade).

Segundo Ianni (2007), com a globalização houve uma tecnificação das relações sociais e em todos os níveis ela se universaliza. Ao mesmo tempo em que houve o desenvolvimento do capitalismo no mundo, houve também uma generalização da racionalização do mercado, das empresas, do Estado, do capital, das ideias, enfim tudo foi codificado nos princípios do direito. O autor afirma que

Juntam-se o direito e a contabilidade, a lógica formal e calculabilidade, a racionalidade e a produtividade, de tal maneira que em todos os grupos sociais e instituições, em todas as ações e relações sociais, tendem a predominar os fins e os valores constituídos no âmbito do mercado, da sociedade vista como um vasto e complexo espaço de trocas. Esse é o reino da racionalidade instrumental, em que o indivíduo se revela adjetivo, subalterno (IANNI, 2007, p. 21).

Em suma, Ianni adverte que diante de todas as características do advento moderno da globalização, o indivíduo ser moderno significa anular a sua própria individualidade, renegar as suas origens culturais e se dedicar ao consumo de bens e informações que a mídia veicula diariamente. Segundo Ianni (1994), há que se pensar que a sociedade global não é apenas uma extensão qualitativa e quantitativa da sociedade nacional, mas sim uma realidade original, desconhecida e carente de interpretação.

Mas, por outro lado, é preciso lembrar que as mudanças não aconteceram de uma hora para outra. Como bem destaca Castells (2005), no caso da revolução tecnológica, o início se deu em meados dos anos 1970, porém a consolidação só se deu por volta de 1990. Durante o intervalo de tempo de aproximadamente 20 anos, as empresas, as instituições, as organizações e o povo, ou seja, a sociedade como um todo, precisou processar as mudanças para conhecer, se acostumar e aprender a lidar com o novo paradigma tecnológico que invadia o século XX. Por isso, as decisões de como seriam a aplicação dessa ferramenta levou certo tempo para ocorrer. Com esta revolução “[...] o que mudou não foi o tipo de atividade em que a humanidade está envolvida, mas sua capacidade tecnológica de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza nossa espécie como uma singularidade biológica: nossa capacidade superior de processar símbolos” (CASTELLS, 2005, p. 142). Assim, conforme demonstra o autor, entre as décadas de 1970 e 1980 as economias nacionais não refletiam de maneira integral o resultado da revolução tecnológica no crescimento da economia. E também

esse reflexo não foi sentido por todos os países da mesma forma, sendo que cada setor nacional sentiu e reagiu à sua maneira, resultando em maior ou menor avanço na economia dos países<sup>6</sup>.

Diante deste panorama de transformações advindo do protagonismo das novas tecnologias da informação e da comunicação, diversos países no mundo todo passaram a manter uma relação econômica de interdependência global, apresentando assim um novo formato de relação entre Estado, sociedade e economia. Assim, destaca Castells (2005) que a economia mundial, no final do século XX, acabou se tornando uma economia global<sup>7</sup>. Este fato ocorreu sob dois aspectos: com base na nova infraestrutura que a tecnologia da informação e comunicação pôde propiciar e também com a ajuda das políticas de desregulamentação e da liberalização que os governos e instituições internacionais colocaram em prática. Esse cenário também fez com que o capitalismo enfrentasse um movimento de transformações que promoveu uma reestruturação no processo de produção. Como consequência houve uma nova divisão social e técnica, que modificou em grande medida o mundo do trabalho, trazendo, entre outras mudanças, maior flexibilização no gerenciamento das relações de trabalho.

No que tange às questões sociais, as mudanças também foram drásticas, trazendo a redefinição das relações entre indivíduos e instituições. Fazendo com que os indivíduos tendessem a reagrupar-se em torno de identidades primárias, sendo elas religiosas, culturais, étnicas, territoriais. Embora a busca da identidade não seja uma tendência nova, “[...] em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social.” (CASTELLS, 2005, p. 41). Salienta o autor que a busca da identidade é tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica. Afirma que estamos vivenciando um período em que a sociedade se estrutura cada vez mais em uma oposição bipolar entre a rede e o ser, ou seja, o indivíduo tem organizado seu significado em torno do que é, ou acredita que é, e não em torno do que faz o que pode causar profunda tensão na comunicação entre os grupos sociais, resultando muitas vezes em uma fragmentação social, a partir da qual as identidades se tornam cada vez mais específicas e mais difíceis de serem compartilhadas.

---

<sup>6</sup> Para maiores esclarecimentos acerca do reflexo da Revolução Tecnológica em alguns países como Japão, EUA, etc. ver Castells (2005).

<sup>7</sup> De acordo com Castells (2005), economia mundial é uma economia em que a acumulação de capital avança por todo o mundo e economia global é uma economia capaz de funcionar como uma unidade em tempo real e escala global.

O autor aponta ainda que a transformação tecnológica não é um fator determinante da sociedade, já que o resultado final depende de um complexo padrão interativo, que leva em conta muitos fatores como criatividade e iniciativa empreendedora. Mas, não dá para negar a penetrabilidade da revolução da tecnologia da informação em todas as esferas da atividade humana. Tanto que, para o autor, atualmente a sociedade não pode ser entendida sem suas ferramentas tecnológicas. Neste sentido, embora a sociedade não determine a tecnologia, tem a capacidade de intervir, por meio do Estado, no seu curso. Isso pode ocorrer tanto no sentido de sufocar o seu desenvolvimento quanto propiciar uma modernização tecnológica capaz de influenciar significativamente a transformação em todas as dimensões da sociedade em pouco tempo (CASTELLS, 2005).

Portanto, em uma mesma cultura é possível induzir trajetórias tecnológicas muito diferentes dependendo do padrão de relacionamentos entre o Estado e a sociedade. Desse modo, no que tange à relação entre tecnologia e sociedade, “[...] o papel do Estado, seja interrompendo, seja promovendo, seja liderando a inovação tecnológica, é um fator decisivo no processo geral, à medida que expressa e organiza as forças sociais dominantes em um espaço e uma época determinados.” (CASTELLS, 2005, p. 49). Assim sendo, a tecnologia expressa a habilidade que a sociedade, por intermédio das instituições sociais, tem de impulsionar seu domínio tecnológico favorecendo o desenvolvimento do país.

Com o advento da tecnologia da informação, o sistema capitalista passou por um importante processo de reestruturação em escala global, que culminou em um novo modo de desenvolvimento, denominado por Castells (2005) de informacionalismo. O qual constitui “[...] a conexão histórica entre a base de informação/conhecimento da economia, seu alcance global, sua forma de organização em rede e a revolução da tecnologia da informação que cria um novo sistema econômico distinto [...]” (CASTELLS, 2005, p. 119). O resultado deste fenômeno foi o surgimento de uma nova estrutura social manifestada de maneira diferente em cada sociedade, de acordo com a cultura e as instituições que a constituem.

Historicamente, é comprovado que as sociedades se organizam em processos estruturados por relações de produção, experiência e poder. A relação de produção se dá pela ação do homem sobre a natureza, modificando-a e transformando-a em um benefício, por meio de um produto que poderá ser consumido ou acumulado para ser usado como investimento de acordo com o objetivo socialmente determinado. Isso se dá pela ação do sujeito sobre si mesmo, por meio da interação das identidades biológicas e culturais do indivíduo em relação ao ambiente social e natural. O autor ressalta que foi a comunicação

simbólica entre os homens e a relação entre estes e a natureza com base na produção, experiência e poder que geraram cultura e identidades coletivas.

Afirma Castells (2005) que cada modo de desenvolvimento tem sua fonte de produtividade pautada em elementos específicos que requer algum grau de conhecimento e informação. Entretanto, o que há de específico no modo de desenvolvimento informacional em relação a estes elementos é a ação de conhecimento sobre o próprio conhecimento como fonte de produtividade principal, e o foco na melhoria no processamento da informação e da geração de conhecimento. É por este motivo que o autor nomeia este modo de desenvolvimento de informacional, constituído de um novo paradigma baseado na tecnologia da informação, o qual tem como função principal a busca por conhecimento e informação.

Nesta perspectiva, o fator decisivo para a formação e desenvolvimento desse novo paradigma da tecnologia da informação é o processo de reestruturação capitalista empreendido desde o último quarto de anos do século XX, o que favoreceu a adequada caracterização do novo sistema econômico e tecnológico como capitalismo informacional. As várias reformas empreendidas neste processo de reestruturação tinham como objetivo principal, aumentar o lucro na relação capital/trabalho; aumentar a produtividade; globalizar a produção, circulação e mercados; e direcionar o apoio do Estado para os ganhos de produtividade e competitividade das economias nacionais, geralmente em detrimento da proteção social e das normas de interesse público. De tal modo que, a inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade foram imprescindíveis para a eficiência no processo de reestruturação.

Diante do cenário de integração global da economia, manter as políticas monetárias nacionais de forma autônoma se tornou inviável, sendo necessário que ocorresse a uniformização dos parâmetros econômicos básicos dos processos de reestruturação em todos os países. Contudo, ressalta Castells (2005) que embora o processo de reestruturação ocorresse em escala global, cada país enfrentou este processo de forma diferente, de acordo com sua história, cultura e instituição. Isso porque, as relações sociais são definidas com base nos atributos culturais que especificam a identidade do país. A identidade é o elemento fundamental em uma sociedade, sem ele o país não existe enquanto estado nacional<sup>8</sup>.

No que diz respeito à integração das novas tecnologias da informação em âmbitos globais, o autor ressalta que a identidade é tida como um princípio organizacional nas sociedades informacionais. E a define como “[...] o processo pelo qual um ator social se

---

<sup>8</sup> Sobre esse aspecto específico da relação entre globalização e identidade, que Castells chama de relação entre Rede e Ser, ver Castells (2005).

reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (CASTELLS, 2005, p. 57-58). Enfim, no século XXI já não é mais possível pensar a vida econômica e política de um país sem considerar as inter-relações que ocorrem por intermédio de uma rede global. Todavia, a identidade de cada país influencia no tipo de relação que será estabelecida e, conseqüentemente, no objetivo final e resultado de cada um.

Sabe-se que a inserção no mundo globalizado é inevitável, logo, os impactos advindos desse processo também o são. Cada dia mais, os países avançam na busca por espaços e relações mais vantajosos economicamente, no entanto, em que medida os direitos de sobrevivência, moradia e de manutenção da identidade cultural de uma comunidade, deve ser ocultado em detrimento desse processo? Avançar é positivo, mas o desafio que se coloca para o Brasil na atualidade é avançar com democracia e justiça social, respeito à geração futura, consciência ambiental e criação de políticas públicas efetivas de erradicação da situação de vulnerabilidade social que se encontra boa parte da população. O avanço não deve ser somente em direção ao econômico, mas deve ser equilibrado com a qualidade de vida. Esta necessidade já vem sendo discutida por muitos críticos e teóricos, todavia, ainda não se presenciou nenhuma mudança significativa, que nos force a deixar de reivindicar tal atitude. Exemplos disto o Brasil tem de sobra, mas para este trabalho trazemos como foco a realidade das comunidades tradicionais frente os efeitos da modernidade.

Cabe destacar que a globalização teve forte influência no processo de desenvolvimento em âmbito global. Porém, não conseguiu extinguir a desigualdade entre os países; muito pelo contrário, em muitos casos favoreceu a ampliação desta desigualdade. De acordo com Pochmann (2011), isso se deve à proliferação das cadeias de produção, que integradas globalmente por parte das grandes corporações transnacionais, permite cada vez mais a produção centrada fundamentalmente sobre custos mais eficientes, verificados em distintas realidades do mundo. Somente os países que possuíam maior capacidade de utilizar as novas tecnologias e lidar com a dinâmica do mercado internacional conseguiram se desenvolver e se destacar no cenário das potências mundiais. Isso foi um grande desafio para os países considerados menos desenvolvidos. (POCHMANN, 2011). A globalização consegue, por meio da liberdade de movimento comercial, reduzir as barreiras e os controles nacionais sobre o comércio e sobre os fluxos do dinheiro, inclusive investimentos (GARCIA, 2009). Porém, aos países periféricos fica a possibilidade de verem reduzida a autonomia para decidirem seus próprios destinos nacionais.

Historicamente, o processo de desenvolvimento brasileiro ocorreu com base em uma relação desigual entre as demandas do Estado e os direitos da sociedade civil. Tendo como horizonte um projeto macroeconômico, com o intuito de aproximar o país das grandes potências econômicas mundiais, intensificou ações que muitas vezes geraram danos à população, como por exemplo, desapropriação de terras, mudança forçada de residência, etc. Fato ainda mais sério quando se trata de comunidades tradicionais, pois, estas além de terem seu modo de vida próprio, que é alterado pelas adversidades provocadas pelo fenômeno, ainda estão à margem da sociedade, de modo que os impactos do processo agravam sua situação de vulnerabilidade social.

Então, neste contexto, a região amazônica e o estado do Tocantins mais especificamente, se destacam negativamente devido à existência de inúmeros problemas, dentre eles: o problema da ocupação territorial, do extrativismo e do agronegócio, da pobreza extrema em diversos municípios, dos conflitos sociais, entre outros. A questão vai se tornando mais complexa na medida em que se constata que os processos transnacionais de reestruturação produtiva e globalização estão se destacando pelo seu fortalecimento e expansão, impactando o país de maneira significativa. Este fato vem alterando a dinâmica social e o desenvolvimento da região como um todo, proporcionando uma intensa transformação da configuração social, gerando novos condicionamentos sociais.

Com estes novos condicionamentos sociais, postos em prática a partir do processo de reestruturação produtiva e globalização, ocorreram mudanças também no modo de vida de comunidades. Isso porque as comunidades não se encontram separadas, isoladas do restante da sociedade, pelo contrário, estão cada vez mais integradas pelo movimento da globalização. A comunidade MSJ é um exemplo desta integração, pois ao mesmo tempo em que busca, por meio de suas práticas tradicionais, manter sua identidade e modo de vida protegidos das adversidades, estão inseridas no movimento da globalização, logo são impactadas pelas adversidades advindas deste fenômeno, tanto positivamente, por meio de benefícios como a tecnologia, a energia elétrica e geração de renda, quanto negativamente, com desmatamento da área do entorno da comunidade; avanço de onças em suas terras, que causam ameaça a seus animais; diminuição de água limpa obviamente indispensável para a sobrevivência.

É como diz Amartya Sen (2000), a articulação entre o desenvolvimento e a cultura se dá de forma tão direta que os vínculos correspondem aos meios e aos fins do desenvolvimento, de maneira que, ao mesmo tempo em que a pessoa afeta o processo, é também afetada por ele. Esta concepção pode ser também utilizada no que se refere à

globalização e os novos condicionantes sociais, pois o fenômeno é tão intenso que não é possível mais estar fora de seu movimento. Desse modo, o impacto é inevitável, e as influências são mais intensas quando se referem a grupos em situação de vulnerabilidade, pois este estado vulnerável é intensificado. Contudo, como abordado no início desse texto, o impacto não é o mesmo para todas as comunidades, e o enfrentamento e a superação também não, pois pode ocorrer que algumas comunidades consigam se fortalecer sendo resilientes e outras sucumbam diante das adversidades.

Diante deste cenário amplo de transformações, de novos condicionamentos sociais, tem se observado que as comunidades passam a enfrentar novas áreas de imprevisibilidade, o que promove transformações importantes na vida cotidiana e na organização social, colocando-as em situação de vulnerabilidade, podendo gerar instabilidade e dificuldade de manutenção da identidade cultural.

### **2.3 Impactos do processo de globalização sobre as identidades individuais e coletivas**

O processo de globalização, na intensidade de sua ação transformadora do contexto atual, trouxe impactos significativos, afetando intensamente as identidades individuais e coletivas que formam as sociedades. Para se compreender melhor a influência e o resultado destes impactos, é necessário entender qual a relação entre identidade e modernidade, e como ela se configura no contexto atual. Para isso, é preciso entender o significado destes conceitos. Cabe destacar, que não há uma única definição para o conceito de identidade, desse modo, optou-se por enfatizar a perspectiva de Stuart Hall por acreditar ser esta uma concepção que se aproxima mais do que se pretende neste trabalho.

A perspectiva de Hall (2008) é de que a identidade não é unificada, pelo contrário, no contexto da modernidade tardia, estão cada vez mais sendo fragmentadas e fraturadas. A identidade, segundo o autor, é construída ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser antagônicos, e estão sujeitas a uma historicização radical, e constantemente passam por mudança e transformação. De acordo com Hall (2008), a identidade tem a ver com a utilização dos recursos disponíveis na história, na linguagem e na cultura para a produção não somente daquilo que somos, mas principalmente daquilo que nos tornamos. Nesse sentido, como destaca o autor, “[...] elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma” [...]” (HALL, 2008, p. 109).

No que diz respeito à invenção da tradição, Hobsbawm e Ranger (1984) destacam que a tradição é uma invenção que ocorreu em algum lugar no passado e que pode ser alterada em algum lugar no futuro. Ressaltam que embora a noção de tradição pressuponha a ideia de persistência e resistência, o que indica capacidade de manter sua integridade e continuidade, mesmo diante de adversidades e mudanças sociais, essas estão sempre se transformando, sendo inventadas. O que não significa um rompimento com o passado, pelo contrário, a tradição inventada implica uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

Por *tradição inventada* entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 9).

Desse modo, conforme apontam Hobsbawm e Ranger (1984), a invenção de tradições ocorre quando há uma ruptura na continuidade de elementos que constituem a tradição, isso é o que Giddens (1991) chamou de descontinuidades. Destacam, que o surgimento de movimentos de intelectuais que defendiam a restauração das tradições, fato que ocorreu no século XIX, já comprovava a existência desta ruptura. Contudo, a capacidade de adaptação que as tradições têm não pode ser confundida com invenção da tradição, pois, não é necessário inventar quando os velhos elementos tradicionais ainda se fazem presente. Muitas vezes, as tradições são inventadas, não porque se extinguíram os velhos costumes, mas sim porque estes não estão sendo usados ou adaptados (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

No caso da comunidade MSJ, o que se observou é que os padrões sociais existentes não foram destruídos, pelo contrário, houve persistência na manutenção da tradição, mesmo enfrentando inúmeras adversidades e estando em situação de vulnerabilidade. Mas, pode-se destacar um evento que comprova que houve em determinado momento uma interrupção na realização de uma prática tradicional na comunidade. Isto pode ser comprovado, quando se observa a execução dos festejos, fenômeno importante que corresponde a uma prática tradicional do grupo, que por um curto espaço de tempo<sup>9</sup>, sofreu uma interrupção na sua realização. Porém, conforme se observou isso não causou ruptura na tradição, pelo contrário mostrou a capacidade da comunidade em manter a integridade e continuidade de sua tradição. Conforme relatos, por acreditarem ser um elemento imprescindível de sua cultura, a

---

<sup>9</sup> Os moradores que foram pesquisados não conseguiram precisar quanto foi este tempo de interrupção na realização dos festejos, apenas afirmaram que foi por poucos anos.

realização dos festejos foi novamente retomada pelos membros, que buscaram adaptar com o contexto atual, no que se refere à distribuição de comidas e bebidas; e persiste até os dias atuais, sendo feito anualmente com a mesma dedicação e compromisso que se tinham os antepassados. Esta persistência na execução dos festejos constitui um forte elemento da identidade cultural da comunidade, que tem sido mantido.

Destaca Hall (2006) que conforme debatido pela teoria social, as identidades por muito tempo foram responsáveis de certa maneira pela estabilização do mundo social, mas atualmente se encontram em processo de declínio. Novas identidades estão surgindo, o indivíduo moderno, que até aqui era visto como sujeito unificado, atualmente está sendo fragmentado. Isso tem proporcionado o que os teóricos sociais chamam de crise da identidade. Esta “[...] é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p.7).

Nesta perspectiva, o fato das identidades modernas terem se deslocado ou se fragmentado, vem proporcionando uma descentralização. Isso porque, desde o final do século XX, tem ocorrido uma mudança estrutural que está transformando a sociedade moderna, provocando importantes alterações tanto nas identidades culturais e sociais como nas identidades pessoais. Em outras palavras, como sugere o autor, está ocorrendo um processo de “[...] descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2006, p. 9), causando uma crise de identidade para o indivíduo. Contudo, o autor alerta que o conceito de identidade é muito complexo e pouco desenvolvido, o que dificulta que se ofereçam afirmações conclusivas e julgamentos seguros sobre as teorias que estão sendo realizadas contemporaneamente.

Assim, fundamentando-se em Giddens, Hall (2006) afirma que as mudanças que ocorreram e ocorrem nas sociedades envolvidas na modernidade são profundas tanto em extensão, pois, operam em plano global, quanto em intensidade, pois, podem alterar as características mais íntimas e pessoais no cotidiano dos indivíduos. A fragmentação da identidade também provoca consequência políticas, isso porque, como a identidade se altera dependendo da forma como o sujeito se relaciona com a sociedade, ao passo que é representado politicamente, a sua identificação pode ser alterada ou não.

Destaca Hall (2006) que há três concepções de identidade que foram se alterando no decorrer dos séculos. A primeira é do iluminismo, que possui um entendimento individualista do sujeito e de sua identidade. A segunda é do sujeito sociológico que parte de uma

concepção interativa da identidade e do eu. E a terceira e última concepção é a do sujeito pós-moderno, o qual deixa de ter uma identidade fixa e permanente para ter uma identidade que é formada e transformada constantemente de acordo com suas relações sociais e com o sistema cultural em que vive. Nesse caso, “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um *eu* coerente” (HALL, 2006, p. 13). Assim, ao passo que o sistema de significação e representação cultural se multiplica, o sujeito se vê diante de uma multiplicidade de identidades com que ele poderia se identificar.

Na comunidade MSJ há vários exemplos desta concepção de sujeito: entre eles as informantes Simone (28 anos) e Andréia (24 anos) podem ser destacadas, pois são jovens que passaram sua vida toda na comunidade, em meio à tradição, mas que no período de inserção na universidade saíram para buscar o conhecimento e a formação profissional, sendo obrigadas a residir em outra cidade. Durante este período, suas identidades foram transformadas por causa de suas relações sociais fora do contexto da comunidade. Conforme relataram, embora tenham incorporado ao seu cotidiano elementos destas novas relações, como modo de se vestir, gosto em frequentar festas e locais que conheceram nas respectivas cidades (Simone em Porto Nacional e Andréia em Gurupi), relacionamentos com pessoas fora do ciclo da comunidade, elas não deixaram de fazer parte da tradição do Morro, inclusive conforme se observou, participam ativamente da preparação dos festejos.

Ainda em relação ao último tipo de concepção de identidade, afirma o autor que ocorre em um contexto denominado por muitos teóricos de modernidade tardia. E é neste contexto que acontece um processo significativo de mudança na sociedade mundial provocado pelo fenômeno da globalização que teve forte impacto sobre a identidade cultural. Diante do foi exposto, se percebe o quão intensas tem sido as influências da globalização, por meio dos novos condicionamentos sociais, sobre as comunidades tradicionais, trazendo novas áreas de imprevisibilidade que levam a um agravamento da vulnerabilidade social em que se encontra a comunidade MSJ. Entretanto, a compreensão desta situação é possível se houver o entendimento do que vem a ser uma comunidade, e de qual o seu papel em um contexto de reconstrução identitária, discussão esta apresentada a seguir.

### **3 RESILIÊNCIA E RECONHECIMENTO: UMA IMPORTANTE RELAÇÃO NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**

O debate sobre resiliência e reconhecimento vem sendo realizado amplamente nas últimas décadas por distintos teóricos, que realizam a abordagem dos mesmos separadamente. No entanto, neste trabalho desdobra-se a aproximação dos conceitos com o intuito de demonstrar a possibilidade de o reconhecimento ser um fator de resiliência. Esta relação é utilizada como suporte à reflexão acerca dos fatores de contribuição no processo de superação das adversidades enfrentadas pela comunidade MSJ. Sabe-se que nos dias atuais essa discussão serve como apoio à necessidade de criação de políticas públicas de reconhecimento da diferença, como forma de proteção de grupos minoritários e comunidades tradicionais, que precisam superar as adversidades impostas pelos novos condicionantes sociais que impõe a eles a situação de vulnerabilidade social.

No relatório do Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2014 com o tema *Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência* demonstra-se a preocupação e a ênfase de estudiosos e pesquisadores em refletir sobre elementos e políticas públicas que minimizem as vulnerabilidades sociais. Consta no relatório que esta abordagem é importante para o atual contexto, porque, embora a globalização tenha trazido benefícios para muitos, também trouxe novas preocupações, que muitas vezes se manifestam como reações locais a efeitos indiretos de acontecimentos distantes. Desse modo, destaca que é preciso preparar os cidadãos para um futuro menos vulnerável, e isso envolve o fortalecimento da resiliência intrínseca em comunidades e países. O que comprova a importância do tema e a necessidade da reflexão sobre quais fatores são efetivos na promoção da superação da vulnerabilidade. Todavia, para melhor entendimento dessa relação é necessária a abordagem dos dois conceitos em separado, iniciando-se o exercício com a resiliência e posteriormente com o reconhecimento.

#### **3.1 Origem e desenvolvimento do conceito de Resiliência**

Resiliência é um tema que tem se destacado cada vez mais na pauta das principais reflexões no cenário nacional e internacional. Nos anos de 1960 o conceito de resiliência estava associado à definição original empregada pela física e pelas engenharias, que significava a capacidade de um material resistir às deformações oriundas do meio e voltar ao seu estado natural após enfrentar alguma situação de pressão crítica. Porém, entre as décadas

de 1970 e 1980 já se percebia um distanciamento desta ideia original, e algumas áreas do pensamento, como a psicologia, passaram a refletir sobre a resiliência como a capacidade que o homem tem de ser flexível diante das adversidades (BARBOSA, 2014). Pesquisadores americanos e ingleses direcionaram seus esforços em entender o porquê existiam pessoas que mesmo expostas à situação considerada de alto risco permaneciam saudáveis enquanto outras sucumbiam diante da adversidade. Inicialmente, denominaram este fenômeno de invulnerabilidade e posteriormente de resiliência (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011). A aplicação do termo invulnerabilidade foi questionado, pois, passava a ideia de resistência absoluta diante da adversidade, imutável, como se o sujeito fosse intocável e sem limites para suportar o sofrimento (INFANTE, 2005). No caso do Brasil, o conceito passa a ser explorado com mais ênfase a partir da década de 1990 por pesquisadores da psicologia, sendo inclusive utilizado em matérias de autoajuda, fato que tornou o conceito mais conhecido pela população em geral (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011).

Pesquisadores de diversas partes do mundo, passaram a estudar o tema sob diferentes perspectivas, o que fez com que atualmente alguns autores organizassem estes pensamentos em três correntes: a norte americana, a europeia e a latino americana. A primeira possui uma vertente mais pragmática, centrada no indivíduo, com base e dados observáveis e quantificáveis, geralmente pautados na perspectiva behaviorista ou ecológico transacional. Nesta perspectiva, a resiliência é fruto da interação entre o indivíduo e o meio em que está inserido (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011). A corrente europeia possui uma perspectiva ética, relativista com enfoque psicanalítico, no qual o sujeito é visto como relevante para a avaliação da resiliência. Nesta abordagem, a resposta do sujeito é construída a partir da dinâmica psicológica, o que possibilita uma narrativa íntima (intrapsíquica) e uma narrativa externa (ambiente social e afetivo) sobre a própria vida (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011). Já a terceira corrente possui uma perspectiva mais comunitária, no qual o social é tomado como resposta aos problemas das pessoas em meio às adversidades.

Assim, o estudo sobre resiliência surge da iniciativa de pesquisadores com o intuito de entender as causas e as evoluções de psicopatologias relacionadas com condições sócio históricas, que ameaçava o desenvolvimento infantil saudável (INFANTE, 2005). Foram realizadas pesquisas com crianças expostas a fatores de risco como divórcio, gravidez na adolescência, abuso de crianças tidos potencialmente como influências que dificultam o

desenvolvimento normal do indivíduo. Com esses estudos buscava-se entender “[...] como crianças ameaçadas em seu desenvolvimento poderiam alcançar sucesso ou demonstrar competência” (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 267). Alguns desses estudos demonstraram que algumas crianças, mesmo em situação adversa, não desenvolviam problemas psicológicos ou de adaptação social, pelo contrário eram capazes de resistir às adversidades, sendo resilientes. (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011).

A partir da década de 1970 surge então uma primeira geração de pesquisadores que decidiram entender como e porque crianças envolvidas nas mais adversas condições desenvolviam fatores protetores que as auxiliavam numa adaptação positiva (INFANTE, 2005). Pode-se destacar como nomes importantes dessa geração Emmy Werner e Ruth Smith. A grande questão levantada pelos pesquisadores da primeira geração é a seguinte: “Entre as crianças que vivem em risco social, o que distingue as que se adaptam positivamente das que não se adaptam à sociedade?” (KAPLAN,1999, [s. p] apud INFANTE, 2005, p.24). Infante (2005) salienta que no primeiro momento, atribuía-se à capacidade de resiliência a algumas qualidades pessoais como autoestima e autonomia. Entretanto, os pesquisadores ampliaram o foco da pesquisa e passaram também a atribuir essa capacidade a fatores externos como nível socioeconômico, estrutura familiar, etc. Desse modo, os pesquisadores dessa geração se identificaram com um modelo de resiliência no qual os fatores resilientes são organizados em atributos individuais, aspectos familiares e características dos ambientes sociais a que as pessoas pertencem.

A partir da década de 1990, surge a segunda geração de pesquisadores, os quais ampliaram o entendimento da resiliência sob dois aspectos: a noção de processo que implica a dinâmica entre fatores de risco e de resiliência, que permite ao indivíduo superar a adversidade; e a busca por modelos de promoção da resiliência de forma efetiva em termos de programas sociais (INFANTE, 2005). São representantes dessa segunda geração pesquisadores como Grothberg, Luthar, Cushing, Kaplan, Bernard entre outros. Esta geração tinha como questão norteadora “[...] quais são os processos associados a uma adaptação positiva, já que a pessoa viveu ou vive em condições de adversidade?” (INFANTE, 2005, p.24). Desse modo, o foco desses pesquisadores está em dizer que os “[...] fatores estão presentes em indivíduos com alto risco social, que se adaptam positivamente à sociedade, ao que agregam o estudo da dinâmica entre fatores que estão na base da adaptação resiliente” (INFANTE, 2005, p. 25).

Dentre os pesquisadores dessa segunda geração, Edith Grotberg foi a primeira a defender que a resiliência requer uma interação de fatores resilientes os quais advêm de três níveis diferentes, a saber, o suporte social atribuído à categoria “eu tenho”, as habilidades atribuídas à categoria “eu posso” e a força interna atribuída à categoria “eu sou e eu estou”. Baseada nesta perspectiva, Infante (2005) afirma que as condutas de resiliência requerem que se desenvolvam fatores de resiliência. Para isso, os indivíduos criam estratégias que se enquadram nessas quatro categorias abordadas por Grotberg, sendo que cada uma delas possui sua particularidade. “Eu tenho” significa o apoio que a pessoa tem das demais que fazem parte do seu convívio social, trazendo confiança, limites, exemplos de condutas, cuidado, etc. A categoria “eu sou” se refere ao indivíduo que desenvolve uma força intrapsíquica que favorece que o seu comportamento seja bem visto pelos outros e por si mesmo. Nessa categoria o indivíduo é considerado pelos outros como amável, carinhoso, respeitoso com os outros e consigo mesmo, etc. A terceira categoria, “eu estou”, significa a disposição do indivíduo em se responsabilizar pelos seus atos, e pensar positivamente, acreditando no melhor que poderá acontecer. E a última categoria, “eu posso”, se remete à aquisição de habilidades interpessoais e resolução de possíveis conflitos.

Já outros autores dessa geração, acreditam que a resiliência é um “[...] processo dinâmico em que as influências do ambiente e do indivíduo interatuam em uma relação recíproca, que permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade” (INFANTE, 2005, p. 25). A maioria desses pesquisadores se baseia no modelo ecológico-transacional de resiliência, o qual defende que o indivíduo está imerso em uma ecologia determinada por diferentes níveis como o individual, o familiar, o comunitário vinculado aos serviços sociais e o cultural vinculado aos valores sociais. Estes níveis interatuam entre si, e desempenham uma influência direta no desenvolvimento do indivíduo.

A resiliência tem sido considerada como um conceito promissor, sendo explorado principalmente nas últimas décadas com mais tenacidade por estudiosos e pesquisadores, os quais possuem cada qual sua perspectiva. No caso das pesquisas das Ciências Sociais e das Ciências Humanas, o conceito vem sendo incorporado há poucos anos, e se encontra, ainda, em fase de construção e discussão. Por esse motivo, ainda não há um consenso quanto a sua definição nesse campo. Em outras áreas do conhecimento como a psicologia, ecologia, administração e a saúde, várias são as definições que podem ser encontradas. Uma das definições é de Pesce et al.(2005), para os quais a resiliência é o conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo quando as

experiências vivenciadas por este são desfavoráveis. A definição utilizada por Grotberg é de resiliência como “[...] a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. (2005, p. 15), neste sentido afirma que a capacidade de ser resiliente está ligada ao processo de desenvolvimento e crescimento humano. Em interpretação semelhante há também a definição de Luthar trazida por Infante (2005) de que a resiliência é um processo dinâmico em que o indivíduo em contextos de grande adversidade consegue ter como resultado a adaptação positiva.

Segundo Infante (2005), o conceito de resiliência trabalhado pela segunda geração é constituído de três componentes básicos: adversidade, que diz respeito a um conjunto de fatores de risco ou de situação de vida específica, que o indivíduo enfrenta; adaptação positiva que é quando o indivíduo, mesmo exposto a uma situação de adversidade, consegue alcançar as expectativas sociais que estão associadas a uma etapa do desenvolvimento humano, e quando há a adaptação positiva os pesquisadores consideram que houve uma adaptação resiliente; e processo que se remete a entender a adaptação resiliente como um processo de interação dinâmica dos diversos fatores de risco e de resiliência, que podem ser familiares, fisiológicos, cognitivos, afetivos, entre outros. A ideia de processo mostra que a resiliência não é uma característica pessoal do indivíduo, mas sim uma tarefa que envolve a família, a escola, a comunidade, a sociedade, que são responsáveis por prover recursos que auxiliem o indivíduo no seu desenvolvimento humano.

Infante (2005) ressalta que ao que se refere à adaptação resiliente, é necessário se levar em consideração três aspectos essenciais. Primeiro, deve-se pensar qual a conotação ideológica associada ao conceito de adaptação positiva que será utilizado, já que os parâmetros utilizados por determinadas literaturas para especificar o que é apropriado para cada etapa do desenvolvimento do indivíduo, pode variar de acordo com cada cultura. Por exemplo, o indivíduo que faz parte de uma sociedade de classe média, não pode ter o seu processo de resiliência utilizado como parâmetro de entendimento do processo de resiliência de indivíduos que vivem na pobreza. Salienta a autora que é preciso então que a interpretação do conceito de resiliência e desenvolvimento humano sejam feitas em função de cada contexto.

Outro aspecto que deve ser considerado é a heterogeneidade nas diferentes áreas do desenvolvimento humano. Neste caso, não se pode considerar que haja um desenvolvimento homogêneo em todos os indivíduos. Cada um se desenvolve de uma maneira diferente, e também as áreas cognitivas, de conduta social e emocional possuem desenvolvimento

diferenciado. Por isso, é preciso considerar esta heterogeneidade, ou seja, os aspectos de vulnerabilidade e os esforços de cada um em superar a adversidade, para então identificar a capacidade de adaptação positiva do indivíduo.

O terceiro e último aspecto diz respeito à variabilidade ontogenética, à qual se refere a ideia de que a resiliência é um processo que se desenvolve ao longo dos ciclos da vida. Nesse sentido, o ambiente familiar e a comunidade são fatores importantes que fornecem recursos necessários para o desenvolvimento da criança até a fase adulta e superação das adversidades. De acordo com Infante (2005), é provável que esta criança que teve uma adaptação resiliente, consiga continuar tendo resultados positivos ao longo dos anos de vivência. No entanto, isso não significa que a resiliência seja um atributo pessoal ou traço de personalidade, o que não impede que a capacidade de adaptação positiva adquirida possa se tornar uma capacidade estável durante a vida toda. Segundo Infante (2005) em cada fase o indivíduo cria capacidade e estratégia de ser resiliente de acordo com seu ciclo de vida. Por exemplo, é na fase dos 4 aos 6 anos que um indivíduo cria a capacidade de iniciativa, já na fase dos 13 aos 19 anos desenvolve sua identidade. Destaca a autora, que quanto mais nova a criança, maior sua necessidade de apoio externo e menor sua capacidade de desenvolver sua própria resiliência.

Diante desta perspectiva, podemos notar que as condutas resilientes pressupõem a existência da interação entre fatores que são dinâmicos e mudam conforme o ciclo de vida em que o sujeito se encontra. Assim, como as situações sociais e de adversidade que o sujeito enfrenta no decorrer da vida também são dinâmicas, requerem condutas resilientes que possam se adaptar a cada contexto. Desse modo, “[...] a conduta resiliente exige se preparar, viver e aprender com as experiências adversas, como mudança de país, doença ou abandono” (GROTBERG, 2005, p. 17). A capacidade de ser resiliente é adquirida e aprendida pelo indivíduo no decorrer de sua vida, por exemplo, uma criança que enfrenta uma situação de perigo ao sair na rua e ser seguida por alguém mal intencionado, tem de ter uma conduta resiliente para se defender, e, para isso, deve utilizar os conselhos e avisos que os pais provavelmente deram a ela, como não se aproximar ou aceitar nada de estranhos. Nesse caso, a atitude que a criança vai tomar diante da situação, vai depender do que lhe foi ensinado e da sua capacidade de resistir a esta adversidade.

Segundo Grotberg (2005), o papel da resiliência não é apenas fazer com que o indivíduo supere as adversidades, mas sim tenha capacidade de enfrentar, vencer e se fortalecer diante das situações adversas, e, com isso, possa se transformar. Afirma a autora que estudos têm demonstrado que a resiliência é efetiva para promover a qualidade de vida,

pois auxilia os indivíduos a superarem os problemas e saírem com mais força da experiência. Este fator ajuda o indivíduo a ter uma saúde mental e emocional melhor. Assim, a autora aponta que há estudos que comprovam cientificamente que a resiliência é um importante instrumento para o indivíduo enfrentar seus problemas e também promover sua boa saúde mental e emocional.

Deve-se destacar que com o passar do tempo e o avanço de pesquisas nesta área, surgem novas formas de interpretar e explicar o fator de resiliência. Alguns pesquisadores utilizam a teoria do estresse como fonte de explicação, na qual a resiliência é ligada à habilidade de resolver traumas por meio de mecanismo que os homens possuem de fuga e ataque. Já outros preferem utilizar a teoria cognitiva e a psicologia positiva como fonte de explicação. Nestas, a resiliência é vista como a capacidade que uma pessoa tem de atribuir significados adequados às suas crenças (BARBOSA, 2010). Todavia, o que se percebe é que as definições encontradas possuem sempre pontos em comum que possibilitam que se entenda a resiliência como um processo de superação do indivíduo frente às adversidades que compreendem fatores, comportamentos e resultados resilientes. De acordo com Grotberg (2005), a resiliência tem como objetivo ajudar o indivíduo ou comunidade a enfrentar as adversidades e se beneficiar das experiências vivenciadas. A ideia de entender a resiliência como um processo vem de aspectos que a incorporam, como: a promoção de fatores resilientes; o compromisso com o comportamento resiliente que visa identificar a adversidade definindo a causa dos problemas e o risco, e também visa selecionar o nível e o tipo de resposta adequado; e a avaliação dos resultados de resiliência. Com a resiliência o indivíduo enfrenta os problemas, e se transforma com o resultado da experiência gerando maior empatia, altruísmo e compaixão pelo outro.

Todavia, muitas vezes a resiliência é equivocadamente interpretada como um estado que se relaciona com uma característica da personalidade do sujeito, ou seja, acredita-se que se o indivíduo “é resiliente” e o é de maneira integral, em todas as áreas de sua vida. Contudo, o fato de “estar resiliente” em uma área da vida, não necessariamente implica estar em outra também. O que significa que se deve dizer que o sujeito está resiliente e não que o sujeito é resiliente. Isso demonstra o porquê é possível encontrar pessoas que reagem de maneira diferente em situações diversas. Embora, como dito acima, o fato da criança ser resiliente pode favorecer que esta condição perdure por toda a vida, o contrário também é possível. Isso porque, como explorado anteriormente, o processo de resiliência não é estanque, e vai depender de cada contexto e dos fatores individuais, familiares e sociais em que o sujeito for

parte. Barbosa (2014) afirma que estar resiliente é assegurar a qualidade essencial de que o sujeito tem de contar com um modelo de crenças que possa responder a uma situação de aflição, rompendo com padrões que geralmente são esperados pela educação, cultura, religião, etc., de maneira madura. Essa maturidade, segundo Barbosa (2014), geralmente é adquirida por meio da experiência contraída com o embate e sofrimento proporcionado pela situação de vulnerabilidade e adversidade.

Um grupo de pesquisadores chegou à conclusão de que o que vai distinguir uma pessoa com resiliência é o seu conjunto de crenças, que possibilitam a atitude de transcender os obstáculos da vida, de entender o ambiente e as demais pessoas, sendo possível imaginar um futuro com superação (BARBOSA, 2014). De acordo com Barbosa (2014), tais pesquisadores perceberam por meio de análises estatísticas que pessoas com bons índices de resiliência eram capazes de elaborar estratégias de posicionamento diante da vida que lhes possibilitavam a sobrevivência diante da adversidade. A forma de transcender as reações instintivas leva a pessoa com resiliência a viver com o que os pesquisadores chamam de Sentido de Vida, fundamentado em autoconhecimento, percepção do outro e leitura do ambiente.

Desse modo, conforme destaca Barbosa (2014), a resiliência está estruturada em um esquema básico de crenças que organizam a atitude, o comportamento, o emocional e o intelecto dos indivíduos desde a primeira infância, por meio do que se conhece se apreende e se experimenta dos fatos da vida com aqueles que os cercam. Destaca o autor que este esquema de crenças, quando organizado com uma base adequada, é capaz de capacitar a pessoa a avaliar de forma simples e flexível suas convicções diante da adversidade. Assim, essa estrutura teórica é compreendida por “Abordagem resiliente”, na qual os modelos de crenças são mapeados por meio da escala de resiliência denominada de Quest\_Resiliência<sup>10</sup> (BARBOSA, 2010). Tal escala foi utilizada nessa pesquisa, como forma de coleta de dados e aferição do nível de resiliência encontrado na comunidade MSJ.

É importante ressaltar que cada cultura possui suas formas de inculcar nos filhos elementos que promovam a resiliência e a manutenção de sua identidade. Na comunidade MSJ, observou-se que as famílias fazem questão de inserir os filhos desde pequenos na organização, preparação e atuação nos festejos, que é um forte instrumento de manutenção da identidade e também uma forma de reconhecimento da condição de comunidade tradicional,

---

<sup>10</sup> A escala Quest\_Resiliência é um entre outros instrumentos para mensurar a resiliência. Entre outras, pode se citar a escala desenvolvida por Wagnild e Young que foi adaptada para o português e validada por Renata Pesce e demais autores. Para maiores informações ver Pesce et al. (2005).

Isso pode ser observado nas figuras 1 e 2. Outro elemento que se pode destacar é a preocupação dos professores e pais em contar aos filhos a sua história e a importância de manter sua identidade e seus saberes tradicionais.

Na escola da comunidade tem o dia da contação de história e lá a professora sempre conta pras crianças as coisas que sucedia dos nossos antepassados. Faz isso pra mor de faze as criança aprende desde cedo que nos somos fio de preto e a gente tem que ter orgulho disso...Isso ajuda a eles não ligarem se alguém lá fora ficar importunando. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

A gente até tenta conta as historias, mas a gente vê que os mais novos não gostam nem de comentar que é remanescente de escravo... Não são todos que pensam assim, mas muitos acham que quando as pessoas falam que eles são descendentes estão colocando eles como inferior, rebaixando eles, já outros não, já tem a consciência de que tem uma história, e de que só os antepassados foram descendentes de escravos, e por causa disso que eles são quilombolas... Mais a gente tem que mostrar pra eles quem a gente é, e te orgulho... Os meus fio mesmo desde pequeno já são tudo congo, e vão passa isso pros fios deles. Assim a gente consegue mantém as festas, a nossa tradição. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Figura 1 – Crianças participando da Congada



Fonte: Reprodução da página do Facebook da comunidade, 2013

Figura 2 – Congada: crianças como rei e rainha



Fonte: Reprodução Facebook, página informativo São João, 2013

Em pesquisa apresentada no projeto internacional de resiliência, foi demonstrado que “[...] algumas culturas contavam mais com a fé do que com a resolução de problemas, outras estavam mais preocupadas com o castigo e culpa e outras ainda, com disciplina e reconciliação” (GROTBERG, 2005, p. 20). Assim, como cada cultura possui particularidades para lidar com a resiliência, é importante não apenas verificar este processo partindo do enfoque nas reações do indivíduo, e sim perceber como isso ocorre no âmbito coletivo. O que se intui é que a maioria dos estudos sobre resiliência relacionam o conceito com o indivíduo, no qual buscam entender como crianças, adolescentes e adultos lidam com as adversidades impostas pela vida, sendo capaz de sobreviver e superá-las apesar de viverem em condições de pobreza, violência, doença ou até mesmo catástrofes naturais. Todavia, nesse trabalho o objetivo é entender como ocorre o processo de resiliência comunitária, pensar a capacidade de resiliência pela perspectiva coletiva.

De acordo com Ojeda (2005), o conceito de resiliência comunitária é fruto do enfoque de pesquisadores latino-americanos. Por resiliência comunitária entende-se a capacidade que grupos ou comunidades têm de se apropriar de recursos culturais e institucionais que existem em seus ambientes com o intuito de enfrentar os desafios gerados pelos novos condicionamentos sociais da era neoliberal. Ressalta que a resiliência é hoje uma importante ferramenta no combate à pobreza e à desigualdade. Até o ano de 2001, os países que mais possuíam projetos baseados na resiliência eram Brasil, Peru, Argentina e Chile, que, juntos, contabilizavam 33 projetos, sendo 44 o número de projetos existentes na América Latina toda. Destes 33 projetos, sete têm como objetivo os grupos ou comunidades, em vinte e dois deles embora o enfoque seja o indivíduo, incluem também ações de promoção de resiliência

comunitária. Os projetos possuem estratégias de intervenção que variam de acordo com a realidade social e cultural de cada comunidade.

A América Latina é caracterizada pela disparidade e pela desigualdade, sem falar nos problemas resultantes de desastres e catástrofes naturais que este continente foi protagonista, e que desafiou a resiliência de suas comunidades, não somente em sentido individual. Por isso, como afirma Ojeda (2005), é justificável que a contribuição de latino-americanos tenha sido de grande importância para se pensar a resiliência em âmbito coletivo, enfocando os problemas sociais, muito mais que os enfoques clássicos que se baseavam na observação de casos individuais. Como explicar que diante de um mesmo fenômeno, o terremoto, por exemplo, algumas sociedades comecem a reconstrução no dia seguinte e outras levem anos? Acredita-se que as chaves explicativas não estão nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações coletivas e em aspectos culturais e valorativos de cada sociedade (OJEDA, 2005, p. 49).

Em 1995 começaram a ser apresentados os primeiros elementos teóricos do conceito de resiliência comunitária, sendo proposto um paradigma de estudos para o coletivo e o comunitário. O problema gerado pelos desastres e pelas catástrofes pode significar, segundo Ojeda (2005), o desafio para mobilizar a capacidade dos indivíduos em serem solidários, auxiliando no processo de renovação e modernização de toda a estrutura física e social na comunidade. Quando a população se une diante de um problema, e prontamente se organiza para resolvê-lo e melhorar a condição de todo o grupo, isso reflete diretamente na melhoria da saúde física e mental de cada membro, proporcionando a eles um sentimento de pertencimento ao lugar.

Muitas características sociais foram identificadas, por diversos pesquisadores, o que favoreceu a resiliência comunitária, mas Ojeda (2005) põe em destaque quatro delas as quais considera os pilares mais significativos de resiliência comunitária: autoestima coletiva, identidade cultural, humor social e honestidade estatal. O primeiro se refere ao sentimento de orgulho do cidadão pelo lugar em que vive, orgulho de pertencer a este lugar. Segundo o autor, as comunidades que possuem uma elevada autoestima coletiva possuem maior capacidade de superar as adversidades. A identidade cultural se refere à existência de uma identidade dos cidadãos diante da sua cultura, o que lhe proporciona um sentido de permanência no lugar, possibilitando ter força para enfrentar os problemas e defender sua comunidade. Assim, conforme destaca o autor, aquelas que respeitam e exaltam sua cultura tradicional possuem maior capacidade de se recompor e renascer após a adversidade. Este

fator foi observado na comunidade MSJ, em que os moradores falam de sua tradição com prazer e sentem orgulho de pertencer à comunidade, como eles dizem, ser parte de uma mesma família. Lutam insistentemente para manter a sua cultura e identidade ativa por meio dos festejos e do reconhecimento da condição de comunidade quilombola. Os relatos abaixo demonstram esse orgulho.

...o meu sobrinho, por exemplo, que é padre, ele é branquinho do olho azul e ele tem prazer de dizer que é quilombola e que é daqui do morro. É branco por que a mãe dele era branquinha e o pai é negro, por que é daqui do morro, mas já é misturado também, e tem muito orgulho de ser daqui. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Eu não sei daqui por nada não, adoro viver aqui, aqui só tem família, é um pelo outro, tens umas briguinhas de vez em quando, mas ninguém fica de mal não. Somo comunidade. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora)

Os quilombolas hoje eles não são mais escravos, os quilombola hoje é raça de negro. Sô quilombola sim e tenho orgulho de ser. A gente lutou tanto pra ser reconhecido e graças a Deus nós conseguimos.... Num saio daqui de jeito nenhum. (João, 78 anos, lavrador e ex vereador)

A casa aqui era de adobe e morava duas famílias na casa (dois irmão casado com duas irmãs), mas como a família foi aumentado ficou muito apertado e tiveram que fazer outra de bloco. Eu moro na comunidade desde que nasci. Estudei numa escola que caiu e depois foi construída outra escola ali. A comunidade tinha pouca casa quando eu era mais nova, agora eu acho que tem muita casa. A comunidade cresceu muito... Viche eu vivo aqui desde que nasci, e só saio daqui quando morrer. Aqui é bom demais, tenho sussego, e muitas lembrança. Lembro muito da dindinha, ela era boa demais pra mim. (Silvana, 92 anos, aposentada).

Enquanto Deus me dé vida eu vou toca tambor na festa, eu faço isso com muito gosto... Se depende de mim as festas não acabam não....Eu quero é que todo mundo conheça nossa história, conheça nossas dança. Fico feliz quando o povo ai das outra cidade chama a gente pra apresenta nossa tradição, nosso congo. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

Outro pilar importante diz respeito à capacidade de alguns grupos de encontrar humor em situações trágicas, obtendo assim um efeito tranquilizador e prazeroso a todos do grupo. “[...] o humor é uma estratégia de ajuste que ajuda a aceitação madura da desgraça comum e facilita certo distanciamento do problema, favorecendo a tomada de decisões para resolvê-lo” (OJEDA, 2005, p. 51). Quando se utiliza o humor diante de uma adversidade, é possível direcionar o pensamento para encontrar respostas originais, soluções inovadoras. Na comunidade estudada se observou que há vários problemas que os deixam muito apreensivos, como por exemplo, o caso da demarcação que ainda não ocorreu, o caso da água que não é de qualidade e a falta de serviços essenciais efetivos, mas em nenhum momento se percebeu o desânimo diante de uma adversidade; pelo contrário, demonstra ser um povo muito alegre, festeiro e forte, que enfrenta as lutas de cabeça erguida e com humor. Isso não significa que na comunidade não exista conflitos e desentendimentos. Alguns moradores relataram que,

mas enfatizam que quando ocorram tentam logo resolver para não criar situações desagradáveis entre os moradores, já que se moram todos muito próximos o que prevê um contato constante. Foi possível visualizar bom humor e tranquilidade<sup>11</sup> em uma das reuniões da associação em que houve a discussão sobre um ponto que poderia gerar conflito, pois se tratava da decisão sobre o destino que dariam a uma verba<sup>12</sup> e no entanto, a reunião ocorreu com tranquilidade e ainda teve muitas risadas pelo fato de ter membros que faziam piadas uns com os outros. Os relatos abaixo demonstram esta maneira de lidar com os problemas:

Ah, problema todo mundo tem. A gente não pode é desisti, tem que luta sempre, senão se a gente desanima ai que cai de veis. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Problema eu já tive foi muito, já operei até a cabeça e quase morri. Mais num desanimei não, to aqui firme e forte. E so muito filiz com a vida que Deus me deu, eu tenho casa, tenho cumida, tenho minha famia, tenho amigo e os parente tudinho aqui. So filiz demais. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público)

Graças a Deus num tenho problema não, mas quando tem eu enfrento, num fico nos canto lamentano, e chorando não, a gente tem é que ri pq dai o problema vai embora. E tem outra coisa, aqui tudo mundo ajuda quando o outro precisa então a gente veve unido, e tudo famía. (Marcos, 84 anos, aposentado)

Viche problema tem muito, mais eu dexo pra pensar nele quando aparece, sinao a gente sofre a toa. Vivo até hoje por isso (91 anos), eu gosto é de dar risada, ri é bom demais. (Silvana, 92 anos, aposentada)

O povo daqui do morro é forte demais, não gosta de depender de ninguém não. So vai pedi ajudar se não tiver outro jeito. Enfrenta os problemas sozinho. Pra você vê como é, o povo do posto lá em Santa Rosa fala assim, se o povo lá do Morro liga pedindo carro, corre porque tem alguém muito ruim lá, porque eles não pedem não, eles são muito forte demais. (Claudio, 33 anos, universitário)

O povo daqui é muito feliz, é difícil você alguém esmorece por causa de problema. É por isso que tem gente de mais de noventa anos que ainda tá vivo aqui. Num vô dizer que não temos problemas, porque temos muito, inclusive porque o governo parece que não liga muito pra gente não, mas a gente tem que enfrentar né, se for esperar o governo resolver tudo a gente vai morrer e não vai ver. Mais fazê o que né, tem que enfrentar e vencer. (Simone, 28 anos, universitária e professora de danças tradicionais)

A figura 3 apresenta um momento de reunião na associação para a posse da nova diretoria. Conforme relatos esta ocasião também aconteceu com tranquilidade.

<sup>11</sup> Isso pode até ter sido uma encenação provocado pela presença da pesquisadora no local, pois sabe-se que pode haver uma manipulação dos comportamentos com o intuito de mostrar a imagem que querem sobre a comunidade. Mas de qualquer modo, não foi presenciado e nem relatado pelos moradores nenhuma situação grave de conflitos entre eles.

<sup>12</sup> Verba oriunda de um projeto do governo federal chamado Mais Cultura, em que a comunidade deveria ensinar alguns elementos da Congada para crianças de uma escola municipal em Santa Rosa.

Figura 3- Reunião de posse da nova diretoria da associação do quilombo MSJ



Fonte: Reprodução página do Facebook da comunidade. 2015

O último pilar tratado por Ojeda (2005) é o da honestidade coletiva ou estatal, que constitui uma consciência geral, que prima pela honestidade nas ações políticas e administrativas, condenando a desonestidade dos funcionários e valorizando o exercício honesto da função pública. Para que a população tenha a capacidade de ser solidária diante de um problema que afeta a todos é preciso confiar em quem administra os recursos necessários à realização da reconstrução da sociedade. No MSJ este elemento pode ser percebido com muita clareza, porque possui uma associação e também vários moradores que são funcionários públicos em órgãos na própria comunidade. Conforme se observou os funcionários tentam seguir o que determina o seu cargo, segundo relato de um dos moradores que é vigilante noturno no colégio, concursado da prefeitura de Santa Rosa, eles trabalham corretamente, por isso não precisam ter alguém fiscalizando, afirma que cada um sabe da sua obrigação e trabalham para a prefeitura, mas também trabalham para a comunidade, então precisam cuidar do que é do interesse de todos. Outro exemplo é da associação, que funciona com uma nova presidência atualmente e que segundo relatos está indo muito bem, e atende de fato à vontade da maioria.

Eu trabalho como vigilante, so concursado já tem uns dois anos. Eu trabalho um dia sim, outro não, eu revezo com o companheiro que também é vigilante. Se a gente quisesse se desonesto a gente seria porque a gente trabaia a noite e ninguém vê a gente porque ta tudo durmino então eu podia vim pra minha casa e dormi a noite toda e ir pra lá de manha. Não tem ninguém fiscalizando nois. Mas a gente não faz isso, sabe porque? Porque a gente trabaia pra prefeitura sim, mais tamem a gente trabaia pra comunidade, a gente é pago pra vigia então a gente tem que vigia. É craro que a gente até tira uma soneca lá, porque realmente não acontece nada aqui, nunca aconteceu, mais a gente ta lá cumprino o horário certinho. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

A associação funciona direitinho agora com a nova presidência, a gente teve um ai que não deu muito certo não, mas acho que era mais porque não sabia trabaia com

isso mesmo. Mas a de agora é muito certinha, e tá dando muito certo. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Da mesma forma que as características sociais de autoestima coletiva, identidade cultural, humor social e honestidade estatal, citadas acima, promovem a resiliência, há características que tem o efeito contrário. Entre elas, Ojeda (2005) destaca o malinchismo, que se refere à admiração obcecada por tudo que é estrangeiro, o que se opõe aos valores de identidade cultural e autoestima coletiva. Isso é muito comum com o que vem dos Estados Unidos e da Europa. Outra característica é o fatalismo, que é a atitude passiva do cidadão diante da desgraça. O autoritarismo é outra característica antirresiliência, pois o centralismo exagerado nas decisões gera ações autoritárias que inibem e anulam a capacidade de haver lideranças alternativas e espontâneas, que gerem respostas novas, extremamente importantes em uma situação de adversidade coletiva. A corrupção é uma importante peça nesse rol de características inibidoras da resiliência comunitária, pois, ocorre quando o interesse privado de algum funcionário público prevalece em detrimento do interesse público. E a situação fica ainda pior quando essa corrupção se estende para vários setores da sociedade; Isso porque, como dito anteriormente, para que um indivíduo sinta vontade de ser solidário com a situação coletiva e possa auxiliar no processo de superação da adversidade e promoção da resiliência, é necessário que ele confie nos gestores dos recursos, e com a corrupção a possibilidade de existir esta confiança é quase nula. Estes elementos inibidores da resiliência não foram percebidos na comunidade em questão com a pesquisa.

Enfim, diante do que foi exposto até aqui sobre a resiliência e principalmente sobre a resiliência comunitária baseada na perspectiva de Ojeda (2005), o que se percebe é que cada comunidade com sua particularidade possui sua forma e capacidade de superar suas adversidades e se fortalecer. De acordo com o autor, a interação entre as características pró e contra resiliência resulta em um vetor que permite aos pesquisadores delinear um perfil da comunidade quanto à capacidade de resiliência deste grupo. Conhecer este perfil proporciona ao pesquisador a chance de elaborar trabalhos e criar formas de intervenção mais efetivas. Aliado a este fenômeno verificou-se que uma característica que tem favorecido e influenciado a capacidade resiliente da comunidade é o processo de reconhecimento. Percebeu-se no decorrer da pesquisa que existe uma relação entre o reconhecimento, a identidade social e a capacidade de resiliência da comunidade MSJ, justamente porque, se observou uma maior capacidade de enfrentar e superar as adversidades quando os sujeitos se sentiam reconhecidos em suas capacidades e qualidades. Para uma melhor compreensão o tópico seguinte traz a

abordagem do conceito de reconhecimento pela perspectiva de Axel Honneth e Charles Taylor.

### **3.2 O conceito de reconhecimento por Honneth e Taylor**

A política de reconhecimento presente nas perspectivas teóricas de Charles Taylor e Axel Honneth serve como base à reflexão dos elementos que contribuem no processo de superação das adversidades e vulnerabilidades sociais em que se encontra a comunidade MSJ. Essa reflexão é possível quando se considera que o reconhecimento recíproco, que ocorre entre os indivíduos durante a interação social, é fundamental na construção da identidade individual e coletiva, elemento que auxilia nessa superação. Isso pode ocorrer porque o espaço em que se dá a interação entre os indivíduos e o desenvolvimento de suas atividades, é o mesmo espaço em que estes se redefinem a partir de tal contexto; pois, como ressalta Pizzio (2014), é nestes espaços de experiência que se descortinam os horizontes de expectativas que são abertas à ação, tanto na organização econômica, quanto na esfera política, lugar de onde pode emergir o sujeito coletivo. Estes contextos locais e nacionais são responsáveis pela definição dos indivíduos e dos grupos como importantes membros da comunidade, conferindo reconhecimento e transformando-os em uma fonte de resistência coletiva (PIZZIO, 2014).

Charles Taylor, na obra *O multiculturalismo e a política do reconhecimento* (1993) desenvolve uma proposta de política de reconhecimento visando à proteção dos grupos minoritários. A noção de multiculturalismo vem ganhando espaço nas Ciências Sociais, que busca efetivar estratégias para minimizar ou extinguir os conflitos etnoculturais existentes, apontando a necessidade de reconhecimento público das minorias discriminadas (SILVA, 2006). Adepto da corrente filosófica da Teoria da Justiça, a qual trata de formular e justificar os ideais de justiça, dentro de um contexto plural do mundo moderno, Taylor encontra dentre as diversas linhas que compõem esta corrente a resposta comunitária para a questão multicultural (SILVA, 2006).

Partindo do pressuposto de que não há um sujeito universal, pelo contrário, há uma multiplicidade de identidades sociais e culturais constituindo as sociedades contemporâneas, Taylor defende ser preciso aplicar, com justiça, regras conforme as especificidades de cada meio social. Neste sentido, defende que as instituições públicas devem realizar o reconhecimento das diferenças e a concessão de direitos especiais aos grupos culturais específicos, com o intuito de garantir a sobrevivência das comunidades culturais, vinculadas à

formação das identidades humanas (SILVA, 2006). Para isso, incentiva a criação de políticas públicas que almejem o reconhecimento das diferenças existentes entre os indivíduos e os grupos culturais minoritários.

Conforme destaca Pizzio (2014), para Taylor a necessidade de reconhecimento se dá de maneira urgente nas sociedades contemporâneas devido à relação que há entre reconhecimento e identidade, no qual a identidade designa algo como a compreensão de quem a pessoa é e de suas características definidoras e fundamentais da condição de seres humanos. Nesta relação, os indivíduos e os grupos não lutam apenas para obter o reconhecimento pelas suas diferenças, mas também pela distribuição tanto do poder político, quanto do bem estar econômico (ANDRADE, 2013). Nesse sentido, Taylor defende uma política de reconhecimento como forma de luta pela reconstrução pessoal e resgate da identidade de grupos e comunidades que são oprimidos pelos mais diversos motivos em face da dinâmica do multiculturalismo (ANDRADE, 2013).

Na perspectiva Taylorista, a identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou pela ausência deste, de maneira que uma pessoa ou grupo pode sofrer severas consequências psicológicas e sociais, se a sociedade a que pertence lhe devolva um quadro redutor de si mesmo, desmerecedor ou mesmo desprezível, ou seja, não o reconheça em suas qualidades e utilidades. Isso porque, quando o reconhecimento é verdadeiro tem a capacidade de moldar os indivíduos, enquanto que, quando não existe ou é distorcido tem o efeito contrário, representando uma forma de agressão, podendo reduzir a pessoa a uma maneira de ser falsa, distorcida, restringindo a sua real potencialidade, levando a um falso e reduzido modo de ser. (SILVA, 2006; ANDRADE, 2013; PIZZIO, 2014). Assim, o reconhecimento é fundamental para a construção da identidade, desse modo, praticá-lo não é apenas um ato de gentileza de um indivíduo para com o outro, mas sim, uma necessidade humana vital, pois as deformações que possa haver na identidade estão diretamente relacionadas a ele (SILVA, 2006; ANDRADE, 2013; PIZZIO, 2014).

Nesse sentido, o reconhecimento incorreto pode marcar de maneira cruel os indivíduos, subjugando-os por meio de um sentimento incapacitante de ódio contra eles mesmos, ou seja, de acordo com esta teoria os indivíduos dependem do reconhecimento intersubjetivo para se auto realizarem. Dessa maneira, as particularidades e descobertas internas que moldam o homem em sua própria originalidade e que somente ele pode articular e descobrir, devem ser reconhecidas e respeitadas. Com as comunidades ocorre comportamento semelhante, no qual mesmo diante das possíveis trocas que possa existir entre

os diferentes grupos, há características de sua cultura e de sua identidade que são preservadas, possibilitando que haja uma relação de respeito entre as mesmas (SILVA, 2006).

Segundo Pizzio (2014), Taylor chama a atenção para uma questão importante, a de que para compreender a relação entre identidade e reconhecimento é necessário considerar uma característica fundamental da condição humana. Esta característica diz respeito à linguagem, de caráter dialógico, isto porque, o indivíduo se torna agente pleno quando é capaz de compreender a si próprio, de definir sua identidade por meio da aquisição da linguagem; não somente a falada, mas também outros modos de expressão que nos definem como arte, gesto, amor e etc. (PIZZIO, 2014; SILVA, 2006). No entanto, as pessoas não adquirem as linguagens por si mesmas, mas as adquirem por meio da interação com outras pessoas como forma de definição de sua identidade (PIZZIO, 2014). Nesse sentido, seguindo George Mead, “[...] definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que os outros significativos desejam ver em nós e por vezes em luta contra essas coisas” (PIZZIO, 2014, s/p). A identidade então, não é aquilo que o indivíduo constrói por si mesmo, mas o faz de maneira dialógica.

O exercício dialógico defendido por Taylor é uma ferramenta que possibilita que ocorra nas comunidades culturais, a formação e o reconhecimento das identidades individuais e coletivas em seus espaços territoriais, por meio do diálogo entre os homens (SILVA, 2006). E isso pode acontecer tanto no plano íntimo, local, por meio da interação social dos indivíduos com os demais, como no plano social, ou na esfera pública, por meio de políticas de reconhecimento igualitário que geram a identidade de grupo. Nesse sentido, a luta por reconhecimento proposta por Taylor se constitui em uma luta intersubjetiva, ou seja, se constrói na relação com outro, como uma ação conjunta, diante das constantes transformações que a sociedade reflexivamente passa. (ANDRADE, 2013).

Se aproximando da teoria de Charles Taylor, Axel Honneth, destaca que os indivíduos conseguirão ter plena realização de suas capacidades e uma autorrelação positiva marcada pela integridade, por meio do reconhecimento intersubjetivo, ou seja, se forem reconhecidos pelo seu parceiro de interação (PIZZIO, 2014). Diante disso, em se tratando de comunidades, o sujeito que é reconhecido pelo outro, pelas suas capacidades e atuações dentro do grupo, tem mais possibilidade de ter um crescimento ou desenvolvimento de si mesmo de forma mais positiva, favorecendo também o fortalecimento do grupo para enfrentar as adversidades e ser resiliente. Na comunidade MSJ, esta característica pode ser encontrada com mais ênfase nos festejos, nas danças, nos cânticos e no modo próprio de lidar com estas tradições, fato que

molda a identidade do grupo desde os anciãos até as crianças. Segundo relatos, as festas são preparadas e organizadas pelos moradores, que planejam cada detalhe durante o ano todo. O envolvimento e a interação entre o grupo os fortalece no sentido de vencer as dificuldades e alcançar o propósito de manter a identidade e a tradição viva.

Membro da terceira geração da Escola de Frankfurt, vinculado à tradição da teoria crítica, Axel Honneth desenvolveu pesquisas com o propósito de analisar a teoria do reconhecimento, tendo como base para suas formulações os preceitos da teoria crítica. De acordo com Pizzio (2014), há três pontos presentes na tradição crítica que servem de base teórica para o desenvolvimento das formulações de Honneth: o primeiro é o caráter patológico da sociedade contemporânea, que ele define como déficit de racionalidade, associado a um parâmetro normativo do que seria o patológico e implicitamente a concepção do que seria a boa vida ou de possibilidade de autorrealização individual, ou seja, de um desenvolvimento e crescimento de si mesmo mais amplo, com habilidade de gerir sua própria vida; o segundo ponto é a convicção de que este déficit de racionalidade é uma decorrência da forma de organização característica do capitalismo; e o terceiro e último ponto corresponde à possibilidade de criticar e superar as patologias sociais que são derivadas da mesma racionalidade, no qual o desenvolvimento está bloqueado e se expressa no sofrimento, o qual surge de um desejo emancipatório (PIZZIO, 2014).

Em sua obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003), o desenvolvimento teórico de Honneth dialoga com dois autores: Hegel e Georg Mead. De Hegel utiliza o conceito de “luta por reconhecimento”, o qual serve de inspiração para Honneth desenvolver o seu conceito de luta moralmente motivada, que permite reproduzir a noção de conflito. No entanto, Honneth (2003) destaca que o conceito de Hegel deve ser retomado pela perspectiva de uma teoria social de teor normativo. Isso porque, as reflexões teóricas de Hegel se embasam, em parte, nos pressupostos teóricos do idealismo alemão, os quais não podem mais ser compatibilizados com as condições teóricas do pensamento atual. De acordo com Honneth (2003), é necessária então uma reatualização de suas formulações. Assim, as formulações originais de Hegel para a luta por reconhecimento “[...] não deve ser retomado com o propósito de uma teoria normativa das instituições, nem somente com o objetivo de uma concepção de moral ampliada no plano da teoria da subjetividade, mas sim na perspectiva de uma teoria social de teor normativo [...]” (HONNETH, 2003, p. 119). Diante disso, o autor recorre às formulações da psicologia social de George Mead, por meio do conceito formal de etnicidade, baseado nas condições

intersubjetivas da integridade pessoal (PIZZIO, 2014). De acordo com Honneth (2003), Mead, em seus pressupostos conceituais conseguiu desenvolver de maneira coerente a ideia de que os indivíduos devem sua identidade à experiência de um reconhecimento intersubjetivo. Destaca que nenhuma outra teoria conseguiu realizar este feito da mesma maneira.

Para o autor, a concepção de Mead contém os meios mais apropriados para reconstruir as formulações teóricas da intersubjetividade de Hegel. Tal concepção se refere à intersubjetividade da autoconsciência do homem, na qual “[...] um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele aprende a perceber sua própria ação da perspectiva, simbolicamente representada, de uma segunda pessoa” (HONNETH, 2003, p. 131). Assim, conforme esta perspectiva, o desenvolvimento da autoconsciência vai depender da existência de um segundo sujeito, ou seja, deve haver uma interação entre os indivíduos.

Todavia, como destaca Honneth (2003), as preocupações de Hegel não permeavam a relação cognitiva de interação do sujeito por meio da autoconsciência, e sim interessava a ele as condições intersubjetivas da autorrelação prática do homem. Mas, por outro lado, destaca o autor, que a teoria de Mead serviu de auxílio, pois “[...] depois que ele avançou até o conceito intersubjetivista de autoconsciência, seus escritos se movem igualmente na direção de uma investigação da autorrelação prática do ser humano.” (HONNETH, 2003, p. 132), e ainda posteriormente seus trabalhos avançaram para a explicação da formação da identidade humana. Para Mead, a socialização em geral se dá por meio de uma interiorização de normas de ação, que derivam de generalizações das expectativas de ações de todos os membros da sociedade (HONNETH, 2003). Assim, o indivíduo aprende a se conceber como membro de uma sociedade organizada, por meio da perspectiva de outro generalizado. Desse modo, conforme ele assume as atitudes do grupo social ao qual pertence por meio do compartilhamento de atividades sociais organizadas e baseadas na cooperação, é que poderá desenvolver uma identidade completa e possuir a que ele desenvolveu (HONNETH, 2003). Afirma Honneth (2003), que se um sujeito aprende a assumir as normas sociais impostas, alcançando a identidade como membro aceito socialmente pelo coletivo, então é plenamente aceitável que o conceito de reconhecimento seja empregado nesta relação intersubjetiva. A formulação teórica de Mead prevê que o processo de socialização e as interações são responsáveis pelo pleno desenvolvimento da identidade dos indivíduos, e a luta pelo reconhecimento nesse sentido é o ponto de referência da evolução moral da sociedade (PIZZIO, 2014). Na comunidade MSJ se observou que o reconhecimento entre os moradores é forte. Durante as entrevistas os moradores gostavam muito de enfatizar que vivem uma

relação tranquila e que dificilmente ocorre brigas entre eles e que são uma verdadeira família, se esforçando a todo o momento para enfatizar as características e qualidades daqueles que fazem parte do grupo. Isso aconteceu na maior parte das entrevistas. O que se interpretou dessa situação é que embora possa haver desentendimentos entre eles, até porque o conflito é sempre possível onde há relações sociais, não há o interesse em expor esta situação publicamente, principalmente para os que são de fora. Pelo contrário buscam demonstrar, ou até encenar uma realidade harmoniosa, regada por respeito mútuo e reconhecimento do papel de cada um no grupo.

Concluindo com a contribuição de Mead é preciso destacar que suas formulações partem de dois pontos: primeiro tem um olhar mais intersubjetivista no qual o desenvolvimento da identidade só pode ocorrer por meio de processos sociais de experiência e atividades em um indivíduo. Estes resultam das relações do indivíduo com o processo como um todo, e com os demais que se encontram inseridos na interação social. O segundo ponto se refere à investigação da relevância das normas morais nas relações humanas. Nas relações sociais ocorrem conflitos entre os envolvidos na interação que possibilitam que indivíduo e a sociedade se desenvolvam moralmente (PIZZIO, 2014). Nesta perspectiva, a autorrealização do sujeito vai depender da relação de reconhecimento que ocorre no processo de interação. Isso porque, em uma relação de reconhecimento recíproco “[...] todo sujeito pode saber-se confirmado como uma pessoa que se distingue de todas as outras por propriedades ou capacidades particulares”. (HONNETH, 2003, p. 149).

Partindo então das concepções apresentadas acima, e também utilizando as formulações de Winnicott, Honneth (2003) constrói uma tipologia constituída por três formas distintas de reconhecimento: Amor, Direito e Solidariedade. A primeira constitui as relações primárias, cujas formas de reconhecimento são o amor e a amizade; a segunda são as relações legais, na qual as formas de reconhecimento são aquelas identificadas com os direitos e; por fim a terceira tipologia se refere às comunidades de valor, em que as formas de reconhecimento se dão pela solidariedade. Em todas estas existem uma relação prática do sujeito com o *self*. No amor as relações são definidas como autoconfiança básica, já no direito as relações são definidas como autorrespeito e na solidariedade como estima social. De acordo com esta formulação teórica, a formação de indivíduos autônomos dependerá do desenvolvimento destes três tipos de relação com o *self*, que só podem ser adquiridas por meio do reconhecimento de outros. Nesse sentido, o sujeito só será capaz de reconhecer o outro em sua singularidade, se suas capacidades e qualidades forem também reconhecidas e

legitimadas pelos outros; ou seja, deve haver um processo recíproco de reconhecimento (PIZZIO, 2014).

Por fim, como destaca Pizzio (2014), cada uma destas formas de reconhecimento possui motivação moral por formas de desrespeito à integridade física, à integridade social e à dignidade da pessoa, por isso, possuem evidentemente um potencial para o conflito. Diante do que foi exposto e mediante um contexto pautado por novos condicionamentos sociais, que infligem constantemente as comunidades tradicionais, conclui-se que a contribuição teórica de Honneth e Taylor constituem ferramenta importante na análise da desigualdade social e da necessidade de resistência e superação das situações de adversidades e vulnerabilidade social que as comunidades tradicionais têm enfrentado.

### **3.3 A importância da relação entre resiliência e reconhecimento para a superação das adversidades e construção de identidades**

Observa-se então que a relação entre reconhecimento e resiliência é possível e constitui um importante instrumento que auxilia os indivíduos no processo de superação de problemas e construção de identidades, pois como afirma Pizzio (2014), a resiliência não é somente a capacidade que os indivíduos possuem de se adaptar e superar as situações adversas, mas também de se desenvolver com estas situações. Desse modo, o que vai favorecer que o indivíduo se torne ou não resiliente é a capacidade de construção de si mesmo na interação que estabelece com os que estão a sua volta. Isso porque a construção social da identidade, enquanto processo contínuo, se exprime no plano coletivo como um fator manipulado, uma vez que, os sujeitos dispõem de uma margem de autonomia na definição de si. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a produção de um *self* resiliente depende da capacidade de gerir e controlar informações dentro de um processo amplo de reflexividade social.

Na comunidade em questão, se observou nos relatos que os membros têm o cuidado em ajudar o outro a superar suas dificuldades, pois alegam que como vivem em comunidade, formando uma grande família, se um deles sofrer trará sofrimento a todos e impedirá que o grupo se mantenha unido e forte. Este cuidado é permeado também pelo respeito ao papel que cada um exerce dentro do grupo, nos festejos e nas decisões que precisam ser tomadas em prol da comunidade. Conforme se percebeu, há na comunidade a preocupação em preservar a interação de maneira harmoniosa e reconhecer reciprocamente o papel e a utilidade do outro

dentro do grupo, com a justificativa de que este comportamento ajuda a preservar a comunhão e a característica quilombola, ou seja, a identidade cultural.

Isso pode ser justificado ao se relacionar os pilares da resiliência comunitária descrita por Ojeda (2005), com as três formas de reconhecimento descritas por Honneth (2003). Como já foi discutido anteriormente, as características sociais que formam os pilares da resiliência comunitária, segundo Ojeda (2005) são: autoestima coletiva, identidade cultural, humor social e honestidade estatal. E as três formas de reconhecimento são o reconhecimento primário de amor e amizade, as relações legais e às comunidades de valor ou solidariedade. A primeira relação que se pode estabelecer é entre o reconhecimento primário e a característica de humor social da resiliência. Isso porque, se as relações de amor e amizade estiverem sendo consolidadas dentro do grupo comunitário, levará a um reconhecimento recíproco das capacidades e qualidades dos moradores, favorecendo assim a redução de conflitos e auxiliando na solução dos problemas, os tornando capazes de enfrentar as adversidades de maneira humorada trazendo um efeito tranquilizador e prazeroso ao grupo, estimulando a superação da adversidade.

A segunda relação que se pode estabelecer é entre o reconhecimento jurídico com a característica de honestidade coletiva presentes na resiliência comunitária. A capacidade de ser honesto em ações públicas, ou seja, que dizem respeito ao coletivo, traz ao grupo a possibilidade de ter confiança de que o exercício da prática de direitos e deveres será cumprido. Isso promoverá o autorrespeito nos indivíduos e conseqüentemente na ordem coletiva, levando à união em prol da superação da adversidade.

A terceira relação possível se refere ao reconhecimento pautado na comunidade de valor ou solidariedade e as características de autoestima coletiva e identidade cultural. Quando há a união da população em se mobilizar para agir em solidariedade ao grupo diante de um problema, e se organiza para solucioná-lo, isso melhora a situação de todos, trazendo a eles orgulho de pertencer ao lugar, de ser parte daquela comunidade elevando assim a estima coletiva que favorece a capacidade de superação. Da mesma forma quando as pessoas respeitam e exaltam sua identidade cultural, isso também lhe proporciona o prazer de se manter na comunidade, e lhe dá força para enfrentar os problemas e defender o grupo, possibilitando maior capacidade de superação. Diante destas relações é possível concluir que o reconhecimento social da identidade cultural é um fator de resiliência.

#### **4 CULTURA E NEOCOMUNIDADES: AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NUM CONTEXTO DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Várias são as definições encontradas para o conceito de cultura, desde as clássicas até as mais modernas. Para a Antropologia Edward Tylor foi o primeiro a elaborar um conceito de cultura, se referindo a um conjunto complexo de conhecimentos, crença, arte, moral e lei além dos costumes, capacidades e hábitos adquiridos pelos indivíduos na condição de membro da sociedade (TYLOR, 2005). Partilhando de postulados da escola evolucionista, defendia que as culturas eram vistas como primitivas ou atrasadas, mas acreditava que o homem tinha a capacidade de progredir.

Uma concepção também importante é de Bronislaw Malinowski (1975), que se remetendo à análise funcional e institucional, define cultura como “[...] um amálgama global de instituições em parte autônomas, em parte coordenadas. [...] Cada cultura deve sua integridade e sua auto-suficiência ao fato de que satisfaz toda a gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas”. (MALINOWSKI, 1975, p. 46). Para o autor, a cultura representa o todo social, que compreende também o conjunto de todas as instituições, assim, constitui uma maneira de resolver as necessidades humanas.

Destaca Laraia (2014), que após a definição de Tylor, muitas outras formulações do conceito de cultura foram sendo apresentadas por estudiosos do tema. No entanto, segundo o autor, os pesquisadores não chegaram a um consenso a respeito do conceito, o que gerou um número grande de definições, trazendo mais confusão do que ampliação e clareza dos limites do mesmo. Nesse sentido, como ressalta Geertz (2008), era preciso que a teoria antropológica moderna realizasse o exercício de diminuir a amplitude do conceito para transformá-lo num instrumento mais forte teoricamente. Segundo Laraia (2014), foi a partir da segunda metade do século XX que a Antropologia moderna passou então a buscar a reconstrução do conceito que estava fragmentado pelas diversas definições. Nesse sentido, ressalta Geertz (2008) que a Antropologia continua trabalhando no sentido de encontrar um caminho para um conceito mais viável sobre o homem, no qual a cultura e a diversidade cultural possam ser compreendidas em sua real dimensão. É imprescindível considerar que a diversidade existe e precisa ser respeitada, além disso, deve ser compreendida e interpretada de forma que cada detalhe, cada campo seja visto de acordo com suas particularidades. Para o autor, o homem é um ser complexo e precisa ser pensado na sua complexidade, levando-se em conta as suas particularidades.

Conforme destaca Lévi-Strauss (1976), as culturas diferem entre si, porém, não do mesmo modo e nem no mesmo plano, pois cada sociedade possui sua organização social, cultural e política. Afirma que o homem moderno, ao não compreender intelectualmente as diferenças, as diversidades, gerou inúmeras especulações filosóficas e sociológicas que tentavam suprimir a diversidade colocando todos dentro de um plano universal. De acordo com o autor, o homem não pode ser considerado como universal, é necessário considerar as particularidades de cada contexto em que está inserido.

Segundo Santos (1994), a cultura se refere à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Assim, cada sociedade possui sua forma de cultura, e “[...] cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam.” (SANTOS, 1994, p. 8). Desse modo, os componentes da cultura, bem como a cultura como um todo devem ser encarados como entidades distintas que formam uma unidade, ou seja, a cultura pode ser pensada em sua particularidade, mas não deixa de ser um conjunto de sistemas que formam um sistema maior. No contexto atual da globalização isso está cada vez mais presente. A pluralidade cultural não é percebida mais apenas dentro da sociedade, mas também entre diferentes sociedades. E, embora o discurso homogeneizador da totalização possa propagar-se mundialmente, atendendo aos interesses daqueles que mantêm esse discurso, é preciso destacar um ponto positivo desta relação, pois a globalização pode proporcionar trocas culturais saudáveis, entre diferentes pessoas em diferentes partes do mundo. Isso é bom, pois muito há de ser aprendido com outras culturas, desde que não se tenha a pretensão de difundir uma em específico como superior às demais. Pode-se afirmar então, diante do que foi exposto, que o conceito de cultura está intimamente ligado ao conceito de identidade.

Neste sentido, as comunidades tradicionais possuem particularidades culturais, sua identidade social que deve ser respeitada e contemplada, mas não se deve esquecer que estas são parte de um sistema maior, ou seja, constituem a sociedade brasileira, fazem parte da mesma nação. O que se percebe, é que cada vez mais as comunidades estão sendo inseridas no contexto global, o que não deixa de ser positivo, mas, todavia, essa inserção traz em seu bojo inúmeras adversidades que são impostas às comunidades colocando-as em situação de vulnerabilidade social. Como dito anteriormente, o contexto atual tem incentivado a recriação da tradição, mas não se pode negar que essa ação tem como pano de fundo, na maioria das

vezes, a utilização da cultura como um recurso importante na manutenção de projetos do Estado.

#### **4.1 A cultura como recurso e estratégias para manutenção da cultura: o caso da comunidade quilombola Morro de São João**

Como já foi dito, o processo de globalização desencadeia uma série de impactos diretos e indiretos, muitos atingem negativamente as comunidades. Dentre as inúmeras questões derivadas desse processo, a utilização da cultura como um recurso é um exemplo claro disso. George Yúdice, em *A Conveniência da Cultura* (2013), demonstra bem esse processo de utilização da cultura como recurso. Um dos principais fatores que influenciam tal prática é o próprio processo de globalização, o que tem motivado muitos pesquisadores a analisarem a forma como o processo tem ocorrido e o que fazer para minimizar os danos. Mais uma vez o relatório do Desenvolvimento Humano do PNUD de 2014 com o tema *Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência* serve como exemplo desta preocupação em refletir sobre formas de reduzir as vulnerabilidades.

Segundo Yúdice (2013), no cenário atual a cultura enquanto recurso ganhou legitimidade e deslocou ou absorveu outros conceitos que a ela foram conferidos. Para o autor, falar de cultura como recurso não significa falar de mera mercadoria, pelo contrário, corresponde a um eixo de uma nova estrutura epistêmica em que a ideologia e a sociedade disciplinar, são absorvidas por uma racionalidade econômica. Isso ocorre “[...] de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em “cultura” e seus resultados – tornam-se prioritários” (YÚDICE, 2013, p. 13).

Segundo o autor, recentemente os “administradores de recursos globais” descobriram a necessidade de se preservar a cultura, pelo menos no que se refere à manutenção e investimento cultural. Isso porque, entre outras razões, o investimento em cultura fortalece a fibra da sociedade civil que, conseqüentemente, influenciará o desenvolvimento político e econômico. Porém, conforme salienta Yúdice (2013), não é fácil manter equilíbrio entre os aspectos sócio-políticos e econômicos no gerenciamento cultural. Dependendo de como se dá a legislação da sociedade em que se pretende proteger as tecnologias e práticas culturais, pode-se necessitar que a proteção dependa da transformação de um bem em propriedade privada. Em outras palavras, será necessária a transformação de uma cultura inalienável em propriedade privada ou negociável.

Assim, cada vez mais os recursos culturais estão sendo gerenciados de forma particular. Alguns, geralmente os “sem poder”, tiram da sua própria cultura força para enfrentar a violenta investida dos poderosos. Já para outros, a expressão cultural tem pouca relevância, o que importa mesmo é que a cultura apoia uma política de mudança. Neste sentido, ao passo que a negociação da agência cultural depende de diferentes níveis de gerenciamento, ou de diferentes instâncias, o cuidado de si se torna performativo. “Ele ou ela que pratica o cuidado de si precisa também forjar sua própria liberdade trabalhando através dos modelos que ele encontra em sua cultura e que são propostos, sugeridos, impostos a ele por sua cultura, sua sociedade, e seu grupo social” (YÚDICE, 2013, p.17).

Salienta Yúdice (2013), que esta noção de cultura como recurso tem circulado no mundo todo de forma crescente e rápida. De maneira que, o gerenciamento da cultura que costumava ocorrer em âmbito local ou nacional em alguns países da Europa ou América Latina, agora ocorre em âmbito supranacional, por intermédio de organizações não governamentais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por exemplo. Afirma que devido a esta circulação estendida ao global, tem ocorrido uma nova forma de gerenciamento, culminando em uma nova divisão internacional de trabalho cultural que imbrica a diferença local com administração e investimentos transnacionais.

Nesta perspectiva, o papel da cultura se expandiu para as esferas políticas e econômicas e atualmente tem sido mais caracterizada como uma cultura de globalização, como um recurso. Isso porque, a cultura se tornou um pretexto para uma suposta melhoria sociopolítica e econômica. Desse modo, o que os capitalistas têm vislumbrado na utilização da cultura como recurso é a possibilidade de favorecimento ou impulso para o crescimento econômico. De acordo com o autor, a proliferação deste argumento em fóruns que discutem projetos referentes à cultura e desenvolvimento local, tem proporcionado uma transformação do que se entende por cultura e o que se faz em seu nome. Porém, ressalta Yúdice (2013), que a relação entre cultura e política ou cultura e economia não é nova, há um histórico que mostra que a cultura desde o século XVIII já vem sendo usada para beneficiar os controles sociais. No séc. XVIII foi um veículo no qual emergiu a esfera pública; ao longo dos sécs. XIX e XX se tornou um meio de internalizar o controle social. Houve uma transformação na maneira das pessoas se vestirem, de andar e falar.

Atualmente a arte e a cultura passam por um processo de instrumentalização, que pode ocorrer por várias razões. Às vezes ocorre com o intuito trazer melhorias às condições sociais,

como é o caso da criação de ações que promovam a tolerância multicultural e a participação cívica, ou mesmo de ações como as da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em prol da cidadania cultural e dos direitos culturais. E às vezes pode ocorrer como um estímulo ao crescimento econômico por meio de projetos de desenvolvimento cultural urbano ou mesmo a criação de museus que incentive o turismo cultural. Desse modo, a cultura passa a ser vista por muitos como uma possibilidade de solução para problemas sociais. De acordo com o autor, uma das razões que possibilitou a legitimação da cultura baseada na utilidade se deve a globalização que “[...] pluralizou os contatos entre os diversos povos e facilitou as migrações, problematizando assim o uso da cultura como um expediente nacional” (YÚDICE, 2013, p.28).

Destaca Yúdice (2013) que nos Estados Unidos a cultura e a arte passam a serem a esperança de se resolver vários problemas sociais, como por exemplo, melhorar a educação, abrandar a rixa racial, ajudar a reverter a deterioração urbana por meio do turismo cultural, criar empregos, diminuir a criminalidade, e talvez até tirar algum lucro. Países europeus também têm comungado da ideia de “utilidade” ou recurso da arte e da cultura na promoção da coesão social e na diminuição de problemas como desemprego, já que, se trata de um setor de trabalho intenso, e com isso, cada vez mais instituições importantes da União Europeia como Banco Mundial, por exemplo, passaram “[...] a compreender a cultura como uma esfera crucial para investimentos, a cultura e as artes são cada vez mais tratadas como qualquer outro recurso. ” (YÚDICE, 2013, p.31). De acordo com o autor, o Banco Mundial sugere que o patrimônio gera valor, e o desafio maior é analisar os retornos dos investimentos que restauram e extraem valor do patrimônio cultural.

Há exemplos empíricos que mostram que

[...] é a cultura, que viabiliza a consolidação da cidadania fundada na participação ativa da população. [...] a cultura produz os padrões da confiança, da cooperação e da interação social que resultam numa economia mais vigorosa, mais democrática e governo efetivo, além de menores problemas sociais, então será provável que os BDMs investirão em projetos de desenvolvimento cultural. (YÚDICE, 2013, p.33).

No entanto, as empresas de fomento não investirão em cultura pela cultura, mas somente investirão em cultura se ela puder oferecer uma forma indireta de retorno. Demonstra Yúdice (2013), que os retornos podem vir na forma de incentivos fiscais, comercialização institucional ou valor publicitário, e a conversão de atividades não comercial em atividade comercial. Contudo, para que as atividades culturais possam receber o financiamento da instituição de fomento deve apresentar dados quantitativos que comprovem a viabilidade de se investir. Neste caso, o banco irá avaliar os riscos e os benefícios de se investir em tal

atividade e obter retorno. Isso comprova que embora o *ethos* democrático da justiça social seja levado em conta quando da avaliação do banco sobre a viabilidade do investimento, a verdade é que “o resultado final é que as instituições culturais e financiadores estão cada vez mais voltados para a medida da utilidade, pois não há outra legitimação aceita para o investimento social.” (YÚDICE, 2013, p.35).

De acordo com o autor, para que este resultado final fosse obtido, a noção de cultura foi sofrendo várias transformações, e acabou se fundindo naquilo que o autor denomina de economia cultural. Vários lugares do mundo já possuem projetos que levam em conta a economia cultural. Tais projetos visam valer-se das maneiras pelas quais a criatividade das nações pode auxiliar no desenvolvimento, na inclusão da diversidade e na coexistência pacífica. Yúdice (2013) afirma que a cultura é cada vez mais vista como uma propulsora do desenvolvimento, e alguns até arriscam que a cultura se transformou na própria lógica do capitalismo contemporâneo. Ressalta que a culturalização da economia foi coordenada por meio de acordos comerciais e de propriedade intelectual, que possibilitaram a transformação de atividades sociais em propriedade.

Diante disso, a cultura acabou se transformando em um elemento de suma importância para o processo de globalização. Na medida em que a identidade social, as diferentes culturas passaram a se desenvolver em um contexto coletivo, houve uma receptividade do tema em fóruns internacionais que colocaram nas pautas de discussão o que deveria ser feito em relação aos direitos das comunidades de serem incluídas democraticamente no cenário e ter seus direitos desenvolvidos ali. O autor então se remete a Boaventura Santos, o qual explica que a lógica do desenvolvimento moderno ofuscou a racionalidade estético-expressiva e a comunidade. Ainda com base no pensamento de Santos, afirma Yúdice:

No eixo da regulação, o mercado prevaleceu sobre o Estado e a comunidade; no eixo da emancipação, a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência que infligiu danos à natureza e ajudou a regular o corpo e a transformá-lo em bem de consumo por meio da biotecnologia, tomou precedência sobre as racionalidades moral-prática e estético-expressiva (YÚDICE, 2013, p.47-48).

Conforme afirma Yúdice (2013) a cultura tem sido utilizada como tentativa de trazer soluções para diversos problemas da comunidade, problemas de âmbito político, econômico e social, tornando então o uso da cultura conveniente. Destaca que a noção de cultura como conveniência pode ser encontrada em diferentes setores da vida contemporânea. A cultura é conveniente como recurso para se atingir um fim e pode ser usada de diversas formas, como por exemplo, para promover o desenvolvimento urbano, para promover a cultura nativa e os patrimônios nacionais explorados pelo turismo, para transformar lugares históricos em

parques temáticos. Destaca que a conveniência da cultura é uma característica óbvia da vida contemporânea, por isso não seria nada interessante qualificar políticas de identidades como uma aberração, mas sim é necessário estabelecer uma genealogia da transformação da cultura em recurso. O autor embora não se apoie na teoria heideggeriana para discutir cultura como recurso, ele utiliza a reflexão deste autor sobre reserva disponível para sustentar o seu argumento. Heidegger traz a discussão sobre a influência da tecnologia na transformação da natureza em recurso, ou numa reserva disponível. Nesta reflexão, tudo, inclusive o ser humano, é visto como algo passivo de se transformar em recurso. E ainda, a ciência enquanto tecnologia é vista como uma transformação autônoma da práxis. Para Yúdice (2013), a globalização foi que acelerou o processo de transformação de tudo em recurso. Esta transformação da cultura em recurso representa o surgimento de uma episteme pós-moderna. Segundo Yúdice (2013) a globalização tem sido responsável por disseminar os processos simbólicos que conduzem a economia e a política de maneira crescente.

O autor afirma que há uma relação de conveniência entre a globalização e a cultura no sentido de que há uma adequação entre elas. Destaca que quanto mais à globalização se aproxima de culturas diferentes para contato mútuo, mais favorece o aumento do questionamento da norma. Um exemplo de como o fator global tem influenciado a comunidade MSJ é por meio da divulgação da congada em eventos públicos conforme relata um morador

Antes a nossa festa acontecia só pra nois mesmo, era pra cumprir promessas e manter a tradição, mas agora aparece pessoas de todo lado querendo aprender sobre as nossas festas. O congo mesmo, nois já fomos convidados várias vezes pra apresentar a nossa dança. Nois já fomos pra São Paulo, pra Brasília, pro Maranhão, pra Palmas e pra outras cidades ai. Quando vai ter algum evento que fala sobre quilombola ou sobre festas tradicionais eles chamam a gente pra cantar e dançar. Aí eles dão um dinheiro pra pagar a nossa viagem de ônibus e pra gente comer e dormir. Na maioria das vezes é políticos que encomendam estas festas. As veis a gente é chamado por causa de projetos. Por exemplo, no mês que vem mesmo, a gente foi chamado para ir numa escola em Santa Rosa participar de um projeto do governo federal que quer ensinar para as crianças sobre a nossa cultura. Ai chamaram nois pra ir ensinar as crianças a bater o tambor e dançar o congo. Nóis vamos receber um dinheirinho, pra dar dez horas de curso O dinheiro vai mesmo é pra associação só que eu e meu irmão que somos os que sabemos ensinar o congo vamos receber um pouco pra dar as aulas, não é muito não, mas todo o dinheiro ajuda né. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

O projeto que este morador se refere é o programa Mais Cultura do Governo Federal que, conforme consta na página do Ministério da Cultura, incorpora a cultura como vetor importante para o desenvolvimento do país, incluindo-a na agenda social – com status de política estratégica de estado para atuar na redução da pobreza e a desigualdade social. De acordo com a mesma fonte, este programa foi lançado em 2007, representa o reconhecimento

da cultura como necessidade básica, direito de todos os brasileiros, tanto quanto a alimentação, a saúde, a moradia, a educação e o voto. Pode concorrer aos editais públicos do programa os municípios, estados, pessoas físicas ou pessoas jurídicas de direito público ou privado, sem fins lucrativos, que sejam de natureza cultural, como associações, sindicatos, cooperativas, fundações, escolas caracterizadas como comunitárias e suas associações de pais e mestres, ou organizações tituladas como Organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIPs) e Organizações sociais (OS), com atuação comprovada na área cultural há pelo menos dois anos.

Yúdice (2013) destaca a utilização que as Organizações não governamentais (ONGS) fazem da cultura como recurso, a este fenômeno chama de ong-ização da cultura. Por intermédio do desenvolvimento de projetos sociais e culturais em parceria com movimentos sociais, com o intuito de mobilizar recursos para o desenvolvimento da própria comunidade. As ONGS conseguiram ter suas demandas reconhecidas por favorecer o resgate das identidades sociais. E como existem muitos projetos disponíveis, a cultura comunitária se torna interessante para estas instituições, que buscam cada vez mais a aprovação de projetos.

Diante disso, se percebe como as instituições, Ongs, poder público, enfim os agentes externos à comunidade se utilizam cada vez mais da cultura de forma que lhes é conveniente. Diante desta perspectiva as comunidades tradicionais se transformaram em um recurso rentável. Entretanto, sabe-se que nem todas as comunidades tradicionais estão sujeitas de maneira integral a esta lógica. Muitas enfrentam este processo e conseguem superá-lo de maneira que a sua tradição seja preservada. Ocorre então que estas comunidades criam a capacidade de serem resilientes frente às pressões dos movimentos de globalização.

No caso da comunidade MSJ, os festejos que no passado aconteciam somente dentro da comunidade e para a comunidade, segundo relatos de moradores, de alguns anos para cá, vem se transformando em uma festa que participam não só os moradores, mas também políticos locais, membros de instituições públicas, pesquisadores, etc. E os próprios responsáveis pela festa buscam quando necessário a ajuda de pessoas de fora como uma espécie de patrocínio para que a festa ocorra. Justificam esta necessidade, dizendo que antes eles precisavam fazer pouca comida, então o gasto era menor, mas como a responsabilidade de financiar o festejo cada ano recai sobre uma família, e o número de visitantes tem aumentado, toda a ajuda é bem-vinda. Estas alterações são relatadas pelos moradores:

A festa de Santana é um festejo que começa dia 24 e vai até o dia 26 de Julho. A festa de Santana é uma festa grande. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Se você vê fica abismada. Vem uma multidão de gente, vem gente até de São Paulo, coloca tenda, porque antes fazia os barracão, mas agora o IBAMA não aceita mais que a gente tira madeira pra fazer os barracão, ai a prefeitura cede as tendas. Eu mesmo já fui imperador duas vezes. Tem muita comida. Tem reza, ai o povo reza e vai pra casa do imperador, ai tem o almoço depois reza de novo. E assim vai, são dois dias de festa. Antes a gente matava dois gados e dava agora tem de matar 10 gados. Aqui junta povo demais, vem gente de longe, eu não sei como esse povo fica sabendo da festa. (Marcos, 84 anos, aposentado).

As mulheres começam a fazer o bolo aqui no dia 15, pra dá conta dele no dia 24, porque tem de fazer muito. E pro almoço eles matam gado, porco e galinha. Mas como a população que vem na festa cresceu precisa de muito mais comida. Antes era só o povo daqui da redondeza que vinha, agora é gente de todo o lugar. Enche aqui de carro, de ônibus e tudo. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Outra afirmação que merece destaque é que eles precisam fazer com que a festa fique bem bonita para divulgar a cultura aos visitantes, segundo eles às vezes vem até o jornal fazer reportagem sobre as festas. As figuras abaixo confirmam isso.

Figura 4 – Ritual no cemitério e presença da imprensa local



Fonte: Reprodução do Facebook página Capela João Batista, 2013.

Figura 5 – Presença da imprensa local no festejo



Fonte: Reprodução Facebook página Capela João Batista, 2013

Outro elemento interessante que foi observado é que durante alguns anos a comunidade contava com um pequeno jornal produzido por alguns moradores utilizado para informar a todos sobre o que ocorria na comunidade, atualmente a divulgação dos festejos e notícias sobre a mesma é feita por intermédio da internet e das redes sociais, o que faz com que um número maior de pessoas tenha acesso a estas informações. Há pelo menos três páginas no Facebook que tem este papel informativo sobre a comunidade, são elas: Comunidade MSJ-TO, Informativo São João e Capela São João. A figura 6 mostra um panfleto de divulgação da congada de 2013. Isso não deixa de ser uma estratégia identitária da comunidade promover e assim manter a sua cultura, torná-la conhecida. Inclusive na figura 6 é possível notar que o patrocinador da festa foi a prefeitura de Santa Rosa. Enfim, pode-se afirmar que é a cultura sendo usada como recurso. O que se observa então é que tem havido uma nova forma de lidar com as comunidades tradicionais, tanto pela intenção de uso da cultura como recurso como a tentativa de resgate do tradicional, e isso é discutido por Javier Lifschitz como o fenômeno de neocomunidades.

Figura 6 - Divulgação de festejos



Fonte: Reprodução Facebook página Capela São João, 2013.

Historicamente, o termo comunidade foi construído, enquanto conceito teórico, em um contexto que se pressupunha que a vida em comunidade estava em implacável declínio e a modernidade em constante ascensão. Na obra *Comunidades Tradicionais e Neocomunidades* (2011), Javier Lifschitz apresenta um estudo sobre a situação de declínio das comunidades frente à ascensão da modernidade, sugerida por autores clássicos, em contraposição à situação atual em que ocorre um estimulado processo de revigoramento das comunidades tradicionais, principalmente na América Latina.

De acordo com o autor, as comunidades latinas vivenciam um processo de reconstrução e resgate de suas tradições em meio a um contexto caracterizado por constantes mudanças e inovações do mundo moderno e extremamente globalizado. Embora inseridas nessa lógica, a inserção e a relação com o fenômeno não é padrão e nem uniforme, pois muitas comunidades conseguem manter seu modo de vida de acordo com suas características tradicionais, enfrentando as adversidades provocadas pelo fenômeno de maneira resiliente.

Comunidades tradicionais e modernidade são dois elementos opostos, mas que se relacionam constantemente. Com o advento e ascensão da modernidade, a partir do século XIX, as comunidades tradicionais sofreram um significativo declínio no decorrer da história,

fato que fez com que muitos acreditassem que poderiam ser diluídas. No entanto, o que se percebe atualmente é que estão sendo recriadas. De acordo com o autor, muitos acreditavam que as comunidades iriam se transformar em uma peça do passado, em verdadeiros museus vivos. Mas, isso não ocorreu, pelo contrário, no caso da América Latina, a cena política contemporânea contempla o retorno do debate acerca dos direitos dos povos tradicionais e originários.

O debate acerca do fenômeno comunitário e sua articulação com o poder público e os processos de modernização, há muito vem sendo realizado no âmbito das Ciências Sociais. Mas, o que tem mudado para as comunidades com a prática de políticas públicas territoriais e culturais, em voga atualmente, é uma questão de extrema importância. Javier Lifschitz se ateu a realizar esta investigação com o intuito de verificar o que mudou nessa nova configuração e mostrar que “[...] comunidades tradicionais vem sendo um âmbito privilegiado de políticas públicas e de instituições e agências privadas (agências culturais, ONGS, turismo cultural, dentre outras), e que estas imprimiram mudanças na dinâmica comunitária” (LIFSCHITZ, 2011, p. 13).

No entendimento de Lifschitz (2011), a Ciência Social passou a formular o conceito de comunidade em um contexto em que se acreditava que esta forma de organização se encontrava em fase de declínio total. Era um cenário em que a trajetória do capitalismo seguia em direção ao futuro, por isso, a modernidade e a comunidade se colocavam em oposição. Assim, no constante processo de modernização, a mudança social previa a superação da tradição para que o moderno pudesse avançar. Pensadores como Durkheim, Weber, Marx e Tönnies já relacionavam o avanço da modernidade ou do capitalismo à desestruturação da vida em comunidade e o avanço da vida em sociedade (LIFSCHITZ, 2011). Aqueles previam que as fronteiras entre a comunidade e a modernidade estavam se diluindo. Na obra *Comunidades Tradicionais e Neocomunidades*, Lifschitz (2011) faz um resgate destes e outros teóricos acerca da discussão sobre a relação entre comunidades tradicionais e modernidade.

Segundo Lifschitz (2011), Tönnies incentivou a teorização dos estudos sobre comunidade, inserindo o conceito como um tipo puro em oposição ao conceito de sociedade. Distinguindo-os associou a comunidade ao orgânico e a sociedade ao mecânico, e defendeu que uma comunidade é como um agregado de corpos que interagem no espaço local, constituindo assim uma espécie de organismo vivo. No entanto, esta definição não lhe pareceu suficiente, pois considerava que os laços comunitários são prolongações da afetividade natural

que os envolve. Desse modo, conforme relata o autor, Tönnies chegou à conclusão de que há algumas formas comunitárias diferentes, são elas: comunidade de sangue, que é uma articulação entre consanguinidade, afetividade e comunidade, ou seja, de parentesco; a comunidade de lugar, que se refere a um território compartilhado por diferentes grupos de pessoas, ou seja, a de vizinhança; e por fim, a comunidade de espírito que compartilha uma mesma origem e se refere a uma relação baseada no imaterial, no invisível, no místico.

Conforme interpreta Lifschitz (2011), ao que concerne o processo de mudança social de declínio do comunitário, Weber e Durkheim acreditavam que as razões eram endógenas. Para Weber, o processo era de índole educativa e cultural, e acreditava que a sociedade cresce porque a comunidade encolhe. Durkheim atribuía a transição de comunidade para sociedade às consequências de transformações internas das próprias comunidades, decorrente do aumento populacional, da expansão do comércio e da intensa divisão do trabalho. Já Marx e Tönnies defendiam que o processo era exógeno. Karl Marx acreditava que o processo de declínio da vida em comunidade tinha a ver com a acumulação primitiva e com a expansão do capital. Enquanto Tönnies acreditava que a figura externa do mercador era fundamental na transformação da comunidade, tanto no âmbito mercantil como civilizatório. (LIFSCHITZ, 2011).

No que diz respeito às pesquisas sobre o tema no Brasil, após a segunda metade do século XX, os estudos sobre as comunidades passaram a ser realizados com mais frequência, não somente pelo caráter acadêmico, mas também como resultado de projetos governamentais que visavam à intervenção na vida das pequenas comunidades. No período de 1945 a 1964, muitos centros de pesquisas buscaram identificar os processos de mudança socioeconômica em comunidades de interior, com isso “[...] as comunidades tradicionais não somente passavam a construir laboratório de estudos como também se inseriam no campo de políticas públicas” (LIFSCHITZ, 2011, p. 63). No entanto, durante as décadas de 1960 e 1970 esta situação se inverte, as comunidades tradicionais caem em um processo de invisibilidade no campo da pesquisa e das políticas públicas, pois o que estava no centro da discussão eram as teorias da modernização devido o contexto de industrialização e urbanização que vivia o Brasil. Porém, ressalta o autor, que os pesquisadores que estudavam o fenômeno da marginalidade, insistiam em dizer que “[...] os padrões comunitários e tradicionais impediam a difusão dos padrões modernos” (LIFSCHITZ, 2011, p. 70). Neste sentido, havia entre tais pesquisadores a perspectiva de que “[...] era o polo moderno que recriava permanentemente espaços comunitários [...]” (LIFSCHITZ, 2011, p. 70). Diante disso, a persistência de

pesquisadores e a luta de movimentos sociais, que atrelavam a figura do pesquisador em comunidades à do militante, que mais do que compreender a situação buscava transformá-la, possibilitou que o comunitário se tornasse visível novamente.

A partir das últimas décadas do século XX, a criação de políticas públicas voltadas para as comunidades tradicionais, se tornou um assunto latente no cenário político, havendo cada vez mais o incentivo a essa prática visando o estímulo à reconstrução de patrimônios culturais pelas comunidades indígenas e afrodescendentes. Esse processo de reconstrução identitária, é o que Lifschitz (2011) chama de arqueo-política emergente, porque se volta ao passado dos povos tradicionais para atualizar um percurso histórico que se iniciou no período colonial. Porém, esta prática não é uma especificidade do caso brasileiro, pois tem se tornado realidade na América Latina como um todo. Este fenômeno é caracterizado pela reconstrução da tradição, e o uso da cultura como recurso, o que significa o Estado gerenciar o uso da cultura e dos bens materiais e imateriais tradicionais com a justificativa de que é uma forma de conservar e apoiar a cultura, pois para os defensores desta prática, investir em cultura fortalece a fibra da sociedade civil, influenciando o desenvolvimento do Estado (YÚDICE, 2013).

Para Lifschitz (2011), este fenômeno de incentivo a reconstrução da tradição corresponde um privilégio da América Latina, pois é nesta parte do continente americano que “[...] como modelo de política de etnicidade, as neocomunidades constituem um caso atípico considerando o contexto global” (LIFSCHITZ, 2011, p. 14). No Brasil, o processo de reconstrução da identidade tradicional tem se estendido por todo o país. Assim,

[...] o conceito de neocomunidades tenta dar conta destes processos de reconstrução de comunidades tradicionais na contemporaneidade, o que nos situa no mesmo campo das abordagens que chamaram a atenção sobre os paradoxais processos de recriação da tradição na modernidade (LIFSCHITZ, 2011, p. 87).

De acordo com o autor, o conceito de neocomunidades foi desenvolvido quando seu grupo de pesquisa realizava uma investigação em comunidades rurais negras no Rio de Janeiro entre os anos de 2000 e 2006. Ao chegar às comunidades se deram conta de que estas estavam sendo constantemente frequentadas por agentes externos como Ongs, pessoal da mídia, profissionais técnicos da prefeitura, além de outros. Com isso, percebeu que não era mais possível encontrar comunidades isoladas e permeadas por uma comunicação interna densa e contatos externos superficiais e transitórios como previa os primeiros estudos sobre comunidades. Segundo o autor, houve um apagamento da fronteira entre a comunidade e a sociedade. Lifschitz (2011) conceitua esse fenômeno como neocomunidades,

[...] em que agentes modernos desenvolvem projetos voltados para a reconstrução de saberes e práticas tradicionais, que acontecem no próprio espaço da comunidade. [...] nas neocomunidades a identidade e a diferença se inscrevem no mesmo espaço de interação constituindo uma modalidade de contato intercultural (LIFSCHITZ, 2011, p. 30).

O conceito de neocomunidades descrito por Lifschitz (2011) refere-se a territórios nos quais são atualizadas questões que dizem respeito ao universo tradicional como ancestralidade, parentesco, cultura material e proximidade face a face, mas que ocorrem em contextos relacionais, os quais reconfiguram a relação entre os membros da comunidade e os agentes externos. Destaca que o interesse pela cultura material destas comunidades não surge agora, pois Néstor Canclini em *Culturas Híbridas* (2003) já havia discutido este fenômeno. Contudo, o que o conceito de neocomunidades vai demonstrar é que os agentes modernos, embora se interessem também pela cultura material, estão mais interessados no que se produz da própria comunidade, isto é, o território, os saberes e as práticas.

De acordo com o autor, a ideia de neocomunidades trata da ativação de tradições do passado em contextos modernos; recria tradições como estratégia política de legitimação e controle; e possui a possibilidade de múltiplas trajetórias na construção de uma mesma tradição. Os agentes modernos das neocomunidades buscam resgatar a aura da comunidade ou sacralizar as práticas que foram se diluindo com o tempo. As neocomunidades se utilizam de técnicas e dispositivos modernos, como internet, cenografia, vídeos, laudos antropológicos, entre outros, para reproduzirem suas tradições. Como diz o autor, o fenômeno da neocomunidade então não é uma forma da tradição resistir à modernidade, mas sim, uma forma de realizar a tradição por meio da modernidade. Assim, “[...] as neocomunidades são processos culturais em que agentes modernos operam nas formas organizativas, materiais e simbólicas de comunidades tradicionais para reconstruir territórios, práticas e saberes a partir de técnicas e epistemes modernas” (LIFSCHITZ, 2011, p. 102). O autor ressalta que nesta relação entre agente interno (tradicionais) e agente externo (moderno), ocorre uma relação de mútua dependência. Ao passo que, por um lado, os agentes externos precisam da comunidade tradicional para viabilizar seus projetos e gerar novos recursos vinculados ao patrimônio material e imaterial; por outro lado, as comunidades precisam das instituições externas para projetar seu valor simbólico e material.

Assim, o autor destaca uma distinção entre o papel dos Estados Unidos, Europa e América Latina no que diz respeito às neocomunidades. Na Europa, prevaleceu a ideia de desterritorializar as comunidades para fins turísticos e de proteção da paisagem, transformando a comunidade em patrimônio cultural e natural europeu, com intuito de

consolidar a identidade europeia. Isso é feito como estratégia econômica de revitalização da aldeia tradicional para o turismo cultural. Nos Estados Unidos, prevaleceu a ideia de dissolver as comunidades tradicionais, no sentido em que elas se transformariam em uma peça no passado. Já na América Latina o que ocorreu foi o incentivo à recriação das identidades tradicionais comunitárias e o reconhecimento dos direitos territoriais e identitários. Destaca Lifschitz (2011), que o processo de incentivo às políticas de reconhecimento das comunidades tradicionais parte de iniciativas de brancos que estão interessados em resgatar práticas tradicionais que foram abandonadas à deriva multiculturalista do Estado e da Igreja. No que se refere ao Brasil, este é constituído por diversas formas singulares de organização comunitária, presentes na história brasileira desde o período de colonização, entre elas há as indígenas e afrodescendentes, sendo esta última referência neste trabalho. Assim sendo, é necessária uma descrição sobre comunidade quilombola.

Foi com o fenômeno da escravidão que surgiu a organização comunitária chamada de quilombo. No período escravista o quilombo configurava uma habitação de negros que fugiam da escravidão e se juntavam no meio da floresta, e ao se encontrar passavam a viver em comunidade. Desse modo, o termo quilombo ficou associado no imaginário popular brasileiro como sinônimo de fuga, crime, isolamento e nomadismo. No entanto, o quilombo era na realidade uma comunidade que surpreendia pela capacidade de organização e resistência. Mesmo sendo destruído parcialmente dezenas de vezes, sempre reaparecia em outros locais, e os membros reconstruíam suas casas, suas roças e reorganizavam sua vida social reestabelecendo novos sistemas de resistência (MOURA, 1988). Em qualquer região que houvesse escravidão, era possível encontrar quilombos. Um quilombo em especial, conhecido como Quilombo dos Palmares, considerado como o maior e mais importante quilombo brasileiro, se tornou com o passar do tempo uma referência da resistência negra no Brasil, tendo como principal símbolo de luta contra a escravidão o líder do Quilombo dos Palmares chamado Zumbi, de modo que o dia 20 de novembro data de sua morte, se tornou um marco da luta do povo negro contra a escravidão. Esse dia passou a ser comemorado, a partir da década de 1970, como o dia da Consciência Negra.

Para falar sobre os quilombos, Lifschitz (2011) utiliza a perspectiva de Nina Rodrigues, que em sua obra *os Africanos no Brasil* (1932), faz uma importante caracterização sobre estas organizações comunitárias. O Palmares na visão de Nina Rodrigues não constituía apenas um território, mas um processo de ocupação territorial descontínuo, tanto na questão política, quanto na organização e localização espacial. Com o fim do quilombo dos Palmares,

houve um deslocamento territorial e a descentralização deste em quilombos menores, dando início à formação de uma multiplicidade de microterritórios quilombolas espalhados, a princípio pelos estados de Pernambuco e Alagoas, denominados de mocambos.

Eram características dos mocambos serem fortes, fazerem parte de uma estrutura hierarquizada e estarem subordinados a um líder político central. Os mocambos estabeleciam relações comerciais com fazendeiros e comerciantes vizinhos, trocando produtos extrativos por industrializados. De acordo com Lifschitz (2011), com o passar do tempo foi ocorrendo um processo de acamponesamento dos quilombos. Estes foram se constituindo em territórios comunitários estáveis com economias autônomas e autossuficientes, com constante relação de troca com os colonos. Passou a haver então um processo de interação nos quilombos entre seus moradores e os outros grupos sociais. Devido a estas transformações, os quilombos deixaram de ser julgados como um local de isolamento de escravos fugitivos para serem vistos como um local de refúgio para os negros. Os quilombos também foram considerados por alguns pesquisadores como um espaço multiétnico, devido ao processo de interação com os agentes externos, o que favorecia uma fusão de culturas.

De acordo com o autor, esta característica de fusão cultural dos quilombos é encontrada também na perspectiva de neocomunidades, a qual constitui processos de reconstrução de identidades por intermédio do contato intercultural. Destaca Lifschitz (2011), que o quilombo foi apenas uma das formas associativas utilizadas pelos escravos no Brasil. Havia também os aldeamentos, juntas de alforria, irmandades, bandeiras, caxinguelas, entre outras, que se destacavam pelo seu caráter agregador, o que favorecia a vida em comunidade.

Já na atualidade, a situação das comunidades começou a ter outra configuração, os agentes modernos passaram a atuar na tentativa de fortalecer as tradições. Destaca o autor, que a partir da segunda metade do século XX o termo quilombo, que até então era uma referência histórica, passou a simbolizar um motivo de luta e resistência para o movimento negro e para os ativistas culturais. O Estado passou a difundir com mais ênfase ações e programas que visam à reconstrução das identidades étnicas. Neste contexto, muitas comunidades negras rurais que estavam de alguma forma associadas aos quilombos históricos, passaram a ter mais visibilidade no cenário político brasileiro.

Para confirmar este fato, o texto elaborado por Carvalho (1995), acerca da regularização fundiária do Quilombo do Rio das Rãs, na Bahia, constitui um importante referencial, já que estabelece um amplo quadro comparativo entre as experiências de resistência das populações negras das Américas. O autor constrói seu argumento

estabelecendo uma inegável ligação entre essas populações de origem africana, a escravidão e o tráfico negreiro que a sustentou, discutindo as várias formas de organização política dessas populações nas Américas e suas estratégias de luta e resistência frente à escravidão. Demonstra que as populações quilombolas no Brasil se diferenciam das demais em decorrência de sua invisibilidade histórica, que, para o autor, este é o reflexo de vários fatores específicos do caso brasileiro. Entre esses fatores destaca a dispersão dessa população em pequenas comunidades ao longo de boa parte território nacional; a ausência de estudos sistemáticos que incluíssem essas populações no imaginário nacional, como ocorreu com os estudos de Curt Nimuendaju sobre as populações indígenas; e a própria estratégia da invisibilidade como fator preponderante na manutenção das comunidades quilombolas brasileiras. Segundo Carvalho (1995), no início do século XIX essas populações se espalharam pelo território nacional e foram praticamente esquecidas, mantendo-se em relativo isolamento frente à sociedade nacional, situação que para muitas delas perdura até os dias atuais.

Outra referência importante é Arruti (2006) que aborda o tema por outra perspectiva. Seu enfoque se dá sobre as estratégias de construção identitárias que foram deflagradas pela história recente. Na delimitação de seu objeto, o autor busca discutir o que ele chama processos macro contextuais e suas interações e diálogos com os padrões locais e específicos de construção e reconstrução das identidades e histórias das comunidades específicas (ARRUTI, 2006). Evidenciando como as políticas recentes, deflagradas em especial, pela Constituição Federal de 1988, foram introjetadas e absorvidas nos processos contemporâneos de construção das identidades, memórias e forma de atuação política das comunidades quilombolas.

Ao comparar as duas últimas perspectivas apresentadas acima, é possível encontrar semelhanças com a teoria de neocomunidades defendida por Lifschitz (2011). Embora as duas obras estejam separadas por um curto período de tempo (são apenas nove anos entre as duas publicações) e os dois estudiosos sejam expoentes da antropologia brasileira, as mudanças de enfoques demonstram a intensa dinâmica dos processos políticos envolvendo as comunidades quilombolas em todo o Brasil. É evidente que estas saíram de uma invisibilidade quase total, indicada por Carvalho na década de 1990, para uma cena dialógica de construção identitária e histórica analisada por Arruti em meados dos anos 2000.

Pode-se dizer que foi somente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que o Brasil inovou no que diz respeito às políticas públicas de reconhecimento de

direitos dos povos originários e tradicionais, inaugurando um cenário que possibilitou o direito a territórios específicos para os grupos étnicos historicamente marginalizados. Tal direito é fundamentado no Art. 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) e tem a seguinte redação “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). A partir disso, a criação de políticas voltadas para as comunidades tradicionais se tornou um assunto latente no cenário político, visando o estímulo à reconstrução de patrimônios culturais pelas comunidades indígenas e afrodescendentes. Assim, pode-se afirmar que foi por causa da criação da Constituição Federal de 1988, e das intensas lutas sociais, que as comunidades quilombolas conseguiram emergir como novos sujeitos de direitos.

Cabe destacar que a promulgação da Carta Magna impulsionou o contexto político e legislativo brasileiro de tal maneira que, a partir desta, muitos outros decretos e leis foram criadas no que se refere aos direitos de comunidades tradicionais. Em relação aos quilombolas, o reconhecimento de um remanescente de quilombo é feito pela própria comunidade que se autorreconhece como tal. É na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que a comunidade encontra amparo legal para este autorreconhecimento. As determinações constantes desta convenção foram incorporadas à legislação brasileira pelo Decreto Legislativo nº 143/2002 e posteriormente pelo Decreto nº 5.051/2004. No Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, artigo 2º, encontra-se a seguinte definição: “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” (BRASIL, 2003). A emissão da certidão necessária para esta autodefinição é de competência da Fundação Cultural Palmares que possui norma específica para tal certificação. Esta norma é regulamentada na Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 98, de 26/11/2007 (INCRA, 2014). A descrição que um morador da comunidade MSJ faz de quilombolas é que “os quilombolas hoje eles não são mais escravos, os quilombolas hoje é raça de negro” (João, 78 anos, lavrador e ex vereador).

Consta ainda no Decreto nº 4.887/2003, que o processo de regularização e posterior titulação da terra que os remanescentes de quilombos ocupam, o qual prevê a regulamentação do procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação

das terras, é de competência do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), desde a promulgação do Decreto 4883/03; antes disso a competência era do Ministério da Cultura.

No que se refere ao Estado do Tocantins, tem-se as pesquisas realizadas por Teske (2010), em obra dedicada ao estudo da comunidade de Lagoa da Pedra, localizada no município de Arraias. Este estudo apresenta um importante histórico sobre o processo de formação das comunidades quilombolas no Estado do Tocantins e um diagnóstico relativo à atual situação dessas populações. Fato interessante a ser observado é que em sua obra são listadas 21 comunidades quilombolas no Estado, mas, levantamentos mais recentes mostram a significativa mudança ocorrida nos últimos anos. Segundo o quadro abaixo disponibilizado pela Fundação Cultural Palmares, o Brasil comporta hoje 2.474 comunidades já reconhecidas das quais 38 estão no Tocantins.

Quadro 1 – Comunidades remanescentes de Quilombos do Brasil

QUADRO GERAL DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS (CRQs)														
Nº	UF	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Nº CRQs
1	ACRE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	ALAGOAS	0	11	8	3	1	27	14	1	0	0	1	1	67
3	AMAZONAS	0	0	1	0	0	0	0	0	0	4	2	0	7
4	AMAPÁ	0	4	7	0	0	2	10	3	0	7	0	0	33
5	BAHIA	28	59	117	27	34	21	50	96	9	129	46	22	638
6	CEARÁ	2	4	7	2	1	3	7	5	7	4	3		45
7	DISTRITO FEDERAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	ESPIRÍTO SANTO	5	6	20	0	0	0	2	0	1	0	0	0	34
9	GOIÁS	1	3	9	3	3	3	1	0	0	3	4	0	30
10	MARANHÃO	82	42	24	28	42	6	56	53	47	75	35	2	492
11	MINAS GERAIS	9	29	40	11	15	7	27	22	31	24	11	0	226
12	MATO GROSSO DO SUL	0	11	2	2	1	0	1	3	1	1	0	0	22
13	MATO GROSSO	0	56	0	5	0	1	2	1	0	1	1	0	67
14	PARÁ	19	8	34	17	0	0	10	6	14	102	12	5	227
15	PARAÍBA	1	7	14	1	5	3	2	3	0	1	0	0	37
16	PERNAMBUCO	5	45	10	22	11	3	6	10	2	4	12	1	131
17	PIAUI	2	7	23	2	0	5	8	1	22	1	10	1	82
18	PARANA	0	7	25	4	0	0	0	0	0	1	0	0	37
19	RIO DE JANEIRO	3	5	6	1	2	2	2	5	1	2	3	0	32
20	RIO GRANDE DO NORTE	2	2	6	5	0	2	4	0	0	1	0	0	22
21	RONDÔNIA	1	2	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	7
22	RORÁIMA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23	RIO GRANDE DO SUL	9	5	13	9	7	7	33	2	5	5	12	0	107
24	SANTA CATARINA	3	0	1	2	0	3	2	0	0	1	1	0	13
25	SERGIPE	2	4	8	1	0	0	0	7	3	2	2	0	29
26	SÃO PAULO	1	15	15	10	6	0	0	1	1	1	1	0	51
27	TOCANTINS	1	1	13	0	1	5	8	0	0	0	8	1	38
<b>TOTAL POR ANO:</b>		<b>176</b>	<b>333</b>	<b>406</b>	<b>156</b>	<b>129</b>	<b>100</b>	<b>245</b>	<b>219</b>	<b>144</b>	<b>369</b>	<b>164</b>	<b>33</b>	<b>2474</b>

Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2015

Tecnicamente falando, para que o INCRA inicie os trabalhos em determinada comunidade ela deve apresentar a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos, emitida pela Fundação Cultural Palmares. A primeira parte dos trabalhos do INCRA consiste na elaboração de um estudo da área, destinado à confecção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do território (RTID). Uma segunda etapa

é a de recepção, análise e julgamento de eventuais contestações. Aprovado em definitivo esse relatório, o INCRA publica uma portaria de reconhecimento que declara os limites do território quilombola. Após a avaliação é realizado pelo INCRA a desintrusão de ocupantes não quilombolas mediante desapropriação e/ou pagamento de indenização e demarcação do território. Ao final do processo é dada a concessão do título de propriedade à comunidade, que é coletivo, pró-indiviso e em nome da associação dos moradores da área, registrado no cartório de imóveis, sem qualquer ônus financeiro para a comunidade beneficiada.

Conforme dados do INCRA, o Estado do Tocantins conta com 29 processos de regularização fundiária em aberto, conforme evidenciado no quadro abaixo:

Quadro 2 – Processos de regularização fundiária abertos

RELAÇÃO DE PROCESSOS ABERTOS				
Nº DE ORDEM	Nº PROCESSO	SR/UF	COMUNIDADE	MUNICÍPIO
<b>TOCANTINS</b>				
1	54400.000797/2004-01	26/TO	Barra do Aroeira	Santa Tereza
2	54400.000877/2005-30	26/TO	São Joaquim	Porto Alegre do Tocantins
3	54400.001104/2005-71	26/TO	Kalunga do Mimoso	Arraias e Paranã
4	54400.001267/2005-53	26/TO	Fazenda Lageado	Dianópolis
5	54400.001268/2005-06	26/TO	Povoado do Prata	São Félix do Tocantins
6	54400.001297/2006-41	26/TO	Morro do São João	Santa Rosa do Tocantins
7	54400.001298/2006-95	26/TO	Cocalinho	Santa Fé do Araguaia
8	54400.001299/2006-30	26/TO	Projeto do Bavieira	Aragominas
9	54400.001300/2006-26	26/TO	Redenção	Natividade
10	54400.001301/2006-71	26/TO	Mumbuca	Mateiros
11	54400.001302/2006-15	26/TO	Laginha	Porto Alegre do Tocantins
12	54400.001304/2006-12	26/TO	Lagoa da Pedra	Arraias
13	54400.001306/2006-01	26/TO	São José	Chapada da Natividade
14	54400.001307/2006-48	26/TO	Malhadinha	Brejinho de Nazaré
15	54400.001308/2006-92	26/TO	Chapada de Natividade	Chapada da Natividade
16	54400.001309/2006-37	26/TO	Córrego Fundo	Brejinho de Nazaré
17	54400.003291/2007-99	26/TO	Grotão	Filadélfia
18	54400.000320/2008-41	26/TO	Água Branca	Conceição do Tocantins
19	54400.000326/2008-19	26/TO	Matão	Conceição do Tocantins
20	54400.002287/2009-74	26/TO	Mata Grande	Monte do Carmo
21	54400.002836/2009-10	26/TO	Santa Maria das Mangueiras	Dois Irmãos
22	54400.002837/2009-56	26/TO	Carrapato Formiga e Ambrózio	Mateiros
23	54400.000823/2010-31	26/TO	Dona Juscelina	Muricilandia
24	54400.000824/2010-86	26/TO	Rio das Almas	Jaú do Tocantins
25	54400.000825/2010-21	26/TO	Currálinho do Pontal	Brejinho de Nazaré
26	54400.000369/2011-08	26/TO	Manoel João	Nazaré
27	54400.001357/2011-92	26/TO	Pé do Morro	Aragominas
28	54400.001430/2011-26	26/TO	Ilha de São Vicente	Araguatins
29	54400.001431/2011-71	26/TO	Baião	Almas

Fonte: INCRA, 2015.

Apesar do elevado número de comunidades quilombolas já reconhecidas no Tocantins, torna-se importante destacar que o Estado não conta com terras regularizadas para essas populações. Essa situação torna-se ainda mais grave quando se considera que o Decreto nº

4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, é objeto da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3.239<sup>13</sup>. Caso esse questionamento jurídico seja avaliado como pertinente todos os processos de regularização de Terras Quilombolas no Brasil serão avaliados e muitos terão seus efeitos suspensos.

Conforme se observou em documentos disponíveis na associação da comunidade MSJ, a certidão de reconhecimento da condição de comunidade quilombola foi obtida em 2006, no entanto, até o momento a demarcação do território ainda não foi realizada, nem sequer o RTID foi elaborado. Desse modo, o que se percebe é que a demarcação está longe de ocorrer, já que o processo é bem lento e ainda pode ser mais prejudicado ainda se a ADI 3.239 for julgada procedente. Essa possibilidade causa muita angústia entre os moradores, gerando incerteza e insegurança quanto à legalização da terra, e a possibilidade de acontecer problemas futuros. Assim, conforme relatos, embora eles tenham o título da terra, enquanto a demarcação não ocorre alguns moradores, que possuem posse de alguns pedaços de terra, se consideram no direito de fazer com a “sua” parte o que bem pretendem, inclusive vender. Isso não é uma situação confortável para os moradores, já que alguns acreditam que tal atitude de destinar parcela da terra a fins particulares pode futuramente, quando ocorrer a demarcação legal, resultar em problemas e conflitos. Nessa situação específica, é possível notar a influência dos fatores externos na dinâmica local. A preocupação dos moradores pode ser percebida por meio dos relatos abaixo:

As terras do Vitor foi dividida entre os filhos daqui, só que os filhos dele dividiu tudo com os outro de fora, quase ninguém tem terra aqui mais. Passo pra filho, de filho pra neto, e ai foi dividindo e acabando tudo. Eu por exemplo, tenho um pouco de terra que eu não vendi ainda os outro ai tem um pouco também. Os povos daqui ainda tem um pouquinho de terra. Outros já venderam tudo pro outros de fora. Quando acontecer a demarcação o INCRA tem que comprar de volta o que foi vendido, pra dar pros quilombola, porque quilombola não tem terra não, ai o INCRA tem que comprar e devolver pra gente. Mais isso nunca que acontece. Há tempos que fala que isso era pra ter acontecido, eles vem aqui fala é disse é disso... é isso... e vai embora. E nunca faz a demarcação. Ai o povo daqui que não acredita mais que o Incra vai demarcar, e que precisa de vender, tá vendendo as terras, e isso quando acontecer a demarcação pode gerar muitas brigas. (João, 78 anos, lavrador e ex vereador).

---

<sup>13</sup> Na ação ADI 3239, proposta pelo Partido dos Democratas (DEM) contra o Decreto Federal 4887/2003, o partido contesta a regulamentação das terras quilombolas por meio de decreto presidencial. O partido alega que o decreto invade esfera reservada à lei e disciplina procedimentos que implicarão aumento de despesa. Além disso, o DEM questiona o princípio do autorreconhecimento para identificação de quilombolas, assim como a possibilidade de a comunidade apontar os limites de seu território. A ação aguarda julgamento do STF.

Conforme destacaram os moradores, a questão das terras da comunidade ainda tem outro elemento que merece destaque, pois muitas terras foram sim vendidas pelos herdeiros, mas o problema maior foi a grilagem que aconteceu e ainda acontece. Os relatos demonstram esta indignação dos moradores:

O problema da terra aqui é muito sério. Se fosse tudo comprado ai tudo bem, mas o que teve foi muita grilação, nego grilo terra ai e compro e vendeu. Teve um cara que tinha trinta e nove alqueires de terra, derrepente tinha cento e poucos alqueires de terra. Como pode isso? Só com a grilagem mesmo. Esses grileiros que tinha e até hoje tem, eles queriam arrumar um pedacinho de terra que alguém vendiam pra eles pra poderem tomar dos outro. ... Isso foi o que mais aconteceu... Eles querem achar é um palmo pra comprar depois vender mais do que comprou (João, 78 anos, lavrador e ex vereador)

O problema deles, os sentimento deles num é tanto do que eles vendeu, eles tem o sentimento foi do que foi grilado, que os agrimensor tiraram, que o cara tinha tanto, já vendeu mais outro tanto, o cara chegou meteu a cerca... mas mediu... igual que você viu lá a marca, o negócio do agrimensor, o agrimensor já veio, um compra e ai já trás um parente dele pra medir, igual você viu lá a situação né. E o documento? A grilagem começa lá nos cartório. A terra da minha família foi todinha grilada, ninguém vendeu, grilo tudo. Fico só com um pedacinho que tava a casa, que a gente tinha a casa no lugar, o que não tinha fico sem, foi tudo grilado (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Cabe ressaltar que as políticas públicas foram destinadas a atender as comunidades não somente na questão fundiária, mas também em questões de saúde, educação, formação profissional, crédito agrícola, valorização da cultura e preservação do patrimônio material e imaterial. Como resultado de uma ação do Governo Federal em relação a essas comunidades, foi criado em 2004 o Programa Brasil Quilombola (PBQ), destinado às áreas remanescentes de quilombos, como uma política pública de promoção da igualdade racial direcionada à população negra brasileira (RODRIGUES, 2010). O PBQ se refere a um conjunto de medidas do Governo Federal descentralizadas entre instituições dos três âmbitos governamentais e organizações da sociedade civil, ordenadas pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR) por meio da Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. Tais medidas foram estruturadas em quatro eixos: regularização fundiária; infraestrutura e serviços; desenvolvimento econômico e social; e controle e participação social (RODRIGUES, 2010; INCRA, 2014). Assim, de acordo com respectivas previsões de recursos e responsabilidades que cada órgão possui, este fica responsável por garantir o acesso a terra, promover políticas de saúde e educação, construção de casas residenciais com a disponibilidade de eletrificação, recuperação e incentivo a preservação ambiental, incentivo ao desenvolvimento local, atendimento pleno às famílias quilombolas pelos programas sociais, e medidas de preservação e promoção das manifestações culturais quilombolas.

Assim, após a Constituição de 1988, a legislação prevê o direito reconhecido de acesso à terra e ao reconhecimento da identidade quilombola aos afrodescendentes. Na comunidade MSJ o autorreconhecimento aconteceu de maneira espontânea e sob muita luta por parte de alguns moradores para que os órgãos competentes dessem a eles o título. Mas, conforme se observou, alguns moradores, principalmente os mais idosos, nem sempre se dão conta da sua condição de quilombolas, e nem sabem de fato o porquê que lhes foi dado este título. Conforme relatos daqueles que lutaram para obter o reconhecimento, alguns idosos, já por avançada idade, ou por opção mesmo, não participaram ativamente na luta e por esse motivo, não conseguem compreender bem qual a função deste título, por isso afirmam muitas vezes que não são quilombolas. Além desta questão, há também, segundo uma moradora, outro motivo que justifica que alguns moradores não queriam assumir a identidade quilombola diante dos brancos. Abaixo segue este relato:

Os mais novo não gostam de falar muito desse passado, eu penso que eles acham que se assumirem que são quilombolas as pessoas vão achar eles inferiores por ter tido um passado com escravos. O meu mais veio mesmo não gosta quando falam que ele é descendente de escravo, porque ele diz que não é só descendente de negro é descendente de branco também. Não são todos que pensa assim, mais muitos acham que quando as pessoas falam que eles são descendentes estão colocando eles como inferior, rebaixando eles sabe, já outros não, já tem a consciência de que tem uma história, e de que só os antepassados foram descendentes de escravos, e por causa disso que eles são quilombolas e precisam valorizar a cultura deles. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora)

Tem outra situação tamem, aqui as pessoas as vezes recorre aos fazendeiros pra te trabalho, só que muitas vezes são tratados muito mal, os fazendeiros não pagam o preço certo, que combino, fala que o povo do morro é tudo preguiçoso. Mas o que acontece é que os fazendeiro contrata o povo do morro pra trabaia, mas na hora de paga não qué paga direito, ai o povo num que ir mais né. Num é que são preguiçoso, mais vai trabaia de graça? O que a gente vê é que, não são todos, mas a maioria dos fazendeiros vê a gente aqui do morro como sendo pessoas que eles podem explorar, como escravos mesmo. Por isso que eu acho que muitos se veem no direito de não reconhecer como descendente de escravo, por que eles falam que são só descendentes e não são mais escravos pros fazendeiros fazerem isso. Os jovens daqui do morro, são estudados e não precisam de esmolas, e ficam muito chateados por serem ainda vistos como um povo que precisa implorar para trabalhar porque não tem condição de trabalhar em outra coisa. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora)

As pessoas da minha geração, de 40 a 60 anos, muitos não gostam de falar que são descendentes de negros, eles acham que isso é passado. Muitos acham que os antepassados envergonham eles, como o caso do padre que teve filho com a escrava. Eles seguem a tradição, mas não gostam de ficar assim afirmando que são quilombolas, e nem gostam de falar do passado. E não é um ou dois só não, tem vários que pensam assim, até os mais velhos que são bisnetos do padre. A gente não vê tocarem no nome de padre Bernardino de jeito nenhum, era pra ter carinho né, porque é bisavô, mas eles não falam, a não ser pra dizer que era um padre safado. Nem do Vitor que era avô eles não gostam de falar, falam muito da dindinha, que era branca, essa eles falam com muito carinho. Quando o assunto é o padre e a escrava ou mesmo o seu Vitor, ninguém gosta de falar. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Estas dificuldades, afirma Lifschitz (2011), podem ser justificadas também pelo fato de que os vestígios materiais da existência dos quilombos históricos foram praticamente extintos no decorrer dos anos. O que foi possível encontrar em algumas comunidades foi o registro da memória social de um passado de escravidão, vivenciado por parentes mais velhos, fato que dificulta até hoje que a própria comunidade se reconheça como quilombola, mesmo sabendo que tem em sua história uma ancestralidade escravista. O que se tem de concreto é que os remanescentes de quilombos se encontram espalhados por todo o território nacional, com origens diferentes, mas com alguns elementos em comum: a negritude, a exploração da terra e falta de documentos oficiais que comprovam a sua propriedade.

Com a observação, de fato se comprovou a dificuldade em encontrar registros materiais que comprovassem seu marco histórico, mas nesta pesquisa os principais dados foram retirados dos relatos dos moradores sobre as experiências e memórias de tal período, e sem dúvida a cor da pele é o mais importante vestígio. Foram encontrados na associação da comunidade apenas alguns utensílios como panelas, máquinas de tear, cama, correntes e argolas que se remetiam ao período de escravidão. Mas em uma das casas encontrou-se um vestígio material concreto da existência de escravos na comunidade, que foi preservado para mostrar que lá havia realmente escravos, fato que foi narrado por uma moradora,

O que eu sei é que na casa que era do velho Vitor lá tinha uma parte de um muro, que agora que desmancharam a casa deixaram uma parte de um muro. Eu fui e perguntei uai e porque é que deixo essa parte do muro. Ai meu primo disse que esse é dos escravos, foram cavados do jeito que os escravos fez. Só um pedaço assim ó. Quando você entra lá na casa, no portão lá você vê o pedaço do muro, é de pedra até o meio. Que não era pra cavar esse pedaço não que era dos escravos do avô dele, do finado Vitor. Meu primo falou que esse pedaço é pra ficar lá pra mor do povo conhecer que era dos escravos do avô dele. (Dora, 91 anos, aposentada)

Diante desta dificuldade de encontrar vestígios, afirma Lifschitz (2011), que diversas instituições assumiram a tarefa de mediar a reconstrução da identidade quilombola na tentativa de aproximar tais comunidades de uma tradição e prática cultural afro-brasileira. Destaca que devido ao fato de haver uma trajetória singular e uma interação diferente com os agentes externos, cada neocomunidades, se encontra atrelada a uma forma de reconstrução da tradição e será influenciada por agentes externos diferentes.

Quanto aos desdobramentos políticos das práticas de reconstrução da tradição nas comunidades quilombolas, o autor ressalta que quando o assunto é autorreconhecimento o conflito é sempre iminente. Os agentes políticos e públicos se deparam com resistência e ambiguidade dos moradores. Diferentemente dos indígenas, a população afrodescendente não possui uma etnogênese. Neste cenário, muitas comunidades se autorreconheceram como

quilombolas, enquanto outras entraram em conflito com lealdades religiosas e culturais pré-existentes. Muitas vezes, a presença da figura externa determinaria o resultado da representação da identidade. Por exemplo, às vezes na frente de um antropólogo os sinais étnicos eram reconhecidos pela comunidade, já na presença de outros agentes como lideranças religiosas católicas ou pentecostais a situação era inversa e os sinais étnicos eram silenciados pelos moradores. Desse modo, afirma o autor que “[...] a representação da identidade étnica dependia de como era representado o interlocutor” (LIFSCHITZ, 2011, p. 104).

No entanto, ressalta Lifschitz (2011), que o fato de a identidade quilombola não ser institucional não significa que seja uma identidade inventada ou manipulada para se garantir algum benefício. Justifica dizendo, que se trata de negritudes que foram silenciadas por longos anos e que por isso problematizam a própria ideia de identidade quilombola como uma questão de origem, e isso é muitas vezes uma questão de desencantamento com sua própria condição. Diante disso, afirma o autor, que muitas são as comunidades quilombolas identificadas que a dimensão cultural da etnia, no que tange as práticas e os símbolos afrodescendentes, não é visível e nem comunicável. Fato que constitui grande desafio ao poder público responsável pela política de reconhecimento. Conclui autor, que a identidade quilombola se constitui uma questão muito complexa para a ação política, pois o cenário etno-institucional ainda se encontra em construção.

No caso do MSJ, a comunidade se autorreconhece como quilombola, mas se observou que há uma proeminência da religião católica entre os moradores, tanto que os festejos possuem elementos afro como cânticos, elementos indígenas como dança, mas a ênfase é na homenagem aos santos católicos e no pagamento de promessas por graças alcançadas. A tradição católica vem do Padre Bernardino e os cânticos africanos vêm da descendência negra. Já os elementos indígenas eles não souberam informar como foram introduzidos.

Tem a festa de Nossa Senhora de Santana que é no mês de Julho, tem a de São Sebastião em janeiro que é do dia 11 ao dia 20, tem a festa de Natal que é que é dia 25 dezembro. Tem a congada, Festa das Almas que é do dia 30 de outubro até dia 2 de novembro. Tem a comemoração de todos os santos que acontece na noite do dia 1 de novembro. E tem em Junho que é de São João, mas nessa a gente só reza o terço. A congada como já foi falado a origem é uma promessa, já a de Santana eu não sei, porque desde que eu me conheço ela já existe, já a de janeiro tinha ela em Santa Rosa, e foi a partir de 1960 que passou a ser feita aqui, mas é como promessa também. Como os descendentes deles vinha de padre, pra cada filho o Sr. Vitor deu uma imagem de santo pra que ele se responsabilizasse em fazer festa e homenagear. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Um dos moradores descreve a origem da congada:

Teve um que queria saber como foi que foi criada a nossa dança de congo, eu falei eu sei como foi criada a dança de congo foi o seguinte, no tempo dos escravo lá na África quando morria uma pessoa eles faziam a visita de cova era nesse tipo de

congo né e a dança de sussia e tambor foi derivada dos índios, os índios que inventaram a dança de sussia e de tambor e esses congo é derivado da África, então quando morria alguém deles lá né, ai eles ia fazer a visita no campo santo desse tipo dessa dança cantando ... Oh minha gente os interessado vai entrando agora, essa dança de congo veio de lá de longe... Só que lá eles fazia diferente, lá eles fazia em visita de cova né, ou seja, toda vez que morria alguém eles iam lá na cova, já do pessoal daqui a visita é feita no campo santo, quer dizer mudou só o tipo da visita, porque eles visitam uma alma e aqui eles visita todas as almas no campo santo<sup>14</sup> né. (João, 78 anos, lavrador e ex vereador)

Lá na África eles visitavam uma alma que morria, um pessoa que morria... e aqui eles num faz só quando morre um, eles ja visita todos que tão lá no dia de finados (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora)

Eu também sei contar, lá na África eles fazia era pra aliviar a dor daquela pessoa, eles cantava e dançava, invés de chorar eles cantava e dançava... (Nilza, 62 anos, dona de casa)

Num sei se ainda existe... que a coisa muda muito, a modernidade mudou muita coisa, a civilidade também mudo muita coisa né... essa história ai eu sei...mas como é hoje na África eu não sei. (João, 78 anos, lavrador e ex vereador).

Alguns moradores como a Simone, quando se referem aos festejos, fazem questão de enfatizar que os mesmos mantêm características, como a música, a dança e a batida do congo, muito próximas daquelas praticadas por seus antepassados escravos que trouxeram estes costumes da África.

Os congos cantam as músicas como eram cantadas pelos escravos. Eles mantiveram essa tradição. Inclusive o Morro foi escolhido entre as comunidades quilombolas do Tocantins como a comunidade que mais mantém a dança do congo mais parecida com a original da África. (Simone, 28 anos, universitária e professora de danças tradicionais).

Eles cantavam igual canta aqui, vamos simbora, vamo visitar as alma que vai ser agora... então eles visitava o tumulto daquela pessoa que morria naquela época... Os cânticos continuam os mesmos que veio de lá mesmo, alguns mudou uma coisinha ou outra, mas continua os mesmos. Mudou só um pouco o ritmo e coloco mais palavra, só isso. (João, 78 anos, lavrador e ex vereador).

---

<sup>14</sup> Campo Santo significa cemitério.

Figura 7 – Congada: o rei e a rainha de 2014



Fonte: Acervo da pesquisa, Elaine Toricelli Cleto, 2014.

Figura 8 – Congada: os congos.



Fonte: Reprodução página do Facebook da comunidade, 2014

Não se observou nenhum praticante de religiões afro entre os moradores. Ao questionar alguns moradores sobre esta característica, não souberam informar o porquê disso, e também disseram que se existe algum praticante de religiões afro, este não se revela, talvez porque a maioria seja da fé católica. O relato abaixo confirma este fato:

Aqui as pessoas se tem crenças elas tem medo de dizer, então se tem algum ritual de religião afro eles conservam só pra eles mesmos. O que prevalece aqui é a religião católica e alguns crentes. Isso porque as pessoas acham que as religiões afros ou espíritas são religião do cão, ai tem muito preconceito. Ai então alguns pra ser bem aceito pelos outros falam que foram disso, mas lá escondido mantem sua fé. A religião das igrejas pregam que só elas estão certas, é que nem político aquele que está no poder é que se acha o certo. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Figura 9 – Capela São João Batista localizada na comunidade



Fonte: Reprodução Facebook, página Capela João Batista, 2013.

A interação entre a fé católica e a tradição na comunidade é tão forte que durante um período a festa da congada deixou de acontecer, por motivos que os moradores não sabem informar, mas acreditam que foi por falta de necessidade de fazer promessa, já que a festa tem uma forte ligação com a ideia de pagar por uma graça alcançada. Isso pode ser comprovado no relato abaixo:

Eu e minha cunhada que começamos a festa. Foi uma promessa, porque eu fiquei doente, querendo morrer e ai fizeram esse voto pra mim. Aí quando eu fiquei bom e me disseram que era pra eu ir ao campo santo ai explicaram tudinho como deveria ser, e eu fui. Desse tempo pra cá é de um pro outro. Cada ano caia pra um a responsabilidade de um fazer a congada, mas quando aquele que era pra fazer caia fora, no outro ano ele já virava pedinte, ele pedia pra fazer a festa porque as almas não deixavam ele sossegado, tinha que cumprir a responsabilidade. E quando a pessoa tá ruim, doente mesmo se se apegar com fé com as almas é atendido. Eu mesmo fui duas vezes. Uma vez eu morri mesmo, fiquei muito doente, quase morto, ai se apegaram com as almas ai eu fiquei bom, ai me explicaram que eu tinha que fazer a festa pra cumprir a promessa e agradecer as almas. Ai eu falei faço, e fiz. Ai depois que eu fiz, foi passando pra todo mundo. Aquele que é escolhido tem de fazer a festa. Não tinha os congos aqui, ai eu fui que formei os congos, porque eu vi uma vez em Santa Rosa a festa e conheci como era os congos, ai eu fiz aqui e fui o chefe dos congos. Arrumei e era seis de um lado e seis do outro, como se fosse os doze apóstolos. Ai eu fiz nesse primeiro ano e quando foi no outro ano queriam que eu arrumasse de novo e ai foi indo e todo o ano era eu que arrumava. Agora os congos são meus filhos e meus netos. (Marcos, 84 anos, aposentado).

Conforme foi relatado sobre a história da formação da comunidade, existem muitos elementos na comunidade que comprovam a afro descendência dos moradores. Além dos elementos já citados a dança de capoeira é um mais deles, há um grupo de capoeiristas na comunidade. No entanto, a busca pela certificação não foi uma tarefa fácil principalmente pelas inúmeras dificuldades citadas acima que de autoreconhecimento dos moradores.

A ideia de buscar o reconhecimento como quilombola começou com a Angela filha do Juju. Ela estudava a quinta série, e a professora pediu um trabalho sobre a origem

da família e aí ela quis saber a raiz dos nossos descendentes aí ela entrou com um projeto na escola pra buscar a raiz. É que na época que conseguiu o reconhecimento tinham ainda vivo uns velhos que eram mais liberais e contavam mais as histórias e queriam o reconhecimento. Porque assim, o reconhecimento só aconteceu em 2006, mais nós já começamos o estudo desde 1982. Assim nós fomos entrevistar os antigos pra saber a história e aí foi tão aplaudido essa nossa atitude que deu certo e conseguimos através disso o reconhecimento. A gente ia nas casas dos velhos com um caderno e anotando tudo. Mas quando saiu o reconhecimento teve ainda muita gente que não concordava e achava que com isso ia sair muito conflito, então teve muita conversa no começo, aí resolveram fazer a associação. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

A certificação é o primeiro passo para que as comunidades tenham acesso a políticas públicas que minimizem as vulnerabilidades sociais, pois o reconhecimento permitirá que a comunidade se desenvolva e consiga manter sua cultura. Para a comunidade MSJ, o fato de se tornarem oficialmente uma comunidade tradicional quilombola trouxe a eles direitos que forçaram o poder público a ter um pouco mais de agilidade no atendimento às demandas dos mesmos. Isso não significa que atualmente os problemas tenham acabado, pelo contrário, o atendimento por parte do poder público ainda é bem tímido e existem ainda muitas demandas por políticas públicas, o que comprova a situação de vulnerabilidade social em que se encontra a comunidade. Pode-se citar a questão da água, do transporte público, do saneamento básico e de serviços essenciais como saúde e educação, que se constituem equipamentos imprescindíveis para que tenham qualidade de vida.

Conforme se observou, falta saneamento básico, as casas dependem de fossa séptica e a água utilizada na cozinha e no tanque escorrem a céu aberto, favorecendo a proliferação de doenças. Já a questão da água potável há alguns anos é um problema grave, os relatos abaixo demonstram isso:

A onde eles fez uma cacimbona assim grande porque a água já estava faltando. Aí, tinha uma cacimbona e um chaplão grande, que tinha degrau do lado de dentro e do lado de fora. Que se chegava e subia no de fora pra pisar no de dentro pra pegar a água. Pois é, eu lembro dessa cacimba grande que eles fizeram. Aí eles foram fazendo pequena, pequena, porque a água foi faltando. Aí foi fazendo só pequena. Eles foram fazendo poço em casa. Aí uns fazia poço, outros acabava. O meu num paro, ele quebro num concerto, e eu fiquei apanhando água lá no brejo, na cabeça. Não era muito longe não era bem aí atrás, mais era difícil.” (Dora, 91 anos, aposentada)

A água aqui é um problema sério, por que antes o povo pegava água nas cacimbas que tinha aqui e algumas casas tinha poço. Tinha até o córrego aqui perto que o povo usava se precisava de água, só que a água foi acabando, os poços foram secando. E a comunidade começou a ficar sem água. Aí a prefeitura construiu uma caixa d'água no meio da comunidade que ia servir todas as casas, mas aonde eles fizeram também acabou a água aí tiveram que furar outro poço pra colocar outra caixa, fizeram em um lugar um pouco mais longe. Até hoje tem água só que ela é salgada. E isso é ruim pra nós, as pessoas aqui ficaram tudo com pressão alta, e num tem o que fazer, a gente não tem onde pega água melhor. E o córrego que tinha também tá comprometido, porque além de diminuir a água nele, ainda os venenos

que os fazendeiros jogam na soja estão contaminando a água e também as nossas plantações e animais. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora)

A situação do transporte nunca foi solucionada, atualmente só existe o transporte escolar que é utilizado exclusivamente para atender alunos em horário escolar, ou seja, os demais moradores que precisam sair da comunidade dependem de carro próprio ou carona.

Aqui quase tudo mundo tem mota ou carro, ou então bicicleta memo, por que senão não consegue sair da comunidade, por que não chega ônibus aqui. A gente já pediu mais num chega. Eu mesmo não tenho carro, tenho só uma mota veia e uma bicicleta, mas se for um dia de chuva não posso sair de casa. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

O carro que a prefeitura manda é só pra carregar os aluno, então ele só sai daqui quando tem que levar aluno. Antes a gente até aproveitava a viagem se precisava ir pra Santa Rosa, mas agora foi proibido e o motorista não pode mais carregar a gente. Fico difícil pra gente sair daqui. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

Se a gente fica doente aqui tem que pedir pra quem tem carro leva, porque se for esperar ambulância morre. E eu num tenho carro então fico dependendo dos outros. (Marcos, 84 anos, aposentado).

A saúde também é uma preocupação para os moradores, pois embora na comunidade tenha uma unidade de saúde básica, esta não possui profissional que atue diariamente. São duas enfermeiras, um médico e uma dentista que atendem na comunidade, o problema é que o médico e a dentista só comparecem na comunidade uma vez por mês e as enfermeiras se revezam no atendimento, sendo que uma é moradora da comunidade, portanto é a que está mais disponível e a outra que mora em outra localidade vai três vezes por semana. Abaixo alguns relatos que comprovam esta situação:

O médico atende uma vez por mês, as vezes até aparece duas vezes mais não é sempre, tem a enfermeira que vem uma vez por semana, mais a minha cunhada que mora aqui é enfermeira tamem e então se alguém precisa é ela que atende, mas não é tudo que ela resolve né. ...Ah se alguém tive com uma coisa séria tem que correr pra Porto, que é onde tem o hospital mais perto. Em Santa Rosa tem uns médicos lá, mais coisa mais séria tem que ser em Porto mesmo. Ai a gente já vai direto pra Porto né. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Graças a Deus eu num fico doente não, já tenho 91 anos e quase num preciso de médico não, mas se precisá tem de viaja pra Porto ou pra Palmas né. Num tem jeito. O médico que atende aqui é muito bonzinho, mais só resorve alguma coisa, e vem pocas vezes, até exame a gente tem de fazê fora. (Silvana, 92 anos, aposentada).

O povo aqui é muito duro, é forte memo, então a gente até que num sofre muito. Mais é muito difícil, quando fica arguem doente tem de ir lá pra Porto, porque senão morre. (Marcos, 84 anos, aposentado).

Eu tenho gastrite nervosa. Eu fiquei assim que quando eu arruinava ai eu tinha de freta carro, uma vez eu fui caçar um carro e não tinha e parecia que eu tava morrendo. Até chega lá em Porto eu sofri muito. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Só agora em novembro eu precisei ir no posto duas vezes em Santa Rosa. Na primeira vez o Silimar ligou para o senhor Simas, ai ele veio e me levou, bateu o eletro do coração, bateu a chapa do pulmão, ai fez um bocado de trem lá, e passou um remédio e eu vim. Bebi esse, quando foi agora dia de terça feira, eu fui aqui mesmo. Mais se apertar tem que corre atrás de alguém pra leva em Porto, porque ao menos tem hospital. O duro é que se for coisa grave a gente morre é no caminho mesmo. (Cleuza, 70 anos, aposentada).

Diante disso fica evidente a vulnerabilidade dos moradores, principalmente pela existência de muitos idosos, pessoas com hipertensão arterial e muitos com saúde bucal precária.

Viche eu já num tenho mais dente intero não, só tenho uns caquinho aqui. Ai veio a muié que cuida dos dente e pergunto se eu escovava, ai eu disse escova o que minha fia, aqui só tem caco e dói demais se passa a escova. E ela disse que vai trata eles mas num tem mais jeito não....As veis dói muito, que num dá nem pra come direito. Acho que ela vai quere ranca tudo... Ela vem aqui de vez em quando. Era pra ter vindo na semana passada, mas num apareceu não, quando vi ocê chegano até achei que era ela. (Marcos, 84 anos, aposentado).

A educação é outro problema. A comunidade possui uma escola municipal de ensino fundamental, no entanto, só atende aos que estão cursando até o quinto ano. Os que estão frequentando a partir do sexto ano precisam percorrer pelo menos 36 km até chegar à sala de aula, saindo muito cedo da comunidade, fato que prejudica o rendimento dos estudantes, que já chegam cansados na escola. Conforme vem sendo veiculado pelas mídias tocantinenses, como *Jornal do Tocantins*<sup>15</sup> e *Conexão Tocantins*<sup>16</sup>, por exemplo, o Governo, por meio da Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Tocantins (SEDUC), iniciou um processo de construção de diretrizes da educação para as comunidades quilombolas. Conforme reportagem publicada no *Jornal do Tocantins* no dia 13/05/2015, os professores das escolas situadas nas comunidades não conseguem atender a todo o currículo de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Desse modo, a SEDUC informou que pretende iniciar um trabalho para auxiliar estes professores, por meio da realização do I Seminário de Educação Quilombola previsto para ocorrer no mês de junho de 2015. Contudo, cabe destacar, que a comunidade MSJ, é umas das que ainda não possuem uma escola de ensino fundamental estadual.

A escola da comunidade possui atualmente 12 alunos matriculados, e quatro professores atuando, fato que obriga os professores a colocarem todos eles em uma só sala ou às vezes em duas, independente da série escolar que se enquadrem. Sabe-se que esta realidade prejudica tanto a qualidade da atuação do professor quanto ao aprendizado dos alunos.

<sup>15</sup> Edição impressa do dia 13 de maio de 2015.

<sup>16</sup> Edição on line do dia 28/04/2015.

Conforme relatou um profissional da educação, eles tentam fazer o melhor possível para que a aula seja ministrada com qualidade, mas se fosse cada aluno enquadrado no grupo certo, inquestionavelmente o rendimento seria muito melhor. No entanto, para isso seria necessário ter um número de professores adequados para atender cada série e as disciplinas que compõem o currículo escolar. De acordo com o informante, o número de professores concursados e lotados na escola da comunidade era maior, todavia, devido ao baixo número de alunos a prefeitura os enviou para lecionar em Santa Rosa.

Antes a escola da comunidade atendia as crianças das fazendas também, porque era a escola mais perto. Quando a comunidade pertencia ao município de Natividade, os professores vinham de lá para lecionar na escola, e a situação era mais difícil, porque nem sempre tinha professor. Quando passou para o município de Santa Rosa, ficou melhor porque aí os professores era de Santa Rosa. Tinha muito aluno nessa época. Hoje em dia não tem quase nada, está até arriscado acaba a escola. A comunidade tem quatro professores pra doze alunos. Antes era uns oito professores e não davam conta, agora ficou quatro e uma delas acabou ficando como diretora também. Quatro professores tiveram que ir pra Santa Rosa dar aula lá, porque aqui não tinha o que fazer. Por causa disso, acaba que o estudo tá ficando ruim, aí os pais tão preferindo mandar os filhos pra estudar em Santa Rosa. Tem micro ônibus que pega de manhã e traz na hora do almoço. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público)

Não é que os professores não tenham vontade de dar um ensino melhor, é que os órgãos públicos que são deveriam dar um suporte melhor estão falhando. Sem ferramenta ninguém consegue trabalhar. Diante disso, muitos pais da comunidade preferem mandar os filhos estudarem em Santa Rosa, pois segundo eles há mais chances das crianças terem um ensino melhor, aprender mais. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Desse modo, o que se concluiu desta situação é que a educação na comunidade é precária e os professores fazem o que podem para auxiliar no processo de aprendizagem destas crianças. Eles até conseguem ter alguns resultados positivos, mas isso se deve à vontade dos professores em realizar um bom trabalho, apesar das dificuldades, e poderia ser muito melhor se tivessem um apoio maior dos órgãos públicos.

Mesmo diante desta realidade há um fato que chama a atenção, que é o de o número de analfabetos na comunidade ser baixíssimo. O relato abaixo comprova isso:

Aqui tem analfabeto mas não é muito não, analfabeto assim, tem dois que num sabe ler nem escrever né. Mas aqui tudo a maioria é semi analfabeto, sabe ler mais não sabe escrever, dizer igual o português na caneta, alguns sabem outros não sabem ler direito... mas, só dois que num sabe nada, nem ler e nem escrever. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Observou-se um elemento importante que se refere tanto ao baixo número de estudantes quanto à falta de assistência à saúde na comunidade, que é a redução do número de mulheres grávidas. Há atualmente apenas 25 crianças em idade escolar, número pequeno se considerar o tamanho da comunidade.

Porque hoje as pessoas não estão fazendo mais filhos. Antes um casal tinha até dez filhos hoje quando tem dois ou três é muito. As coisas foram mudando, o jeito de criar filho ficou mais difícil, se você bater em filho hoje o conselho tutelar vem em cima de você. Então as pessoas não querem mais ter um monte de filho não. E com a história do remédio e do preservativo, agora é que ninguém engravida mais mesmo e ainda tem aqueles que fazem a ligadura. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público)

Então têm mais ou menos umas vinte e cinco crianças na comunidade ao todo. Isso é pouco pelo tamanho da comunidade. E tem só uma mulher grávida aqui, ninguém quer ficar mais grávida. As crianças vão diminuir mais. O governo criou um negócio aí que é palhaçada. Quando a mulher engravida ele dá 50 reais. Ocê acha que 50 reais dá pra alguma coisa? Eles tão tirando sarro da nossa cara. (Orlando, 53 anos, lavrador e funcionário público).

De 88 pra cá reduziu mesmo a quantidade de criança. Aqui só tem uma mulher grávida. O que aconteceu aqui foi que as mulheres pariam muito de cesárea, aí quando completava três ela já ligava logo. Então de 88 pra cá caiu muito os nascimentos. Aqui é muito difícil pra mulher ter filho, porque tem de fazer pré-natal em Santa Rosa e os exames tudo em Porto. Aí as mulheres não querem fazer esse sacrifício e liga logo pra não ter mais filhos. E aquelas que não ligaram ainda evita do mesmo jeito, com remédio, com camisinha, com tabela. Da minha faixa etária dos 40 anos, as que pariram já tudo ligo. A situação aqui é difícil demais para quem quer ter filho, além do médico ser longe, ainda a escola também é longe, então as pessoas não tão querendo mais por filho no mundo. Se fica assim, daqui a pouco a comunidade só vai ter veio. (Marizete, 52 anos, dona de casa e lavradora).

Mesmo diante de todos estes problemas que colocam a comunidade em situação de vulnerabilidade social, observou-se que os moradores acreditam que serem reconhecidos como quilombolas foi muito importante porque agora pelo menos conquistaram direitos que antes não tinham. O problema é que nem todos os direitos estão sendo respeitados, assim, ainda falta muito a ser feito para tirá-los da situação de vulnerabilidade em que se encontram.

Uma das políticas públicas conquistadas pelas comunidades quilombolas, e que tem sido atendida, é o sistema de cotas para estudantes em universidades, a qual tem favorecido o acesso dos jovens ao ensino superior, mesmo aqueles que durante a vida toda tiveram um ensino básico precário. Desse modo, se observou que há um sentimento entre eles de que ser reconhecido como comunidade tradicional fez com que fossem enxergados pelo poder público e pelas instituições sociais e políticas. Como eles mesmos enfatizaram, isso é um fato que possibilita também que os festejos, antes de interesse restrito dos moradores, hoje já atraia vários públicos externos, como pesquisadores, políticos e pessoas influentes da sociedade, que de certa forma os ajudam a superar as adversidades. Neste sentido, pode-se afirmar que a utilização da cultura por esta comunidade é feita nos moldes do que Yúdice afirma ser um uso conveniente da cultura.

Outro elemento que é constatado é a capacidade de ser resiliente diante das adversidades, pois, conforme se notou esta é uma comunidade que enfrentou durante os seus

200 anos de existência situações de vulnerabilidade social que foram agravadas com o fenômeno da globalização, o qual produziu novos condicionantes sociais. O fator de reconhecimento da identidade cultural, que leva a um sentimento de pertencimento encontrado entre os moradores foi considerado como um fator de promoção desta resiliência. Para aferir esta constatação utilizou-se os resultados obtidos por meio do Quest\_Resiliência. A análise apresentada neste ponto do trabalho tem o intuito de demonstrar os resultados obtidos com a aplicação do Quest\_Resiliência, mas cabe destacar que os resultados alcançados não foram eficientes para aferir o que se propôs nesta pesquisa, mas trouxe importantes contribuições para que a temática possa avançar e ser explorada em futuros trabalhos no que tange a valores e crenças como elementos importantes à estruturação de processos de resiliência. Neste sentido não seria prudente deixar de apresentá-los, por isso segue abaixo esta análise.

#### **4.2 Análise dos resultados obtidos com o Quest\_Resiliência**

A escala Quest\_Resiliência foi construída primeiramente nos EUA e adaptada e validada no Brasil pela primeira vez em 2006 pelo pesquisador George Barbosa. No entanto, após a adaptação se percebeu a existência de diversos equívocos, entre eles o fato de que a escala buscava aferir a autoeficácia da pessoa. Todavia, conforme ressalta Barbosa (2010), sabe-se que em resiliência, esta ação não é possível, pois não há estrutura teórica para isso. Desse modo, destaca que se chegou à conclusão de que antes da autoeficácia há a autoconfiança, pois se a pessoa não tem confiança em si mesma não poderá se considerar eficaz. Então, a adaptação da escala foi refeita colocando-se o foco na autoconfiança, surgindo assim a escala Quest\_Resiliência, que foi validada em 2009.

Com a nova adaptação, a escala passou a ser formada por 72 afirmações que vieram na forma de crenças que determinam o comportamento do sujeito. E isso é aferido por meio da intensidade que o pesquisado atribui às suas respostas. Conforme destaca Barbosa (2010), é por meio da intensidade atribuída às crenças que é possível conhecer qual o estilo comportamental da pessoa. Em outras palavras, a escala afere qual a tendência que a pessoa tem de se comportar diante da adversidade e de reagir a ela.

Assim, o Quest\_Resiliência tem como objetivo realizar um mapeamento da intensidade das crenças que organizam o comportamento resiliente, com o propósito de identificar os padrões comportamentais estruturados pelo indivíduo na interação com o

contexto em que vive, diante de uma situação de estresse (BARBOSA, 2010, 2014). Para este mapeamento são utilizados os pressupostos teóricos da psicoterapia cognitiva e da terapia cognitivo comportamental. Ressalta o autor que “[...] os comportamentos de respostas diante de uma situação de adversidade não são estruturados a partir do tipo de estresse, vivenciado em uma dada situação, mas, sim pelo modo como a pessoa atribui significado a tais situações.” (BARBOSA, 2014, p. 9).

Acrescenta que os pesquisados organizam suas respostas com base em esquemas que estruturaram ao longo de sua vida. Tais esquemas são denominados pelo autor de Modelos de Crenças Determinantes (MCDs). Os MCDs são distribuídos em oito tipos: Auto controle (AC), Auto confiança (ACnf), Análise do Contexto (ACxt), Conquistar e Manter Pessoas (CMP), Empatia (EPT), Leitura Corporal (LC), Otimismo para a Vida (OV) e Sentido de Vida (SV). Estes “[...] são modelos de crenças que irão determinar o modo de expressar o comportamento e com isso são constitutivos da resiliência pessoal. ” (BARBOSA, 2014, p. 10). De maneira geral, no decorrer da vida a pessoa acaba selecionando e ficando com o agrupamento de crenças que mais lhe parece apropriado para enfrentar os problemas (BARBOSA, 2014).

Entretanto, conforme destaca o autor, para se chegar a um resultado positivo diante da situação adversa, é necessário haver a superação desta por meio da flexibilidade em crenças coerentes entre si e o contexto que levem a um comportamento resiliente. Assim, “O comportamento de superação se viabiliza por meio de um Estilo, que é a tendência da ação comportamental.” (BARBOSA, 2014, p. 13). Em outras palavras é preciso muitas vezes ressignificar o comportamento com vistas a um estilo comportamental mais resiliente (BARBOSA, 2014).

De acordo com o autor, o estilo tende a ser identificado como um padrão, que evidência a intensidade com que uma pessoa acredita e defende suas crenças de uma área específica. Esta maneira como a pessoa confia em suas crenças determinará qual será ação que ela terá diante de uma adversidade. Esta ação pode ser de passividade, intolerância ou de equilíbrio. Desse modo, embasado na Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), Barbosa (2014) afirma que a intensidade do comportamento em um MCD pode se configurar em três tipos de Estilos comportamentais: 1) Passividade significa que a intensidade das crenças mostra a predominância em o sujeito “acatar” e “absorver” os impactos da adversidade/estresse. É a situação em que a pessoa tem a tendência de, diante da adversidade, aceitar o impacto que o estresse traz sobre ela, ser passiva; 2) Intolerância, significa que a

intensidade da crença implica em “rejeitar” predominantemente as implicações da adversidade, ou seja, a pessoa tem a tendência de atacar a fonte do estresse e suas consequências; 3) Equilíbrio, há a possibilidade do sujeito “acatar” ou “rejeitar” os impactos. Significa que a pessoa tem a capacidade de ser flexível diante da situação se posicionando de uma maneira equilibrada diante da adversidade, hora com tendência para a passividade e hora para a intolerância, ou seja, há uma administração adequada da resiliência (BARBOSA, 2010, 2014). Destaca que mesmo no estilo comportamental de Equilíbrio de acatar ou rejeitar, pode haver uma maior segurança com menor vulnerabilidade ou menor segurança com maior vulnerabilidade no MCD.

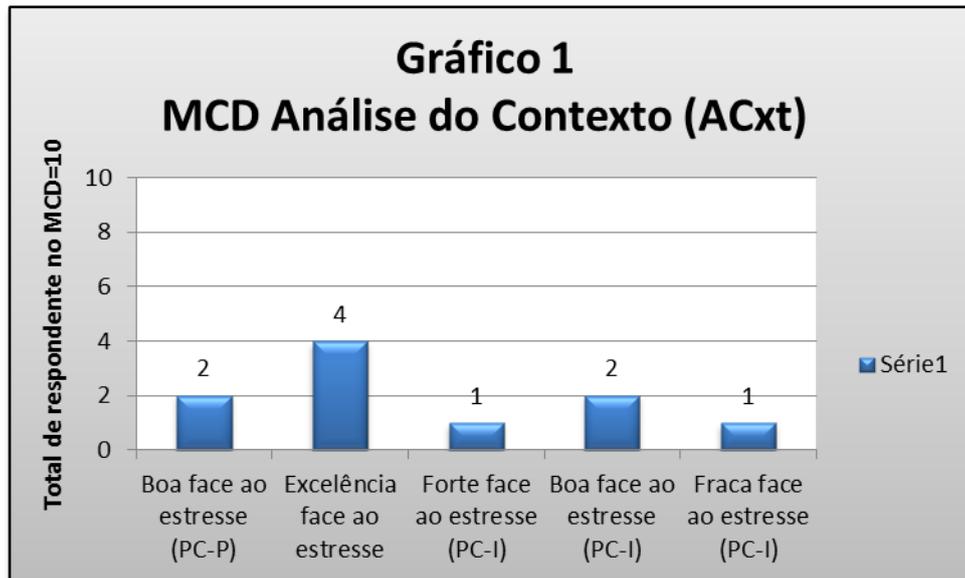
Outro destaque é que o resultado expresso em um MCD não pode ser generalizado em outro, ou seja, se em um modelo de crença o resultado for fraca resiliência, não significa que em todos os MCDs terão este mesmo resultado. E também o resultado “Fraca” não significa que a pessoa seja fraca e sim que o resultado demonstra que há na intensidade nas crenças do modelo aferido uma situação de baixa segurança, alta vulnerabilidade e logo uma “Fraca” resiliência (BARBOSA, 2010, 2014). Por isso, que para cada modelo há uma interpretação apresentada. Isso é feito para que o leitor tenha uma melhor compreensão do resultado obtido e também possa conhecer como as crenças determinantes se estruturam em torno das condições de proteção. A análise é feita levando-se em consideração cada um dos MCDs em particular, no entanto, para este trabalho foram apresentados seis MCDs que mapeiam a resiliência, por se aproximarem mais dos objetivos da pesquisa, são eles: Auto controle (AC), Auto confiança (ACnf), Análise do Contexto (ACxt), Conquistar e Manter Pessoas (CMP), Otimismo para a Vida (OV) e Sentido de Vida (SV).

Para tal, foram utilizados os resultados contidos nos relatórios emitidos pela SOBRARE após a finalização do questionário respondido pelos membros da comunidade MSJ. Cabe ressaltar que o padrão comportamental de Passividade é representado nas respostas com a sigla PC-P e o padrão comportamental de Intolerância pela sigla PC-I. Na análise abaixo foi feita uma descrição resumida do resultado apresentado no relatório para cada variável em cada MCD. Após realizou-se uma interpretação conclusiva para cada MCD.

O primeiro MCD analisado é Análise do Contexto, o qual se refere a como o sujeito faz a leitura do ambiente e a partir daí se posiciona em zonas de proteção, conseguindo lidar com o contexto e enfrentar os impactos da adversidade. Quando a pessoa não consegue ter uma boa leitura do ambiente, se coloca diante do risco de uma maneira vulnerável, ou permite que o risco chegue até ela de forma perigosa. Este modelo trabalha com a noção de

capacidade que o respondente tem de identificar e perceber precisamente as causas, as relações e as implicações dos impactos. Representa o quanto de cuidado, flexibilidade ou descuido o sujeito acredita ter em relação a estas situações adversas e como estas crenças impactam na sua tomada de decisão (BARBOSA, 2010, 2104). Neste modelo, ter resiliência significa que o sujeito consegue ser flexível, para evitar situações constrangedoras; consegue se adaptar adequadamente ao contexto, se informando acerca das mudanças que podem estar ocorrendo, focando em soluções e filtrando as informações obtidas no contexto. Sendo esta uma área essencial dentro da resiliência (BARBOSA, 2010, 2014).

Gráfico 1 – Análise do contexto



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados do gráfico 1 apontam que quatro (4) integrantes da amostra estudada apresentam a Condição de Excelente resiliência do padrão comportamental de equilíbrio. Esse resultado indica o quanto esses indivíduos são capazes de analisar com sabedoria o contexto, apresentando habilidades em se adaptar e ser flexível e balanceado diante das situações adversas e inesperadas, garantindo uma condição de segurança diante das implicações de situações agudas de adversidade. Esta é a condição que favorece a sobrevivência e superação, assegurando uma consistente condição de resiliência nesta área da vida.

Um (1) integrante apresentou a condição de forte resiliência do padrão comportamental de intolerância em face da adversidade com a tendência de atacar as fontes de estresse. O que resulta em uma posição de leve intolerância para analisar o contexto. Este resultado demonstra que o indivíduo tem boa capacidade de refletir sobre o ambiente, o que, em situações de adversidade pode se tornar uma fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. Mas por outro lado, apresentou diminuição na habilidade de ser

flexível, por ter forte tendência a se prender à rotina e a regras. O que demonstra que embora haja forte resiliência é necessário ampliar a habilidade de analisar o contexto para garantir uma melhor condição à resiliência nesta crença.

Dois (2) integrantes revelaram ter boa resiliência do padrão comportamental de intolerância em suas crenças face à adversidade, com tendência a atacar as fontes de estresse no ambiente. Esse resultado demonstra uma tendência a evitar contextos que apresentem estresse. Isso pode por um lado demonstrar segurança, mas por outro demonstra dificuldade em identificar como os assuntos estressantes se inter-relacionam e qual é o melhor modo de lidar com eles. Para que haja uma adequada resiliência, neste caso, é preciso aumentar a confiança na capacidade de analisar o ambiente e atuar coerentemente.

Outros dois (2) respondentes também apresentaram a condição de boa resiliência, porém, com o padrão comportamental de passividade diante dos problemas. O que significa que há a tendência de se submeter aos impactos do estresse, o que permite examinar os problemas e decidir com acerto sobre a natureza e a resolução dos problemas. Mas também há a tendência de se afastar dos conflitos, gerando desconhecimento, o que dificulta a análise do contexto. É preciso desenvolver as habilidades em ler e identificar os sinais e pistas presentes no ambiente, para garantir uma condição melhor à resiliência nesta área da vida.

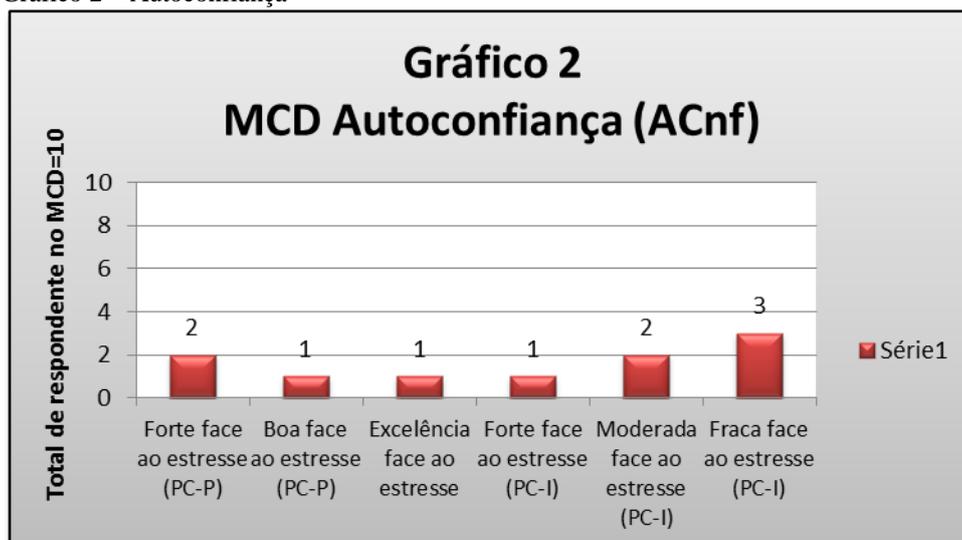
E, por fim, um integrante apresentou fraca resiliência com tendência comportamental à intolerância diante da adversidade. Com a propensão a atacar as fontes e consequências das adversidades. Há a tendência de ser inflexível, desconfiado e detalhista nas situações que apresentam elevado estresse. O que pode resultar em rotinas lentas, infundáveis e extenuantes, podendo levar a uma imobilização no desempenho de tarefas e na tomada de decisão, com forte prejuízo para sua resiliência.

Em suma os resultados do Quest\_Resiliência demonstram que para este MCD a interpretação conclusiva do gráfico 1, aponta que 40% da amostra se posicionou na variável Excelência, apresentando uma intensidade equilibrada em suas crenças, o que indica a capacidade de estruturar um comportamento flexível e balanceado na análise de situações e garantir uma condição de segurança diante da adversidade. 10% se situa na variável “Forte” com leve tendência a intolerância aos impactos, o que indica uma situação de consistente segurança, mas com situação de alerta na leitura do ambiente. Este percentual contrasta com os 40% que se apresentaram na posição de nível Boa com tendência a se afastar de situações conflituosas se colocando em uma situação de segurança, mas isso pode também prejudicar a análise do contexto e a tomada de decisões. Outros 10% apresentaram condição de tipo Fraca,

o que indica a atribuição de elevadíssima intensidade às crenças nesta área, possibilitando ocorrer uma análise distorcida dos fatos diante de um contexto de adversidade ou conflito significativo. Isso demonstra inflexibilidade ao fazer a leitura do ambiente, diminuindo a capacidade de se ter melhor condição de resiliência. De maneira geral, este resultado demonstra que há um comportamento mais voltado para a ação do que para os exames dos fatos, o que caracteriza boa dinâmica na leitura e análise do ambiente, apresentando consistente resiliência.

O segundo MCD analisado é Autoconfiança, este trabalha com a intensidade das crenças que representam a confiança que a pessoa tem em si mesma para enfrentar e solucionar os problemas. Confiando em seu potencial para acessar seus recursos pessoais ou de recorrer àqueles recursos que estão presentes no ambiente. No entanto, segundo (BARBOSA, 2010, 2014) esta habilidade requer treino e preparação para que ocorra sua aquisição, pois é muito comum a pessoa dizer que pode fazer algo, mas na realidade apresenta capacidade para fazer outra. Ser resiliência nessa área significa ter a flexibilidade necessária para administrar o senso pessoal e ser capaz de enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a auto eficácia, garantir a autosssegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater às rotinas, colaborando com o bom clima nas relações pessoais mantendo um humor construtivo no ambiente.

Gráfico 2 – Autoconfiança



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico acima aponta que dos dez (10) respondentes da amostra estudada um (1) apresenta a condição de excelente resiliência do padrão comportamental de equilíbrio o que indica a condição equilibrada para analisar o contexto, com tendência de se ver com alta competência para estabelecer claramente um objetivo final. As pessoas com esse resultado possuem originalidade de ideias e propostas, ampliando o que já está proposto, com o intuito de desafiar o clima relacional no ambiente, a fim de renová-lo. O índice lhe garante excelente grau de independência na tomada de decisões, na execução das atividades e concretização de seus projetos, o que gera mobilização e alinhamento de forças e propósitos no grupo.

Dois (2) respondentes apresentam Forte resiliência do padrão comportamental de passividade com a tendência de acatar as fontes de estresse. Indica o senso de autoconfiança, porém, com uma leve indecisão quanto a autovalorização, o que demonstra forte disposição de se ver com competência em atingir um objetivo final e de se perceber envolvido em projetos e nas tarefas por um longo tempo, mas por vezes, ocorre tênue receio quanto à sua eficácia no desempenho de tarefas e interações sociais. Isso implica em leve prejuízo na capacidade de promover mobilização e alinhamento de forças e propósitos para si mesmo e para o grupo diminuindo as possibilidades de ser mais resiliente. É preciso nesse caso desenvolver as habilidades de autoavaliação a fim de garantir uma melhor condição à resiliência.

Um (1) apresenta Forte resiliência do padrão comportamental de intolerância em suas crenças, com a propensão de atacar as fontes de estresse e com forte balanço nas crenças relacionadas com a autoeficácia. O que indica que a pessoa é capaz de agir com segurança frente aos desafios e relacionamentos. Porém, devido às leves dúvidas que se instalam, ocorre tênue inabilidade em corrigir antigos erros, gerando segurança além do necessário para o desempenho, o que acarreta pequenos prejuízos às suas ideias, propostas e habilidade de desenvolver e não apenas manter o que já está proposto. É necessário investir mais no senso de autoeficácia para preservar a condição de resiliência.

Dois (2) exibiram moderada resiliência do padrão comportamental de intolerância em suas crenças com a propensão de atacar as fontes de impacto. Este índice demonstra que a pessoa é autoconfiante em nível que a faz ser bastante inquiridora em relação a sua própria capacidade e das outras pessoas. Há a tendência de, em nome da própria competência, adotar uma conduta crítica para avaliar o desempenho de outras pessoas, muito provavelmente por prioriza os relacionamentos pelas tarefas e não pelas relações emocionais. O que pode torná-la

uma pessoa a ser evitada, reduzindo a condição de resiliência. É preciso balancear o comportamento para evitar tais danos.

Um (1) dos respondentes teve como resultado boa resiliência com padrão comportamental de passividade com a propensão de se submeter aos impactos. Indica que a pessoa consegue decidir com assertividade sobre a sua capacidade de resolução dos conflitos, mas com certa tendência de se manter afastado ou fora dos conflitos, o que pode fazer com que haja certa ambiguidade na confiança de suas ações, levando a riscos nas interações. Desse modo, é necessário ser flexível na forma como investe na autoconfiança, para garantir melhor condição de resiliência.

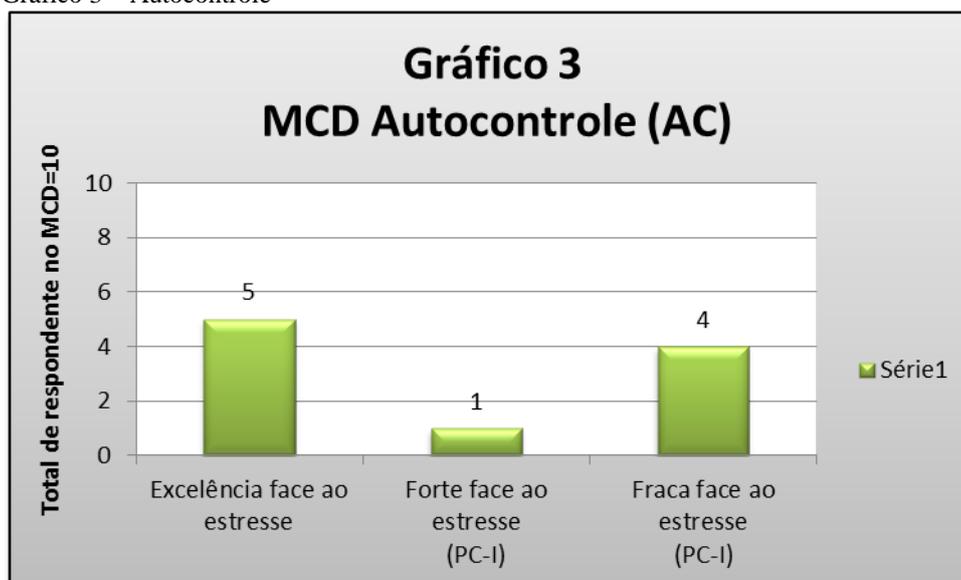
E por fim três (3) resultados demonstraram fraca resiliência do padrão comportamental de intolerância ao atacar e enfrentar o estresse. As pessoas com este índice possuem seu senso de autoconfiança numa condição de perfeccionismo e suficiência, o que tende a ter um comportamento acentuado para assumir riscos, reconhecer a si com exageros, pouco depender de outros, se envolver com grande quantidade de atividades e reagir às ideias e pessoas buscando se assegurar de suas competências e eficácia pessoal. Deixando evidente a urgente necessidade balancear tal comportamento, por ela se situar em uma condição de elevado risco, com alto prejuízo à resiliência nesta área.

Em relação ao gráfico 2, a interpretação dos resultados finais demonstraram que 40% apresentaram maior capacidade de ser resiliente diante da adversidade, face os 10% que ficaram na posição de excelência demonstrando equilíbrio nesta crença, somados aos 30% que ficaram na posição de forte se colocando em posição de segurança para lidar com as adversidades, porém com leve indecisão quanto a sua autoconfiança e autoeficácia na execução das ações diante de uma situação aguda de estresse. 20% apresentaram a variável moderada, o que indica uma situação intermediária entre a posição de segurança e de sensibilidade, sendo intensamente crítico a si e aos outros no que se refere a eficácia. Outros 10% se posicionam na condição de tipo boa, demonstrando intolerância e desconfiança quanto à eficácia de si e dos outros. Estas duas últimas parcelas de respondentes demonstram a necessidade de se equilibrar e flexibilizar o comportamento e as habilidades de autovalorização e autoeficácia, para obter maior capacidade de superação. E por fim, 30% se situam na posição de fraca, demonstrando excesso de confiança em si mesmos o que acarreta elevado risco de distorção dos fatos e redução da capacidade de resiliência. Estes resultados demonstraram a divisão em dois blocos definidos, de um lado a predominância à posição de equilíbrio e forte indicando uma dinâmica mais consistente no que se concerne a capacidade

de recorrer e confiar em recursos internos e externos garantindo uma consistente resiliência, e por outro a predominância da condição de fraca resiliência com uma dinâmica mais impositiva em relação às interações.

O terceiro modelo analisado é do Autocontrole, o qual mapeia a intensidade dada às crenças relacionadas ao saber administrar ou controlar o emocional diante de fortes conflitos, desafios e elevadas tensões. A resiliência nessa área promove a administração das emoções, favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais.

Gráfico 3 – Autocontrole



Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 3, cinco (5) integrantes da amostra estudada apresentaram a condição de excelente equilíbrio para fazer análise do contexto, com ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

Um (1) apresenta condição de forte resiliência com padrão comportamental de intolerância com a tendência de levemente atacar as fontes de estresse, indicando que a pessoa possui segura facilidade de criar um ambiente emocionalmente agradável, de ser envolvente, de se engajar nos projetos e situações, de se sentir realizada emocionalmente, promovendo os

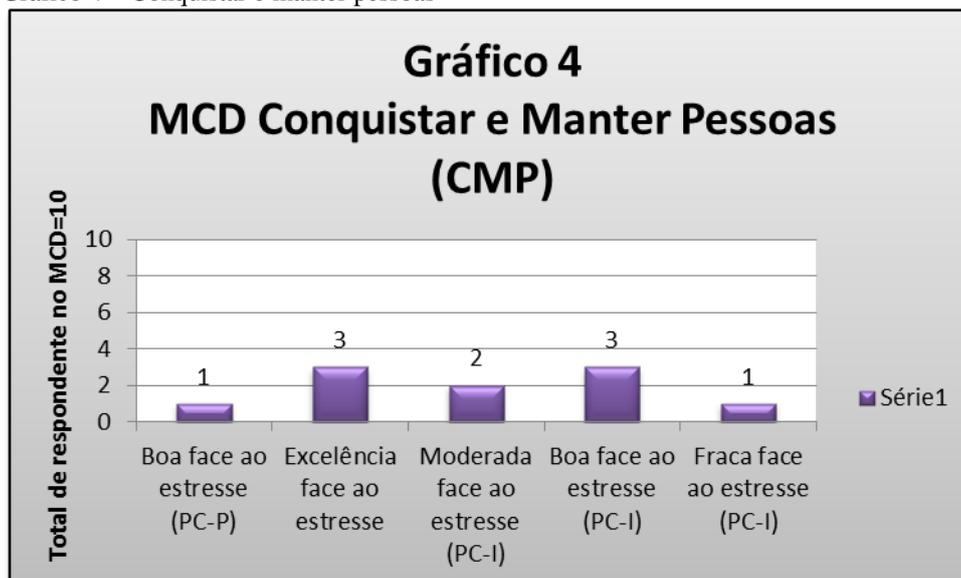
devidos ajustes na dinâmica das emoções. Porém, há a tênue tendência de se comportar com desconforto ou receio quando as decisões dependem da sua pessoa, o que resulta em uma leve instabilidade no comportamento. Com isso, a capacidade da pessoa, embora seja de uma condição muito favorável a resiliência, fica levemente prejudicada, reduzindo o grau de contribuição no grupo. É preciso, neste caso, tentar encontrar maneiras de melhorar essa forma de administrar emoções a fim de garantir uma maior resiliência.

E, por fim, quatro (4) apresentam fraca resiliência com padrão comportamental de intolerância com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse. Este resultado indica uma tendência comportamental explosiva voltada para si ou para os outros e ansiedade altamente preocupante para a resiliência. Isso desencadeia uma reação de ataque para se defender, em geral com uma agressividade desproporcional ao que a situação pede, acompanhada de intolerância para com a situação. Tal resultado está associado com alto risco de tomar decisões com base em julgamentos emocionais equivocados. Sendo necessário e urgente o investimento em seu equilíbrio emocional.

Dos resultados do gráfico 3, não houve nenhum comportamento com tendência a passividade, se compreendeu que 60% apresentaram maior capacidade de ser resiliente diante da adversidade, face os 50% que ficaram na posição de excelência com importante possibilidade de expressar adequado controle das emoções para a resolução dos problemas, somados aos 10% que ficaram na posição de forte condição de resiliência, mas com leve intolerância na habilidade de se controlar diante de uma situação conflituosa. Contrastado com os 40% que se situaram na posição de fraca, demonstrando forte tendência ao conflito, com comportamento explosivo e agressivo, com elevado risco para a condição de resiliência. Há neste modelo consistente resiliência.

O MCD Conquistar e Manter Pessoas (CMP) mapeia a intensidade das crenças que organizam a capacidade de agregar pessoas na sua rede de relacionamentos, e mantê-las ao longo do tempo. A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança (BARBOSA, 2010, 2014).

Gráfico 4 – Conquistar e manter pessoas



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico acima demonstra que três (3) dos respondentes apresentam a condição de excelência, evidenciando coerência nos relacionamentos, por haver equilíbrio ao se expor na construção de redes sociais, tendendo a agir com base na correta exposição pública, possibilitando construir redes sociais que garantam a estabilidade e a viabilidade para alcançar objetivos. Essas possibilidades favorecem um estilo de alta qualidade para se conviver, levando a uma excelente resiliência nesta área da vida.

Dois (2) apresentam moderada resiliência com padrão comportamental de intolerância com propensão de atacar as fontes e consequências de estresse. Demonstra considerável dificuldade de conquistar e manter relacionamentos por ter tendência a agir com marcante exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência, o que dificulta bastante a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios. Essas possibilidades podem favorecer um estilo de relacionamento mais difícil de conviver, o que evidencia a urgente necessidade de investimentos para balancear tal índice.

Três (3) apresentam boa resiliência com padrão comportamental de intolerância com propensão de atacar as fontes de impacto. Indica comportamentos que buscam enfatizar e pressionar as ações para alcançar, conquistar e manter as pessoas, com tendência a agir com base na exposição pública. Por se colocar em demasiada evidência nas interações com outras dificulta a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Disposição em se empenhar para alcançar e envolver pessoas, promovendo quadros de irritação e ansiedade. Essas possibilidades podem

favorecer relacionamentos com maior dificuldade de se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para balancear tal índice.

Um (1) apresenta Boa resiliência com padrão comportamental de passividade com propensão a acatar as fontes de estresse, com tendência de agir com base em pouca exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com restrita capacidade de aglutinar pessoas em torno de propósitos e projetos, devido ao fato de mostrar-se tímida diante de opiniões contrárias. Porém isso favorece um estilo no qual há perda de qualidade para se conviver em grupo, o que evidencia a necessidade de investir em habilidades como falar e argumentar diante de outras pessoas para garantir uma melhor condição de resiliência.

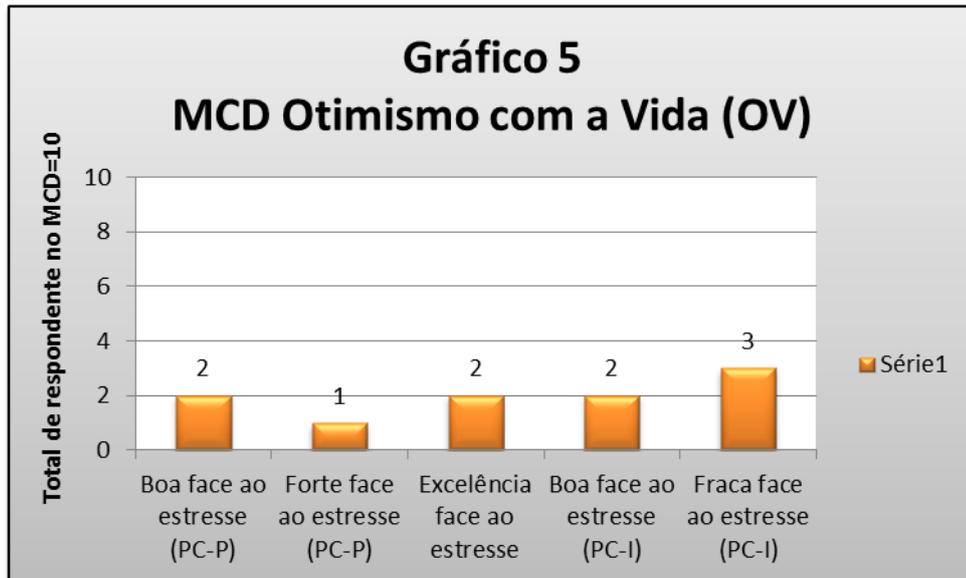
Enfim, um (1) apresentou fraca resiliência com padrão comportamental de intolerância com propensão de atacar as fontes e consequências de estresse. Essa posição caracteriza extrema dificuldade em conquistar e manter relacionamentos por acreditar que necessita se expor demais, por isso tende a buscar a exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com excesso de exposição o que dificulta ao extremo a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios. É necessário balancear tal índice para se conquistar a resiliência neste domínio de crenças.

A interpretação obtida por meios dos dados do gráfico 4, levaram à conclusão de que há uma divisão em dois grupos de estilo comportamental: por um lado predomina o equilíbrio e por outro o comportamento de intolerância à esta crença. 10% se posicionou na condição de boa com tendência a passividade o que indica certa timidez diante da possibilidade de conquistar e manter pessoas. 30% ficaram na posição de excelência, o que denota um comportamento flexível e balanceado no que se refere a capacidade de agregar e manter as pessoas em seu círculo de interações, demonstrando maior capacidade de ser resiliente diante da adversidade. Esse resultado contrasta com os 60% que se situaram na posição de tendência a ser resiliente mas com necessidade de melhorar as habilidades, sendo destes 20% na posição de moderada intolerância que leva a uma dificuldade em manter relacionamentos e 40% na posição de boa com intolerância a esta crença, o que indica necessidade de impressionar os demais, o que denota que é preciso buscar equilíbrio no comportamento. Por fim, 10% se situam na posição de fraca, o que aponta para pouca capacidade de atrair e manter os relacionamentos com prejuízo para a condição de resiliência. Em síntese, o resultado demonstra que há boa resiliência.

As crenças no MCD Otimismo com a Vida (OV) organizam a intensidade dada às crenças relacionadas com o otimismo para com a vida. Mapeia o grau de entusiasmo à

criatividade e inovação nas atividades, a esperança e bom-humor em encontrar soluções diante problemas complexos e desgastantes gerados pela adversidade. A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade (BARBOSA, 2010, 2014).

Gráfico 5 – Otimismo com a vida



Fonte: dados da pesquisa

Os dados apresentados no gráfico 5 indicam que dois (2) tem excelente resiliência com tendência a pensar com coragem e determinação. Com uma visão otimista do futuro conseguem enxergar novas oportunidades, gerenciar situações que provocam incertezas. Acreditam que podem transcender os limites impostos pela situação recorrendo aos próprios recursos, bem como os que estão presentes no ambiente. Consideram que os problemas pessoais ou sociais são passíveis de uma solução global positiva, o que lhes permite se engajarem com energia nos desafios e tarefas, resultando em uma atitude geral ativa, confiante e favorável ao alto desempenho nesta área com capacidade de se motivar e manter outros motivados.

Um (1) apresenta forte resiliência com padrão comportamental de passividade com a tendência de levemente acatar aos efeitos e consequências do estresse. Indica leve descrédito na valorização dos fatos positivos da vida. Com essa condição a pessoa compartilha boas ideias com aqueles que estão ao seu redor, além de se motivar e sustentar outros na execução de tarefas e projetos. Porém, há tendência a ter uma pequena dificuldade em sustentar uma

atitude otimista no longo prazo, havendo necessidade de equilibrar as expectativas com a realidade para garantir uma condição melhor à resiliência.

Dois (2) apresentam boa condição de resiliência com padrão comportamental de intolerância com a propensão de se submeter aos impactos do estresse. Demonstram que apostam no sucesso dos sonhos, das atividades e projetos. Conseguem compartilhar ideias com parceiros e colaborar na execução de projetos, mas tendem a não acreditar muito em soluções para situações com elevados níveis de estresse. Isso acarretará em longo prazo dificuldades para conquistar pessoas para seus objetivos e mantê-las focadas, comprometendo a manutenção da motivação e pró-atividade, diminuindo a capacidade de resiliência. É necessário repensar o potencial de sucesso e como ele está associado ao otimismo, para garantir melhor condição de resiliência.

Dois (2) apresentaram boa face ao com padrão comportamental de passividade com a propensão de se submeter aos impactos. Demonstraram comportamentos que caracterizam uma boa aposta emocional no sucesso dos sonhos, das atividades e projetos. Com esse índice a pessoa capacidade de compartilhar ideias com parceiros e colaborar na execução de projetos, mas tende a não acreditar muito em soluções para situações com elevados níveis de estresse. Fato que dificultará, em longo prazo, a conquista de pessoas para seus objetivos e mantê-las focadas comprometendo a manutenção da motivação e pró-atividade, diminuindo a capacidade de resiliência. É preciso repensar o potencial de sucesso e como ele está associado ao otimismo.

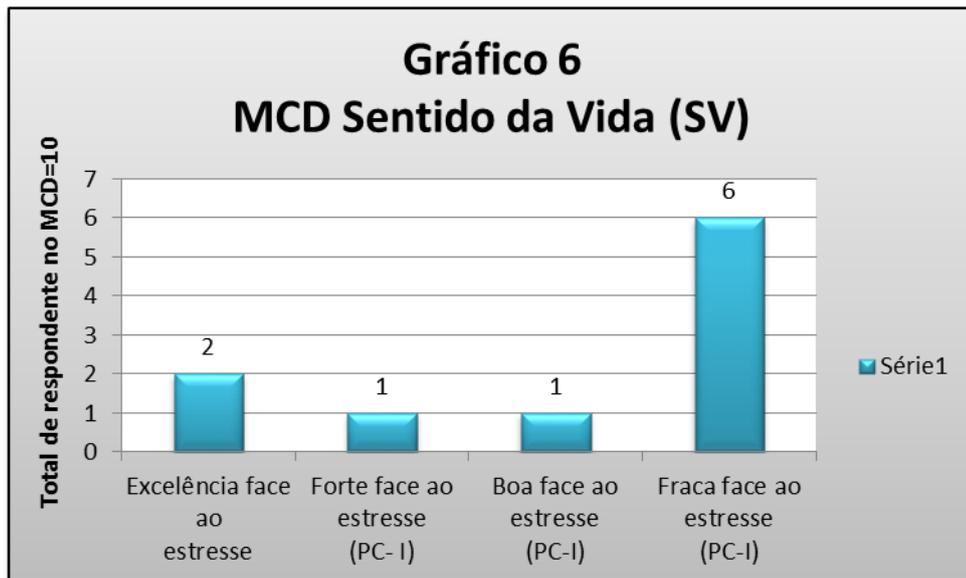
E, por último, os dados do gráfico 5 demonstraram que três (3) respondentes apresentam fraca resiliência com padrão comportamental de intolerância com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse nessa área ao enfrentar adversidades. Indica uma condição de hiperotimismo em relação aos desafios da vida, com propensão a defender suas ideias ou opiniões com ênfase desmedida, denotando frágil ambiente para a resiliência nessa área da vida. Há uma urgente necessidade de reverter tal inclinação dada a condição de risco, com alto prejuízo para a resiliência nesta área.

A leitura final dos dados do gráfico 5, demonstra que 20% apresentaram boa resiliência com tendência a se submeter às pressões porém com maior capacidade de assertividade diante delas. Outros 10% se situam na posição de forte com leve tendência a se submeter tendo atitude otimista diante das adversidades. 20% apresentam maior capacidade de ser resiliente diante da adversidade por se situarem na posição de excelência, apresentando características como esperança, alta criatividade, adequada expectativa, alegria e ótimo bom-humor diante

das adversidades. Outros 20% apresentaram a posição boa com maior tendência a intolerância por isso com mais necessidade de melhorar as habilidades em vistas a melhorar a condição de resiliência, e por fim 30% situam-se na posição de fraca, com tendência a manifestar hiperotimismo e exarcebado bom humor e esperança não fundamentada em fatos ou evidências o que acarreta elevado risco à resiliência. Neste modelo há uma clara distribuição entre os níveis o que leva a afirmar que há uma oscilação na capacidade de resiliência.

O último modelo analisado é do Sentido da Vida, o qual mapeia a intensidade das crenças em que a pessoa acredita que encontra a razão de viver e a fé de que a vida possui um sentido, em especial diante das adversidades e pressões provenientes das interações do ambiente. A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção (BARBOSA, 2010, 2014).

Gráfico 6 – Sentido da vida



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico 6 aponta que dois (2) respondentes possuem excelente resiliência, com comportamento equilibrado e elevada capacidade de relacionar com sabedoria as crenças e valores para encontrar um sentido para as perturbações e desafios da vida. Essa capacidade promove perspectiva para os projetos, a visualização de novos ideais e horizontes, devido às convicções da pessoa, o que possibilita ricas escolhas em relação ao futuro. A tendência com este índice equilibrado é de, em meio aos ambientes adversos e de incertezas, a pessoa, por meio do modelo de crenças flexível, ter condições de gerar convicções a respeito do

significado que a vida tem. O que leva a pessoa se engajar de forma sábia nas atividades quanto aos riscos à sobrevivência e busque consolidar essa coerência entre os ideais e valores com a realidade de vida, garantindo a resiliência nesta área.

Um (1) respondente apresentou forte resiliência com padrão comportamental de intolerância indicando leve tendência de atacar as fontes de estresse. Apresenta tênue alteração quanto aos comportamentos que expressam opiniões e valores acerca de encontrar um sentido para as perturbações e desafios no ambiente pessoal, trazendo leves dificuldades quando está diante de mudanças ou situações alternativas. Essas opiniões e valores promovem a visualização de novos ideais, devido às convicções, o que possibilita ricas escolhas em relação ao amanhã, demonstrando que há uma condição favorável de usufruir o melhor da criatividade e uma leve dificuldade quando está diante de mudanças ou situações alternativas. Estas condições promovem a resiliência e expressam maior flexibilidade no modo de agir.

Um (1) indica boa condição de resiliência com padrão comportamental de intolerância com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse, denotando a capacidade de ter boas opiniões e valores quanto ao encontrar um sentido para os obstáculos e desafios na vida pessoal. Porém, traz poucas dificuldades com relação às mudanças ou situações alternativas por deixar a pessoa apegada aos ideais, levando a escolher projetos de poucos riscos à vida ou que sejam harmoniosos às suas crenças, por valorizar a razão de viver. Estas condições favorecem a resiliência, levando a pessoa à apresentar maior flexibilidade no modo de agir.

Seis (6) pessoas apresentam fraca resiliência com padrão comportamental de intolerância com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse. Possui excessivo apego em modelos de crenças rígidos e é extremamente apegada aos seus sonhos o que dificulta vivenciar situações de mudanças e cultiva poucos ideais. Isso resulta em distorcida visão do amanhã a tornando rígida ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegada ao viver idealizado. Sendo necessário um urgente investimento em flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

Finalizando, a interpretação dos dados do gráfico 6 demonstra que a predominância das respostas se encontram entre os padrões de equilíbrio e intolerância. 20% apresentam maior capacidade de ser resiliente diante da adversidade, por se situarem na posição de excelência. 10% se situa na posição de forte resiliência com motivação para encontrar sentido em prosseguir na busca por soluções diante das adversidades, porém com leve tendência a enfatizar a noção de viver. 10% apresentaram a posição boa com considerável intolerância em

suas crenças, com fé e clareza quanto ao valor da vida em situações que demandem embates emocionais e com isso se posicionam na posição de segurança e, por fim, 60% apresentaram-se na posição de fraca, com tendência a ter uma visão distorcida do amanhã, com comportamento rígido elevando o risco à resiliência. Neste modelo, a um forte prejuízo para a resiliência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi de grande valia para o esclarecimento das questões propostas no período de planejamento, considerando-se que foi possível encontrar respostas satisfatórias para o problema proposto, e sendo possível também alcançar os objetivos delineados ao longo da pesquisa. Ficou clara, em relação ao objeto analisado, a evidente tensão entre a dinâmica local e a global, provocada por influências externas, exercidas por meio de novos condicionamentos sociais que ao adentrarem à comunidade, traz em seu bojo inúmeros benefícios, mas também causam desigualdades, conflitos e outras adversidades que culminam em vulnerabilidades sociais. Neste mesmo sentido, os mecanismos de desencaixe das instituições sociais, destacado por Giddens, se referem ao deslocamento das relações sociais de seus contextos locais e sua rearticulação por meio das partes indeterminadas do espaço-tempo. Estes mecanismos separam a interação social das particularidades do lugar, influenciando as práticas tradicionais e alterando o modo de vida cotidiano, o que pode, em situações extremas, causar prejuízos para a manutenção da identidade.

Desse modo, é possível perceber que o atual contexto socioeconômico e o avanço da globalização na era neoliberal colocam as comunidades tradicionais afetadas em situação de vulnerabilidade, provocando transformações importantes em seu modo de vida. Todavia, seria incoerente afirmar que o processo de globalização traz somente efeitos negativos para as comunidades tradicionais. Observa-se que como efeito positivo tem-se que, mesmo que de forma tímida, algumas benfeitorias como água, energia, escola, transporte escolar, etc., estão sendo realizadas, possibilitando melhoramentos que antes não existiam na vida cotidiana dessas pessoas. Atualmente, a comunicação entre os moradores da comunidade e as pessoas que moram em outras cidades ou Estados, assim como ocorre no mundo todo, se tornou muito mais fácil por meio do uso do celular. Embora, seja importante destacar, como foi observado na comunidade MSJ, essas benfeitorias ainda sejam elementos que precisam de muitas melhorias para serem considerados minimamente eficientes.

Na comunidade MSJ, embora esteja localizada em área rural, cada casa possui uma antena externa que emite sinal de celular, possibilitando que os moradores possam usufruir deste benefício, mesmo que ainda não seja um serviço eficiente. A televisão também é uma realidade presente em todas as casas e favorece que a informação chegue até eles. Sabe-se que algumas comunidades já possuem acesso a computadores e internet, contudo, na comunidade em questão, a internet banda larga ainda não é uma realidade, o que alguns possuem é a

internet via celular que ainda não é acessível a todos, mas, segundo informação dada por moradores, já houve a visita de pessoal de empresa de telefonia móvel, estudando o local para a instalação de uma antena para possibilitar o acesso à internet. Mas mesmo não sendo ainda acessível a todos é possível notar a influência deste fenômeno na comunidade, principalmente, entre os mais novos. Inclusive a divulgação dos festejos e notícias sobre a comunidade é feita por intermédio da internet e das redes sociais, o que faz com que um número maior de pessoas tenha acesso a estas informações.

Todavia, mesmo quando os benefícios são concretizados na comunidade não são suficientes para erradicar os problemas de ordem social existente ou inibir os desafios impostos pelo cenário atual e ainda tem como consequência a alteração do modo de vida dos moradores. Estes desafios levam a comunidade a desenvolver a capacidade de se apropriar de recursos culturais e institucionais que existem em seus ambientes com o intuito de enfrentar os desafios gerados pelos novos condicionamentos sociais, ou seja, a capacidade de ser resiliente. Todavia, algumas comunidades conseguem desenvolver esta capacidade se adaptando às situações difíceis, extraindo conhecimentos necessários e valiosos e superando-as, outras já não conseguem ter o mesmo resultado. Assim, ao se estudar uma comunidade hoje, é imprescindível considerar que os acontecimentos neste local sofrem interferência de fatores macroeconômicos operados a uma distância indefinida e global, fazendo com que a característica cultural da comunidade, que constitui elemento fundamental, acabe sendo fortemente influenciada por este processo.

Após a elaboração do presente estudo, foi possível constatar que a resiliência constitui uma importante ferramenta que as pessoas dispõem para lidar com situações adversas que emergem no dia-a-dia. O número crescente de estudos em resiliência, principalmente nas últimas décadas, demonstra ser esta uma importante abordagem para se conhecer como que algumas pessoas se desenvolvem de forma positiva quando confrontadas com circunstâncias de risco. Neste sentido, pode-se afirmar que a resiliência constitui um importante instrumento direcionado para um novo modelo de se compreender a vida em comunidade por meio de fatores de promoção da superação das adversidades. Apesar de ser importante trabalhar pela promoção de fatores resilientes, é crucial avançar em estudos de teorias que expliquem como esses fatores específicos interatuam na vida da comunidade, propiciando um processo de adaptação resiliente. Neste estudo, foi possível verificar que um destes fatores de promoção da resiliência é o processo de reconhecimento.

É importante ressaltar que todos nascem com potencial para a resiliência, mas nem todo este potencial é desenvolvido, e cada cultura possui suas formas de inculcar nos filhos elementos que promovam a resiliência. Para isso os pais precisam ter capacidade de avaliar o contexto de vulnerabilidade que os envolve e trabalhar nos filhos as características que elevem a sua condição de ser resiliente, como por exemplo, ser mais otimista, ver a vida com mais esperança e mais flexibilidade, e ter um comportamento mais ponderado emocionalmente. Entretanto, o que vai determinar o nível de resiliência é a experiência social que cada um vivencia ao longo da vida. Por isso, acredita-se que a explicação não está nas características individuais, mas nas condições sociais, nas relações coletivas e em aspectos culturais e valorativos de cada sociedade.

Ojeda (2005) destaca quatro destas características sociais, por considerá-las como os pilares mais significativos de resiliência comunitária: autoestima coletiva, que possibilita maior capacidade de superar as adversidades; identidade cultural, pois aqueles que respeitam e exaltam sua cultura tradicional possuem maior capacidade de se recompor e renascer após a adversidade; humor social que significa enfrentar os problemas com bom humor elevando a possibilidade de superação; e honestidade estatal que se refere ao respeito que se tem ao exercer alguma função pública.

Conforme destaca Lopes (2014), em suas pesquisas já se supunha que as coletividades e comunidades a serem pesquisadas acompanhavam a lógica que se dissemina nas culturas populares ou marginalizadas, de utilizar suas próprias culturas e tradições como recursos identitários no diálogo com a modernidade. Confirma o autor que essa lógica constitui o embasamento e as estratégias de tais coletividades e comunidades na finalidade atual das lutas por reconhecimento e das políticas de respeito às diferenças, como já evidenciaram os estudos de Honneth (2003), Yúdice (2006) e Lifschitz (2011). Ao que se refere à relação entre resiliência e reconhecimento, se observou que a comunidade MSJ acredita na importância de se preservar a interação de maneira harmoniosa entre os moradores e de reconhecer reciprocamente o papel e a utilidade do outro dentro do grupo, com o intuito de preservar a comunhão e a característica quilombola, ou seja, a identidade cultural. Diante desta observação, notou-se que havia uma aproximação entre os pilares da resiliência comunitária descritas por Ojeda (2005) e as formas de reconhecimento defendidas por Honneth (2003). Esta relação demonstrou que é possível concluir que o reconhecimento social da identidade cultural é um fator de resiliência.

Outro elemento importante concluído neste estudo é de que na comunidade MSJ há indícios de que a cultura é utilizada em alguns momentos de maneira conveniente, isso foi interpretado visto que os festejos e a dança que constituem os elementos indetentários importantes para a comunidade são utilizados como uma forma de apresentar para a sociedade envolvente seus traços tradicionais, de forma a promover a visibilidade da mesma face aos olhares externos. E isso é aceito pela comunidade porque muitas vezes traz o reconhecimento da cultura, fato que para os moradores é sinal de que a sua tradição será mantida e que seus direitos serão atendidos, o que na maioria das vezes não ocorre. Mas, por outro lado, tem havido uma nova forma de lidar com as comunidades tradicionais, tanto pela intenção de uso da cultura como recurso, como a tentativa de resgate do tradicional. Todavia é preciso destacar que o desenvolvimento da comunidade em questão pode ser percebido pela não reprodução de relações sociais e de poder em que se encontravam submetidos.

Como forma de aferir o nível resiliente da comunidade se utilizou como instrumento a Quest\_Resiliência que demonstrou que dos seis MCDs analisados dois apresentaram consistente resiliência, um apresentou boa resiliência, dois divisão entre os extremos demonstrando oscilação na capacidade e um demonstrou forte inconsistência. O que gera a interpretação de que os sujeitos no plano individual não apresentam uma resiliência consistente, mas no plano coletivo apresentam indícios de superação das adversidades por meio do reconhecimento da tradição e do sentimento de orgulho de pertencimento à comunidade. O que se conclui é que embora o Quest\_Resiliência seja um instrumento utilizado para mapear o comportamento resiliente de indivíduos e grupos (equipes), não se chegou a um resultado satisfatório para o mapeamento das crenças em agrupamentos comunitários, o que demonstra que para os propósitos desta pesquisa foi insuficiente para mensurar a resiliência comunitária. Isso sugere a necessidade de se traduzir e validar uma escala de mapeamento da resiliência que atenda o aspecto comunitário.

Concluindo, embora o desenvolvimento econômico não tenha sido o foco da presente pesquisa, com o desenrolar do trabalho percebeu-se como tal questão tem suas influências na situação local e como o modelo de desenvolvimento focado na elevação das taxas de crescimento não conseguem atender as questões sociais de maneira satisfatória, pois conforme Amartya Sen deixa claro em suas colocações, um país desenvolvido não é apenas aquele que tem uma elevação do seu PIB, o desenvolvimento das capacidades que leve a uma melhor qualidade de vida, ou seja, um desenvolvimento humano é imprescindível. Nesse sentido, confirma-se o papel e a obrigação do Estado em proteger e criar políticas públicas que visem

garantir às comunidades os direitos previstos em lei como forma de defender a sobrevivência das mesmas e a manutenção de suas identidades. Uma dessas urgentes demandas é a elaboração do RTID necessário para demarcação da terra, que como dito no texto se tornou uma fonte de vulnerabilidade para a comunidade MSJ. E ainda com igual importância é a efetivação de direitos a serviços públicos básicos que garantam aos moradores dignidade e qualidade de vida, fortalecendo assim a manutenção da identidade cultural.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alysson Assunção. **A política de reconhecimento em Charles Taylor**. 2013. 209 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE, Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/280813-3G2QiLB92fKF9.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

ARAÚJO, Valmir. Afrodescendência: Desafios da cultura quilombola. **Jornal do Tocantins**. Palmas-TO, ano 35, n. 6448, 13 maio 2015, Arte e Vida, caderno 2, p. 3.

ARRUTI, José Mauricio. **Mocambo**: antropologia e história no processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BARBOSA, George Souza. **Resiliência entre professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série**: validação e aplicação do “Questionário do Índice de Resiliência: Adulto Reivich – Shatté/ Barbosa”. 330f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Roteiro dos índices de resiliência**: um exemplo de análise comentada do Quest\_Resiliência. Monografia (Especialização). Curso de Resiliência no Ambiente do Trabalho – Sociedade Brasileira de Resiliência, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf/roteiro-indices-resiliencia-analise/roteiro-indices-resiliencia-analise.shtml>>. Acesso em: 3 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Roteiro dos Índices de Resiliência**: Uma introdução de como analisar os resultados de pesquisas em resiliência. São Paulo: SOBRARE, 2014.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 263-271, maio/ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Atos das Disposições Constitucionais Transitórias. Art. 68°. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_21.12.2011/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_21.12.2011/CON1988.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 4883 de 20 de novembro de 2003. Transfere a competência que menciona, referida na Lei no- 10.683, de 28 de maio de 2003, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Seção 1, n. 227, p.1. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=21/11/2003>>. Acesso em: 17 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Seção 1, n. 227, p. 4. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=4&data=21/11/2003>>. Acesso em: 17 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Decreto n.º 6.040 de 7 fev. 2000. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 08 fev. 2007. Seção 1, n. 28, p. 316. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=316&data=08/02/2007>>. Acesso em: 17 maio 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. Secretaria de articulação institucional. **Programa Mais Cultura**. Brasília, 2014. Disponível em : <<http://www.cultura.gov.br/mais-cultura> >. Acesso em: 12 maio 2015.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). **O Quilombo Rio das Rãs: Histórias, Tradições, Lutas**. Salvador, BA: EDUFBA.1995.

CANCLINI, Nestor. **As culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (A era da Informação: economia, sociedade e cultura. v. 1).

COELHO, Umberto Salvador Pinto. Novas diretrizes da educação garantem melhoria do ensino nas comunidades quilombolas do Tocantins. **Conexão Tocantins Online**, Palmas, 28 de abril 2015. Disponível em:<<http://conexaoto.com.br/2015/04/28/novas-diretrizes-da-educacao-garantem-melhoria-do-ensino-nas-comunidades-quilombolas-do-tocantins>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Consultoria, Supervisão e Revisão de Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Pesquisa Qualitativa).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=17&search=tocantins>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Histórico Município de Santa Rosa do Tocantins**. 2014. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=171890&search=tocantins|santa-rosa-do-tocantins|infograficos:-historico>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

GARCIA, Ronaldo Coutinho. Alguns desafios ao desenvolvimento do Brasil. **Revista Textos para discussão**, IPEA, Brasília, n. 1373, jan. 2009. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td\\_1373.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1373.pdf)> Acesso em: 29 abr. 2012.

GEERTZ, Clifford. O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem. In: **A Interpretação das Culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GROTBORG, Edith Henderson. Introdução: Novas tendências em resiliência. In: **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda (Org.). Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.15-22.

HALL, Peter A.; LAMONT, Michèle. **Social Resilience in the Neoliberal Era**. Nova York: Cambridge, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade?. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 103-133.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. **A era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. A invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Org.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

HONNETH, AXEL. **Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa; Nobre. São Paulo: Ed.34, 2003.

HOUAISS, Antonio; VILAR, Mauro de Salles (Org.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IANNI, Octavio. Globalização: Novo paradigma das Ciências Sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.8, n. 21, p. 147-163, maio/ago. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200009)>. Acesso em: 27 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Teorias da Globalização**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA-INCRA. **Quilombolas**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/quilombolas>>. Acesso em: 25 out. 2014.

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: Uma revisão da literatura recente. In: **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda (Org.). Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. 26. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: **Os Pensadores**. São Paulo, SP: Editora Abril Cultural, 1976. p. 51- 94. (Os Pensadores).

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Comunidades tradicionais e neocomunidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

LOPES, José Rogério. “Exclusão social” e controle social: Estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia & Sociedade**, [S.I], v. 18, n. 2, p.13-24, maio/ago. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/02.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Terceiro Setor: a organização das políticas sociais e a nova esfera pública. **São Paulo em Perspectiva**, [online], São Paulo, v. 18, n. 3, p. 57-66, jul./set. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000300007&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000300007&script=sci_abstract). Acesso em: 15 mar. 2015.

LOPES, José Rogério; TOTARO, Paolo; BARROS, Eduardo Portanova. **Políticas culturais, comunidades e patrimônios no Brasil**: Algumas questões epistêmicas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS, 5, 2014, Rio de Janeiro: Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2014/06/Jos%C3%A9-Rog%C3%A9rio-Lopes-et-alii.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. O que é cultura. In: **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 42-47.

\_\_\_\_\_. **Uma Teoria Científica da Cultura**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. (Novas perspectivas, 23).

OJEDA, Elbio Néstor Suárez. Uma concepção Latino-Americana: A resiliência comunitária. In: **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda (Org.). Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 47-57.

PESCE, Renata P. et al. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, mar./abr., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/10.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

PIZZIO, Alex. Reconhecimento e resiliência no cotidiano de quebradeiras de coco babaçu. **Estudos de Sociologia** [online], Pernambuco, v.1, n.20, p.[s/p], 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/341>>. Acesso em: 13 fev.2015.

PNUD BRASIL, **Relatório de Desenvolvimento Humano 2014**. Sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência. Brasília-DF, 2014. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014pt.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

POCHMANN, Marcio. Tendências da revolução na base técnico-científica. **Revista Fórum Semanal**. [online]. N. 95. 23 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/marciopochmann/2011/02/23/tendências-da-revolucao-na-base-tecnico-cientifica/>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

RODRIGUES, Vera. Programa Brasil quilombola: um ensaio sobre a política pública de promoção da igualdade racial para comunidades de quilombos. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**. São Paulo, v. 15, n. 57. p. 263-278, ago./dez. 2010. Disponível em: <<http://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/file/Cadernos/Cadernos%2057%20numerado.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAYAGO, Doris Villamizar. O papel do pesquisador na análise social. In: **Estudos**: Revista da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, UCG, v.26, n. 4, p. 497-615, out./dez. 1999, p. 539-545.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. Revisão de Ricardo D. Mendes. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. 6. reimp. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Larissa Tenfen. O multiculturalismo e a política e reconhecimento de Charles Taylor. **NEJ**, v. 11, n. 2, p. 313-322, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/nej/article/view/440>>. Acesso em: 25/02/2015.

SOUZA, Jessé. **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: UNB, 2001.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo examinando a política de reconhecimento**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra Arraias – TO**: rituais, símbolos e rede de significados de suas manifestações culturais: um processo folkcomunicacional de saber ambiental. 2. Reimp. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. (Edições do Senado Federal, v. 146).

TYLOR. Edward Burnett. A ciência da Cultura. In: **Evolucionismo cultural**: Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Apresentação e revisão de Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.67-99.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

YIN, Robert K. **Estudos de Caso: Planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YÚDICE, George. **A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global**. Tradução de Marie-Anne Kremer. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

**ANEXO A – Quest\_Resiliência****QUEST\_RESILIÊNCIA- Escala de Resiliência**

Nome Completo:

\_\_\_\_\_

E-mail

\_\_\_\_\_

Sexo ( ) Fem. ( ) Masc.

Data do seu Nascimento \_\_\_\_\_ Estado onde Nasceu \_\_\_\_\_

Cidade Onde Você Mora \_\_\_\_\_ Estado de sua cidade \_\_\_\_\_

Se você já tem uma formação profissional, anote qual é: \_\_\_\_\_

Se você está trabalhando, anote qual é o seu trabalho \_\_\_\_\_

Qual sua escolaridade? \_\_\_\_\_ Estado Civil \_\_\_\_\_

Religião \_\_\_\_\_ Fala outra língua além do português? ( ) Não ( ) Sim

Marque qual a pessoa que mais ajudou você a vencer na vida, a superar dificuldades pessoais, escolares, doenças, acidentes, etc.

( ) Pai

( ) Mãe

( ) Avô (ó)

( ) Esposo (a)

( ) Filhos (as)

( ) Amigo (a)

Outros: \_\_\_\_\_

Qual foi a doença, o acidente ou a situação de consequências mais graves que você já viveu?

\_\_\_\_\_

Com que idade você estava quando aconteceu?

( ) Até 6 anos ( ) 7 - 12 anos ( ) 13 - 17 anos ( ) 18 - 30 anos

31 - 49 anos  Acima

Quanto tempo aproximadamente durou o impacto dessa situação?

Alguns dias  Semanas  Meses  Um ano  Mais de um ano

Comente as consequências desta situação em você.

---

---

---

Há uma 2ª situação muito marcante que você quer registrar?

---

Com que idade você estava quando aconteceu?

Até 6 anos  7 - 12 anos  13 - 17 anos  18 - 30 anos

31 - 49 anos  Acima

Quanto tempo aproximadamente durou o impacto dessa situação?

Alguns dias  Semanas  Meses  Um ano  Mais de um ano

Comente as consequências desta situação em você.

---

---

---

**1.** Quando me vejo sob tensão em minhas atividades eu tenho dificuldades de lidar com as alterações que ocorrem no meu corpo.

Raras vezes  Poucas vezes  Muitas vezes  Quase sempre

**2.** Quando estou no meio de um grande conflito, fazer com que as pessoas se sintam compreendidas por mim é uma facilidade que tenho.

Raras vezes  Poucas vezes  Muitas vezes  Quase sempre

**3.** Tenho dificuldades de acreditar no meu sucesso na vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**4.** Eu tenho facilidade de procurar uma pessoa que rompeu o relacionamento comigo, para poder conversar.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**5.** Quando me deparo com um problema difícil de resolver eu procuro verificar detalhadamente as causas antes de agir.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**6.** Na minha vida profissional eu identifico qual é o sentido da minha vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**7.** Eu acredito ser desnecessário fazer análise detalhada das dificuldades envolvidas em decisões importantes.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**8.** Eu fico atento(a) às reações que sinto no meu corpo durante minha rotina.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**9.** Quando estou sobre forte pressão eu interpreto de forma distorcida as situações que estão ocorrendo no ambiente.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**10.** Eu tenho dificuldades de entender qual o sentido da minha vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**11.** Eu tenho dificuldades de confiar na minha capacidade para superar as adversidades que enfrento na vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**12.** Eu costumo controlar o meu comportamento quando estou envolvido em algum conflito.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**13.** Quando estou sendo avaliado, eu tenho dificuldades em confiar que serei bem avaliado.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**14.** Eu tenho dificuldades de preservar as amizades quando as pessoas falam de mim.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**15.** Quando me vejo vivendo situações de forte pressão, eu sou atento (a) às alterações que ocorrem no meu corpo.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**16.** O meu comportamento na vida dificulta preservar amizades.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**17.** Em situações de pressões onde tenho que tomar decisões, dividir a responsabilidade com outras pessoas é o que me faz ter confiança.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**18.** Quando estou tendo uma forte discussão com outras pessoas, eu costumo perder o controle do meu comportamento na situação.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**19.** É difícil para mim ter um olhar otimista em relação aos problemas que ocorrem na minha rotina.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**20.** Em situações que geram incertezas, eu acredito que tenho uma atitude pessimista para encontrar soluções.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**21.** Eu tenho um comportamento de ser amigo, independentemente do que as pessoas falam a meu respeito.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**22.** Quando tenho que resolver um difícil problema, eu confio que irei encontrar uma solução adequada.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**23.** Eu procuro conhecer novas pessoas mesmo em situações onde não estou seguro do meu desempenho.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**24.** Em situações de pressões onde tenho que tomar decisões, eu tenho dificuldade de confiar nas pessoas para dividir a responsabilidade da decisão.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**25.** Eu tenho habilidade para reconhecer as várias reações que ocorrem no meu corpo, quando estou enfrentando situações que exigem de mim um alto rendimento.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**26.** Quando estou em situação de risco eu tenho claro qual é o sentido da minha vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**27.** Eu tenho confiança na minha capacidade quando estou sendo avaliado.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**28.** Quando estou diante de situações desafiadoras, comentários negativos sobre a minha capacidade alteram o meu comportamento.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**29.** Eu me vejo agindo sem controle no ambiente em situações de forte tensão.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**30.** Eu tenho dificuldade em ver um significado maior para a minha vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**31.** Eu invisto pouco na análise dos problemas que me ocorrem, se eles me desviam das minhas prioridades.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**32.** O meu comportamento passa uma imagem pouco amistosa para as pessoas.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**33.** Quando tenho que resolver um difícil problema, eu tenho dificuldades em confiar em minha capacidade de encontrar uma solução adequada.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**34.** O meu modo de agir passa uma imagem de que sou uma pessoa simpática nas situações difíceis da vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**35.** Tenho dificuldade de expressar de forma clara o que estou sentido nas situações que passo.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**36.** Em momentos de crise eu controlo meu comportamento e com isso não perco o controle da situação.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**37.** Eu tenho dificuldades de perceber as alterações que ocorrem no meu corpo quando estou vivendo situações de crise.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**38.** Eu tenho dificuldade em acreditar no valor da vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**39.** Em qualquer situação eu continuamente mantenho os relacionamentos.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**40.** Eu tenho confiança na minha capacidade para superar as adversidades que enfrento na vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**41.** Quando ocorrem situações em que fico tenso eu consigo identificar as reações que estão ocorrendo no meu corpo.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**42.** Eu olho de um modo positivo os comentários que fazem a respeito do meu desempenho.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**43.** Nas minhas atividades eu sou intolerante quando me vejo diante de barreiras que prejudicam o meu desempenho.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**44.** Quando tenho que resolver uma tarefa difícil, eu me decido pela primeira solução que me ocorre.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**45.** Quando estou no meio de uma crise, o meu comportamento se altera quando percebo que as pessoas estão falando a meu respeito.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**46.** Quando tenho um conflito com as pessoas, o meu modo de reagir favorece minhas relações pessoais.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**47.** Eu sou desatento às reações que ocorrem no meu corpo durante a minha rotina.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**48.** Sou uma pessoa otimista em relação ao meu sucesso na vida.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**49.** Se alguém faz algo que me prejudica, eu sei que tenho total controle sobre mim para esperar o momento adequado de conversar.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**50.** Eu acredito que posso resolver todos os problemas que me ocorrem.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**51.** Eu acredito que a minha vida tem muito valor.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**52.** Ao experimentar grandes desafios, eu me percebo com várias reações corporais.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**53.** Quando tenho um atrito com as pessoas, o meu modo de reagir prejudica minhas relações pessoais.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**54.** Eu evito fazer amizades com pessoas que me são desconhecidas.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**55.** É essencial dar uma solução imediata para um problema, mesmo que não esclareça as suas causas.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**56.** Na minha rotina do dia a dia a minha vida tem um forte significado.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**57.** Quando estou discutindo e percebo que vou perder o controle do meu comportamento, eu sou capaz de me acalmar.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**58.** Quando sou cobrado (a) pelo meu rendimento, eu analiso criteriosamente as consequências da situação.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**59.** Eu mantenho relacionamentos somente com pessoas do meu círculo de amizade.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**60.** Tenho dificuldade de que as pessoas se sintam compreendidas por mim, quando estou envolvido em um sério conflito.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**61.** Eu acredito que tenho que me aproximar das pessoas nos mais variados ambientes.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**62.** Tenho dificuldades de ter clareza sobre o sentido da minha vida, principalmente quando estou em situações de risco.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**63.** Em circunstâncias que geram incertezas na vida, eu acredito que tenho uma atitude otimista para encontrar soluções.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**64.** Quando tenho que resolver graves problemas eu antecipadamente planejo várias soluções.

( ) Raras vezes ( ) Poucas vezes ( ) Muitas vezes ( ) Quase sempre

**65.** Mesmo estando envolvido num grave conflito, eu sou muito simpático com as pessoas.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**66.** Eu confio plenamente de que há pessoas que irão me amparar, em um fracasso pessoal.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**67.** Em situações de consequências graves eu examino rapidamente os fatos para tomar decisões.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**68.** Nas situações em que estou sob tensão, eu tenho plena convicção de que sei lidar com as reações que ocorrem no meu corpo.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**69.** Quando uma discussão com outras pessoas fica muito perigosa, eu sou absolutamente capaz de manter um comportamento equilibrado.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**70.** Eu tenho uma atitude extremamente otimista nas minhas atividades.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**71.** Eu faço qualquer coisa para manter os relacionamentos.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**72.** Na minha rotina de vida, eu tenho a mais absoluta certeza da minha razão de viver.

Raras vezes    Poucas vezes    Muitas vezes    Quase sempre

**ANEXO B – Relatório individual do Quest\_Resiliência SOBRARE**

# RELATÓRIO INDIVIDUAL COTIDIANO PESSOAL

DATA DE NASCIMENTO  
11/10/1991

SEXO  
Feminino  
CÓDIGO  
QUEST  
13637

PESQUISA

Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

## **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

## **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas

criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto.

As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência nas crenças mapeadas. Com este índice, a tendência é analisar com sabedoria as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção, sendo inovador (a) em suas propostas, ao invés de simplesmente ater-se a rotinas e regras. Do mesmo modo, reflete a

capacidade de ser flexível para fazer a coisa certa. Estar atento (a) para as pistas do ambiente, desvencilhando-se da complexidade dos problemas e focando em suas soluções, o que lhe garante o adequado exame das situações.

Também tende apresentar habilidades para adaptação e flexibilidade diante das situações tensas. Capacidade de alterar e alternar entre planos diante de diferentes demandas. Apresenta uma aguda percepção dos conflitos, bem como a possibilidade de reconhecer as mudanças que ocorrem no ambiente, o que garante uma ótima adaptação e flexibilidade diante de situações inesperadas.

Esta é a condição que favorece comportamentos de alta produtividade, uma vez que a capacidade de fazer corretas análises é a condição básica de um posicionamento seguro e estratégico no ambiente e está relacionada com a tomada de decisões corretas visando a sobrevivência e superação, assegurando uma consistente condição de resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente.

As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência nessa área da vida ao atacar e enfrentar o estresse. Evidenciando seu senso de autoconfiança numa condição de perfeccionismo e suficiência. Um índice como esse traz a tendência de facilitar de modo acentuado o comportamento de assumir riscos, reconhecer a si com exageros, pouco depender de outros e reagir às ideias e pessoas buscando se assegurar de suas competências e eficácia pessoal. Além da possibilidade de se envolver com grande quantidade de atividades. Fica evidente a urgente necessidade de investimentos para balancear tal inclinação, por ela se situar em uma condição de elevado risco, com alto prejuízo à resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade que gera tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência no enfrentamento do estresse com a propensão de atacar as fontes e consequências desse estresse.

Com essas respostas a pessoa se apresenta com uma tendência comportamental explosiva, frágil ambiente para a resiliência. Com agressividade voltada para si ou para outros e ansiedade altamente preocupante para a resiliência nessa área. Este padrão de respostas caracteriza crenças como - Vou ficar em uma condição vulnerável, o que não suportarei - ; - Tenho que me defender. Isso desencadeia uma reação de ataque para se defender, em geral com uma agressividade desproporcional ao que a situação pede, acompanhada de intolerância para com a situação. O que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área da vida.

Tal resultado está associado com alto risco de tomar decisões com base em julgamentos emocionais equivocados. Com isso, fica evidenciado um inadequado e agressivo estilo de liderança e a urgente necessidade de investimentos em seu equilíbrio emocional, já que este tipo indica uma condição de elevado risco, que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas estão caracterizando a condição de boa resiliência diante do estresse com propensão de atacar as fontes de estresse.

Esse resultado se refere a comportamentos relacionados com enfatizar e pressionar as ações para alcançar, conquistar e manter as pessoas. A tendência com este índice é a de agir com base na exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e

viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Propensão a empregar empenho para alcançar e envolver pessoas, promovendo quadros de irritação e ansiedade. Essas possibilidades podem favorecer relacionamentos com maior dificuldade de se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para balancear tal índice, por situar-se em uma condição de segurança neste domínio de crenças.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As respostas evidenciam uma condição de moderada resiliência com a propensão de se submeter aos impactos e consequências do estresse. Nas respostas há evidências do padrão de agir de modo intenso nos vínculos emocionais, chegando a uma atitude invasiva.

As respostas indicam uma disfunção na autoconfiança e autopercepção, que prejudica a aceitação de si mesmo e das outras pessoas, condicionando a empatia à aceitação dos outros. Isto deve levar a pessoa a ficar mais isolada, empobrecendo a condição de resiliência. Fica evidenciada a urgente necessidade de efetuar investimentos que possam balancear tal área, por se situar em uma condição de risco e com danos à resiliência.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com ênfase no ataque aos efeitos do estresse. Esse resultado caracteriza comportamentos com tênue incômodo muscular / emocional.

O fato de conseguir compartilhar tais incômodos, além de promover os devidos ajustes entre as crenças e a resposta corporal, é uma forte fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. Este grau obtido mostra leve tendência de

tensão na musculatura, que gera um crescente desconforto físico. Embora seja de uma condição favorável para a resiliência, esse tênue incômodo diminui sua capacidade de resiliência. Assim, procure investir nas habilidades de reconhecer e trabalhar aquilo que o corpo lhe comunica para assegurar essa condição e garantir uma melhora quanto a sua resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas apresentam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de reagir às fontes de estresse. Esse resultado apresenta comportamentos com alta expectativa para com o desempenho de outras pessoas. Pessoas que se situam nesta condição, quando estão diante de situações de elevada adversidade, tendem enfatizar a expectativa de sucesso, aumentando a tensão e o desgaste no ambiente e no grupo. Procure ser mais equilibrado quanto ao otimismo para com a vida, para garantir uma condição melhor quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam uma condição de excelente resiliência. Esse resultado apresenta comportamentos com elevada capacidade de relacionar com sabedoria as crenças e valores acerca de encontrar um sentido para as perturbações e desafios da vida.

Essa capacidade promove perspectiva para os projetos, a visualização de novos ideais e horizontes, devido às convicções da pessoa, o que possibilita ricas escolhas em relação ao futuro. A tendência com este índice equilibrado é de, em meio aos ambientes adversos e de incertezas, a pessoa, por meio do modelo de crenças flexível, ter condições de gerar convicções a respeito do significado que a vida tem. O que leva a pessoa se engajar de forma sábia nas atividades quanto aos riscos à sobrevivência.

Busque consolidar essa coerência entre os ideais e valores com a realidade de vida, garantindo a resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico.

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
05/07/1993

SEXO  
Masculino  
CÓDIGO  
QUEST  
13639

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas indicam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de se submeter aos impactos do estresse.

Esta condição permite examinar os problemas e decidir com acerto sobre a natureza e resolução dos conflitos. Porém, ocorre a tendência de se manter afastado (a) ou fora dos conflitos, o que resulta em situações de perigo decorrentes do desconhecimento, da falta de ação nos conflitos e da dificuldade em identificar e nomear os sinais presentes no ambiente. É preciso desenvolver as habilidades em ler e identificar os sinais e pistas presentes no ambiente, para garantir uma condição melhor à resiliência nesta área da vida.

**Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade necessária para administrar o senso pessoal de ser capaz em enfrentar uma adversidades, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autosssegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão evidenciando a condição de boa resiliência diante do estresse com a propensão de se submeter aos impactos do estresse.

Esta condição permite decidir com assertividade sobre a sua capacidade de resolução dos conflitos. Porém, ocorre certa tendência de se manter afastado (a) ou fora dos conflitos, o que resulta em situações de perigo decorrentes de certa ambiguidade na confiança de suas ações. É preciso flexibilizar a forma como investe no próprio senso de ser capaz, para garantir uma condição melhor à resiliência nesta área mapeada.

**Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto.

As respostas apresentam ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

**Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas estão caracterizando a condição de boa resiliência diante do estresse com propensão de atacar as fontes de estresse.

Esse resultado se refere a comportamentos relacionados com enfatizar e pressionar as ações para alcançar, conquistar e manter as pessoas. A tendência com este índice é a de agir com base na exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Propensão a empregar empenho para alcançar e envolver pessoas, promovendo quadros de irritação e ansiedade. Essas possibilidades podem favorecer relacionamentos com maior dificuldade de se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para balancear tal índice, por situar-se em uma condição de segurança neste domínio de crenças.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As suas respostas nessa área indicam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de acatar aos efeitos do estresse.

As respostas denotam comportamentos que apresentam boa gestão de resiliência face ao estresse elevado. Esta condição realmente lhe permite assegurar a qualidade dos seus vínculos, possibilitando mantê-los em diversos ambientes. No entanto, a tendência é de se relacionar com outros demonstrando experimentar carência afetiva, o que resulta na busca de confirmação de aceitação e reconhecimento de outros, trazendo prejuízos aos relacionamentos e diminuindo a capacidade de resiliência. Melhore as respostas e postura à demanda emocional nos relacionamentos para garantir uma melhor condição à resiliência nesta área.

**Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas se referem a condição de boa resiliência diante do estresse, com a propensão de se submeter às implicações do estresse.

Denota boa regulação das crenças quanto harmonizar a demanda física com a dinâmica emocional. E com este índice, ocorre alguma dificuldade em perceber as alterações que estão se manifestando no corpo e distinguir entre os problemas e a atitude que terá. A tendência é a de expressar certo relaxamento corporal, resultando em aumento do desconforto muscular. Também corre o risco de ser avaliado (a) como pouco comprometido (a) com as atividades e projetos. Por isso, procure avaliar com cuidado a dinâmica corporal / emocional para melhorar a condição de resiliência nesta área.

**Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas evidenciam uma condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente acatar aos efeitos e consequências do estresse.

Esse resultado denota leve descrédito na valorização dos fatos positivos da vida. Com essa condição a pessoa compartilha boas ideias com aqueles que estão ao seu redor, além de se motivar e sustentar outros na execução de tarefas e projetos. Porém, este resultado mostra uma tendência a ter uma pequena dificuldade em sustentar uma atitude otimista no longo prazo. Procure desenvolver habilidades de equilibrar as expectativas com a realidade para garantir uma condição melhor à resiliência nesta área.

**Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos

recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas indicam a condição de forte resiliência diante do estresse com leve tendência de atacar as fontes de estresse.

Esse resultado apresenta tênue alteração quanto aos comportamentos que expressam opiniões e valores acerca de encontrar um sentido para as perturbações e desafios no ambiente pessoal. Essa organização de crenças traz leves dificuldades quando está diante de mudanças ou situações alternativas. Essas opiniões e valores promovem a visualização de novos ideais, devido às convicções, o que possibilita ricas escolhas em relação ao amanhã. Com esse esquema de crenças há uma condição favorável à resiliência e de usufruir o melhor da criatividade e uma leve dificuldade quando está diante de mudanças ou situações alternativas. Estas condições promovem a resiliência, expressa maior flexibilidade no modo de agir. Busque ampliar a coerência entre os ideais e valores com a realidade de vida, ampliando a resiliência nesta área.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
12/10/1944

SEXO  
Masculino  
CÓDIGO QUEST  
13634

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas estão caracterizando a condição de boa resiliência diante do estresse. Devido a tendência de atacar as fontes de estresse no ambiente, se evidenciam comportamentos que denotam certa ênfase, tanto nas pessoas como nas situações. Esse cenário denota a exigência de um investimento emocional para ler e analisar o ambiente.

A tendência é a de evitar contextos que apresentem estresse, o que pode se tornar uma fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. No entanto, quanto mais se busca um escape, maior é a ansiedade no dia-a-dia. Consequentemente,

maiores serão as dificuldades em identificar como os assuntos estressantes se inter-relacionam e qual é o melhor modo de lidar com eles. Procure aumentar a confiança na capacidade de ler o ambiente e atuar coerentemente para garantir um estilo mais adequado de resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade necessária para administrar o senso pessoal de ser capaz em enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente.

As suas respostas estão caracterizando a condição de forte resiliência diante do estresse com a propensão de acatar as fontes de estresse. As respostas denotam o senso de autoconfiança em uma condição emocional de leve indecisão quanto a autovalorização. Com este índice, é forte a tendência de se ver com competência em atingir um objetivo final e de se perceber envolvido em projetos e nas tarefas por um longo tempo. Mesmo sendo um resultado favorável à resiliência, por vezes, ocorre tênue receio quanto a sua eficácia no desempenho de tarefas e interações sociais que implica em leve prejuízo na capacidade de promover mobilização e alinhamento de forças e propósitos para si mesmo(a) e para as equipes. O que diminui as possibilidades de ser mais resiliente. Procure desenvolver as habilidades de autoavaliação a fim de garantir uma melhor condição à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais.

As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto. As respostas apresentam ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança.

As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas como uma condição de excelente resiliência. Um resultado que evidencia coerência nos relacionamentos, por haver equilíbrio ao se expor na construção de redes sociais. A tendência com este índice é a de agir com base na correta exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com qualificada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que possibilita construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Essas possibilidades favorecem um estilo de alta qualidade para se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para manter e preservar tal índice, por situar-se em uma região de fortaleza relacionado à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As respostas evidenciam uma condição de moderada resiliência com a propensão de se submeter aos impactos e consequências do estresse.

Nas respostas há evidências do padrão de agir de modo intenso nos vínculos emocionais, chegando a uma atitude invasiva. As respostas indicam uma disfunção na autoconfiança e autopercepção, que prejudica a aceitação de si mesmo e das outras

peessoas, condicionando a empatia à aceitação dos outros. Isto deve levar a pessoa a ficar mais isolada, empobrecendo a condição de resiliência. Fica evidenciada a urgente necessidade de efetuar investimentos que possam balancear tal área, por se situar em uma condição de risco e com danos à resiliência.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com ênfase no ataque aos efeitos do estresse.

Esse resultado caracteriza comportamentos com tênue incômodo muscular / emocional. O fato de conseguir compartilhar tais incômodos, além de promover os devidos ajustes entre as crenças e a resposta corporal, é uma forte fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. Este grau obtido mostra leve tendência de tensão na musculatura, que gera um crescente desconforto físico. Embora seja de uma condição favorável para a resiliência, esse tênue incômodo diminui sua capacidade de resiliência. Assim, procure investir nas habilidades de reconhecer e trabalhar aquilo que o corpo lhe comunica para assegurar essa condição e garantir uma melhora quanto a sua resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse nessa área ao enfrentar adversidades.

Esse resultado é típico de uma condição de hiperotimismo em relação aos desafios da vida, denotando um estilo comportamental propenso a defender suas ideias ou opiniões com ênfase desmedida, denotando frágil ambiente para a resiliência nessa

área da vida. Há uma urgente necessidade de reverter tal inclinação dada a condição de risco, com alto prejuízo para a resiliência nesta área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse.

De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultiva poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o(a) torna rígido(a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente. O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
23/08/1946

SEXO  
Feminino  
CÓDIGO  
QUEST  
13635

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área com a propensão de atacar as fontes e consequências das adversidades. Apresenta a postura de extrema meticulosidade, portanto, de fraca condição de resiliência no cotidiano.

A tendência é agir de modo inflexível, desconfiado e detalhista nas situações que apresentam elevado estresse. O detalhismo se evidencia em rotinas lentas, infundáveis e extenuantes, havendo como consequência uma forte aversão a riscos, além de quadros de elevada ansiedade. Há urgente necessidade de examinar tal inclinação pelo alto risco

de imobilização no desempenho de tarefas e na tomada de decisão, com forte prejuízo para sua resiliência.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente.

As suas respostas estão caracterizando condição de moderada resiliência diante do estresse com a propensão de atacar as fontes de impacto do estresse. Apresentam comportamentos que denotam o senso de autoconfiança numa condição emocional de ser bastante inquiridor (a) quanto a própria capacidade e das outras pessoas. A tendência, com este índice, é a de, em nome da própria competência, adotar uma conduta crítica para avaliar o desempenho de outras pessoas, muito provavelmente por buscar ter relacionamentos orientados pelas tarefas e não motivados pelas relações emocionais. Isso tudo pode torná-lo (la) uma pessoa a ser evitada - o que empobrecerá a condição de resiliência. Fica evidente a urgente necessidade de se efetuar investimentos que possam balancear tal índice, a fim de evitar danos à resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade que gera tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência no enfrentamento do estresse com a propensão de atacar as fontes e consequências desse estresse.

Com essas respostas a pessoa se apresenta com uma tendência comportamental explosiva, frágil ambiente para a resiliência. Com agressividade voltada para si ou para

outros e ansiedade altamente preocupante para a resiliência nessa área. Este padrão de respostas caracteriza crenças como - Vou ficar em uma condição vulnerável, o que não suportarei - ; - Tenho que me defender. Isso desencadeia uma reação de ataque para se defender, em geral com uma agressividade desproporcional ao que a situação pede, acompanhada de intolerância para com a situação. O que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área da vida. Tal resultado está associado com alto risco de tomar decisões com base em julgamentos emocionais equivocados. Com isso, fica evidenciado um inadequado e agressivo estilo de liderança e a urgente necessidade de investimentos em seu equilíbrio emocional, já que este tipo indica uma condição de elevado risco, que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas pela condição de moderada resiliência diante do estresse com propensão de atacar as fontes e consequências de estresse. Se evidencia uma considerável dificuldade de conquistar e manter relacionamentos por se expor demais.

A tendência com este índice é a de buscar agir com marcante exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta bastante a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios. Essas possibilidades podem favorecer um estilo de relacionamentos mais difícil de se conviver, o que evidencia a urgente necessidade de investimentos para balancear tal índice, por situar-se em uma condição intermediária entre segurança e risco à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do ambiente profissional. Trabalhar as expectativas de autoridades ou lideranças, investir na qualidade de vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar

propósitos e objetivos. As suas respostas nesta área se situam na condição de excelente resiliência face ao estresse.

Com este índice, a tendência é a de se perceber aceito(a) nos grupos, de se relacionar com alegria com outras pessoas doando-se, e, demonstrando generosidade em seus atos, além de inspirar aqueles que estabelecem relações, além de motivá-las para uma melhor qualidade de vida. Tende a manter uma atitude de gratidão nas relações, de encorajamento, de cultivar vias de comunicação compartilhadas e de estabelecer claros parâmetros relacionais para que todos possam se posicionar com abertura diante de situações conflituosas ou difíceis, isso devido a habilidade de ouvir, olhar nos olhos, tocar afetuosamente e acreditar no potencial dos outros.

Este índice oferece a condição de viver as relações interpessoais com amabilidade e estabelecer bons vínculos, com a habilidade de manter e dar espontaneamente a devida atenção para si mesmo (a) e aos outros. O que o(a) capacita a exercer influência e liderança sobre outras pessoas, com boas perspectivas quanto ao futuro, gerando uma consistente resiliência nesta área. Invista na manutenção dessa condição.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com ênfase no ataque aos efeitos do estresse. Esse resultado caracteriza comportamentos com tênue incômodo muscular / emocional.

O fato de conseguir compartilhar tais incômodos, além de promover os devidos ajustes entre as crenças e a resposta corporal, é uma forte fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. Este grau obtido mostra leve tendência de tensão na musculatura, que gera um crescente desconforto físico. Embora seja de uma condição favorável para a resiliência, esse tênue incômodo diminui sua capacidade de resiliência. Assim, procure investir nas habilidades de reconhecer e trabalhar aquilo que

o corpo lhe comunica para assegurar essa condição e garantir uma melhora quanto a sua resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse nessa área ao enfrentar adversidades.

Esse resultado é típico de uma condição de hiperotimismo em relação aos desafios da vida, denotando um estilo comportamental propenso a defender suas ideias ou opiniões com ênfase desmedida, denotando frágil ambiente para a resiliência nessa área da vida. Há uma urgente necessidade de reverter tal inclinação dada a condição de risco, com alto prejuízo para a resiliência nesta área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção.

As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse. De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultiva poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o(a) torna rígido(a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para

garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
11/11/1961

SEXO  
Masculino

CÓDIGO  
QUEST  
13636

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
Tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência nas crenças mapeadas. Com este índice, a tendência é analisar com sabedoria as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção, sendo inovador (a) em suas propostas, ao invés de simplesmente ater-se a rotinas e regras. Do mesmo modo, reflete a capacidade de ser flexível para fazer a coisa certa.

Estar atento (a) para as pistas do ambiente, desvencilhando-se da complexidade dos problemas e focando em suas soluções, o que lhe garante o adequado exame das situações. Também tende a apresentar habilidades para adaptação e flexibilidade diante

das situações tensas. Capacidade de alterar e alternar entre planos diante de diferentes demandas. Apresenta uma aguda percepção dos conflitos, bem como a possibilidade de reconhecer as mudanças que ocorrem no ambiente, o que garante uma ótima adaptação e flexibilidade diante de situações inesperadas.

Esta é a condição que favorece comportamentos de alta produtividade, uma vez que a capacidade de fazer corretas análises é a condição básica de um posicionamento seguro e estratégico no ambiente e está relacionada com a tomada de decisões corretas visando a sobrevivência e superação, assegurando uma consistente condição de resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência nessa área da vida ao atacar e enfrentar o estresse. Evidenciando seu senso de autoconfiança numa condição de perfeccionismo e suficiência.

Um índice como esse traz a tendência de facilitar de modo acentuado o comportamento de assumir riscos, reconhecer a si com exageros, pouco depender de outros e reagir às ideias e pessoas buscando se assegurar de suas competências e eficácia pessoal. Além da possibilidade de se envolver com grande quantidade de atividades. Fica evidente a urgente necessidade de investimentos para balancear tal inclinação, por ela se situar em uma condição de elevado risco, com alto prejuízo à resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a

condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto. As respostas apresentam ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas pela condição de moderada resiliência diante do estresse com propensão de atacar as fontes e consequências de estresse.

Se evidencia uma considerável dificuldade de conquistar e manter relacionamentos por se expor demais. A tendência com este índice é a de buscar agir com marcante exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta bastante a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios. Essas possibilidades podem favorecer um estilo de relacionamentos mais difícil de se conviver, o que evidencia a urgente necessidade de investimentos para balancear tal índice, por situar-se em uma condição intermediária entre segurança e risco à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do ambiente profissional. Trabalhar as expectativas de autoridades ou lideranças, investir na qualidade de vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As suas respostas nesta área se situam na condição de excelente resiliência face ao estresse.

Com este índice, a tendência é a de se perceber aceito (a) nos grupos, de se relacionar com alegria com outras pessoas doando-se, e, demonstrando generosidade em seus atos, além de inspirar aqueles que estabelecem relações, além de motivá-las para uma melhor qualidade de vida. Tende a manter uma atitude de gratidão nas relações, de encorajamento, de cultivar vias de comunicação compartilhadas e de estabelecer claros parâmetros relacionais para que todos possam se posicionar com abertura diante de situações conflituosas ou difíceis, isso devido a habilidade de ouvir, olhar nos olhos, tocar afetuosamente e acreditar no potencial dos outros.

Este índice oferece a condição de viver as relações interpessoais com amabilidade e estabelecer bons vínculos, com a habilidade de manter e dar espontaneamente a devida atenção para si mesmo (a) e aos outros. O que o (a) capacita a exercer influência e liderança sobre outras pessoas, com boas perspectivas quanto ao futuro, gerando uma consistente resiliência nesta área. Invista na manutenção dessa condição.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas se referem à condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente acatar as fontes de estresse. Caracterizam-se por uma condição de comprometimento do controle muscular e fisiológico.

Com esse índice, a pessoa é capaz de sustentar um bom equilíbrio muscular e uma adequada postura corporal, porém com a tendência de ocorrer algum prejuízo nos tônus musculares, resultando em uma leve desatenção para com o ambiente. Procure investir nas atividades que gerem energia e equilíbrio no funcionamento corporal, a fim de manter essa condição e garantir melhoras quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios,

gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas se referem a condição de boa resiliência diante do estresse com a propensão de se submeter aos impactos do estresse. Esse resultado apresenta comportamentos que caracterizam uma boa aposta emocional no sucesso dos sonhos, das atividades e projetos. Com esse índice a pessoa consegue compartilhar ideias com parceiros e colaborar na execução de projetos.

Porém, tende a não acreditar muito em soluções para situações com elevados níveis de estresse. A longo prazo, terá dificuldades em conquistar pessoas para seus objetivos e também de mantê-las focadas comprometendo a manutenção da motivação e pró-atividade, o que diminuirá a capacidade de resiliência. Procure repensar o potencial de sucesso e como ele está associado ao otimismo, a fim de garantir uma condição melhor quanto à resiliência nessa área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse.

De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultivava poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o (a) torna rígido (a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que

você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
08/01/1957

SEXO  
Masculino  
CÓDIGO  
QUEST  
13633

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
Tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência nas crenças mapeadas. Com este índice, a tendência é analisar com sabedoria as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção, sendo inovador (a) em suas propostas, ao invés de simplesmente ater-se a rotinas e regras. Do mesmo modo, reflete a capacidade de ser flexível para fazer a coisa certa.

Estar atento (a) para as pistas do ambiente, desvencilhando-se da complexidade dos problemas e focando em suas soluções, o que lhe garante o adequado exame das situações. Também tende a apresentar habilidades para adaptação e flexibilidade diante

das situações tensas. Capacidade de alterar e alternar entre planos diante de diferentes demandas. Apresenta uma aguda percepção dos conflitos, bem como a possibilidade de reconhecer as mudanças que ocorrem no ambiente, o que garante uma ótima adaptação e flexibilidade diante de situações inesperadas.

Esta é a condição que favorece comportamentos de alta produtividade, uma vez que a capacidade de fazer corretas análises é a condição básica de um posicionamento seguro e estratégico no ambiente e está relacionada com a tomada de decisões corretas visando a sobrevivência e superação, assegurando uma consistente condição de resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão caracterizando condição de moderada resiliência diante do estresse com a propensão de atacar as fontes de impacto do estresse.

Apresentam comportamentos que denotam o senso de autoconfiança numa condição emocional de ser bastante inquiridor (a) quanto a própria capacidade e das outras pessoas. A tendência, com este índice, é a de, em nome da própria competência, adotar uma conduta crítica para avaliar o desempenho de outras pessoas, muito provavelmente por buscar ter relacionamentos orientados pelas tarefas e não motivados pelas relações emocionais. Isso tudo pode torná-lo (la) uma pessoa a ser evitada - o que empobrecerá a condição de resiliência. Fica evidente a urgente necessidade de se efetuar investimentos que possam balancear tal índice, a fim de evitar danos à resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade que gera tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, a

condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência no enfrentamento do estresse com a propensão de atacar as fontes e consequências desse estresse.

Com essas respostas a pessoa se apresenta com uma tendência comportamental explosiva, frágil ambiente para a resiliência. Com agressividade voltada para si ou para outros e ansiedade altamente preocupante para a resiliência nessa área. Este padrão de respostas caracteriza crenças como - Vou ficar em uma condição vulnerável, o que não suportarei - ; - Tenho que me defender. Isso desencadeia uma reação de ataque para se defender, em geral com uma agressividade desproporcional ao que a situação pede, acompanhada de intolerância para com a situação. O que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área da vida.

Tal resultado está associado com alto risco de tomar decisões com base em julgamentos emocionais equivocados. Com isso, fica evidenciado um inadequado e agressivo estilo de liderança e a urgente necessidade de investimentos em seu equilíbrio emocional, já que este tipo indica uma condição de elevado risco, que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança.

As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas como uma condição de excelente resiliência. Um resultado que evidencia coerência nos relacionamentos, por haver equilíbrio ao se expor na construção de redes sociais.

A tendência com este índice é a de agir com base na correta exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com qualificada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que possibilita construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Essas possibilidades favorecem um estilo de alta qualidade para se conviver, o que evidencia a

necessidade de investimentos para manter e preservar tal índice, por situar-se em uma região de fortaleza relacionado à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As respostas evidenciam uma condição de moderada resiliência com a propensão de se submeter aos impactos e consequências do estresse. Nas respostas há evidências do padrão de agir de modo intenso nos vínculos emocionais, chegando a uma atitude invasiva.

As respostas indicam uma disfunção na autoconfiança e autopercepção, que prejudica a aceitação de si mesmo e das outras pessoas, condicionando a empatia à aceitação dos outros. Isto deve levar a pessoa a ficar mais isolada, empobrecendo a condição de resiliência. Fica evidenciada a urgente necessidade de efetuar investimentos que possam balancear tal área, por se situar em uma condição de risco e com danos à resiliência.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano.

As suas respostas apresentam a condição de excelente resiliência face ao elevado estresse. Apresentam a tendência de comportamentos de equilíbrio na gestão do estresse.

O padrão de respostas está situado na posição de coerência, o que denota uma propensão de se perceber saudável com relação ao modo como trabalha as tensões corporais. Esta condição possibilita o equilíbrio do binômio saúde / doença e favorece a promoção de ajustes na dinâmica entre as crenças e a resposta corporal. Também caracteriza um controle das tensões musculares e, como consequência, resulta em

excelentes condições de saúde e bem-estar. Invista para assegurar e garantir sua manutenção.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas apresentam a condição de excelente resiliência diante do estresse. Esse resultado denota a tendência de pensar com coragem e determinação. A postura é visionária e permite enxergar novas oportunidades, gerenciar situações que provocam incertezas, garantindo uma visão otimista do futuro.

Você cultiva uma crença consistente na possibilidade de transcender aos limites impostos pela situação recorrendo aos próprios recursos, bem como os que estão presentes no ambiente. Considera que os problemas pessoais ou sociais são passíveis de uma solução global positiva, o que lhe permite se engajar com energia nos desafios e tarefas, resultando em uma atitude geral ativa, confiante e favorável ao alto desempenho nesta área com capacidade de se motivar e manter outros motivados. Busque realizar a manutenção desse grau obtido.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse.

De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultiva poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o (a) torna rígido (a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

## Notas

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
18/09/1965

SEXO  
Masculino  
CÓDIGO  
QUEST  
13632

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas estão caracterizando a condição de boa resiliência diante do estresse. Devido a tendência de atacar as fontes de estresse no ambiente, se evidenciam comportamentos que denotam certa ênfase, tanto nas pessoas como nas situações.

Esse cenário denota a exigência de um investimento emocional para ler e analisar o ambiente. A tendência é a de evitar contextos que apresentem estresse, o que pode se tornar uma fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. No entanto, quanto mais se busca um escape, maior é a ansiedade no dia-a-dia. Consequentemente, maiores serão as dificuldades em identificar como os assuntos

estressantes se inter-relacionam e qual é o melhor modo de lidar com eles. Procure aumentar a confiança na capacidade de ler o ambiente e atuar coerentemente para garantir um estilo mais adequado de resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência nessa área da vida ao atacar e enfrentar o estresse. Evidenciando seu senso de autoconfiança numa condição de perfeccionismo e suficiência.

Um índice como esse traz a tendência de facilitar de modo acentuado o comportamento de assumir riscos, reconhecer a si com exageros, pouco depender de outros e reagir às ideias e pessoas buscando se assegurar de suas competências e eficácia pessoal. Além da possibilidade de se envolver com grande quantidade de atividades. Fica evidente a urgente necessidade de investimentos para balancear tal inclinação, por ela se situar em uma condição de elevado risco, com alto prejuízo à resiliência nesta área mapeada.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade que gera tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas estão caracterizando a condição de fraca resiliência no enfrentamento do estresse com a propensão de atacar as fontes e consequências desse estresse.

Com essas respostas a pessoa se apresenta com uma tendência comportamental explosiva, frágil ambiente para a resiliência. Com agressividade voltada para si ou para

outros e ansiedade altamente preocupante para a resiliência nessa área. Este padrão de respostas caracteriza crenças como - Vou ficar em uma condição vulnerável, o que não suportarei - ; - Tenho que me defender. Isso desencadeia uma reação de ataque para se defender, em geral com uma agressividade desproporcional ao que a situação pede, acompanhada de intolerância para com a situação. O que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área da vida. Tal resultado está associado com alto risco de tomar decisões com base em julgamentos emocionais equivocados. Com isso, fica evidenciado um inadequado e agressivo estilo de liderança e a urgente necessidade de investimentos em seu equilíbrio emocional, já que este tipo indica uma condição de elevado risco, que acarreta alto prejuízo no desenvolvimento da resiliência nessa área.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos pessoais ou familiares, cativar pessoas e grupos, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar relacionamentos para a proteção. As suas respostas se referem a uma condição de fraca condição de resiliência, com propensão de atacar as fontes e consequências de estresse. Essa posição caracteriza extrema dificuldade em conquistar e manter relacionamentos por acreditar que necessita se expor em demasia.

A tendência com este índice é a de agir de forma a se expor publicamente. Esta condição coloca a pessoa com excesso de exposição em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta ao extremo a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios. A necessidade de investir urgentemente para balancear tal índice, por situar-se em uma condição de elevado risco com alto prejuízo à resiliência neste domínio de crenças.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. Suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente se submeter aos impactos do

estresse. Com este índice, a pessoa tem a tendência de garantir segura qualidade aos seus vínculos.

Há uma consistente capacidade de manter vínculos, de ouvir, olhar diretamente nos olhos, tocar de modo construtivo e acreditar no potencial das pessoas, o que deve se tornar uma fonte de proteção para a pessoa e seu grupo. No entanto, este padrão de respostas indica que geralmente se comporta com outras pessoas como se elas estivessem com ténue débito afetivo, o que prejudica um pouco o potencial para encorajar seus relacionamentos. O resultado caracteriza uma intenção levemente desnecessária de se tornar uma pessoa especial nas interações sociais, particularmente naquelas que exigem habilidades emocionais. Procure reconhecer e verbalizar as qualidades e virtudes das outras pessoas para desenvolver uma melhor condição quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com ênfase no ataque aos efeitos do estresse. Esse resultado caracteriza comportamentos com ténue incômodo muscular / emocional.

O fato de conseguir compartilhar tais incômodos, além de promover os devidos ajustes entre as crenças e a resposta corporal, é uma forte fonte de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida. Este grau obtido mostra leve tendência de tensão na musculatura, que gera um crescente desconforto físico. Embora seja de uma condição favorável para a resiliência, esse ténue incômodo diminui sua capacidade de resiliência. Assim, procure investir nas habilidades de reconhecer e trabalhar aquilo que o corpo lhe comunica para assegurar essa condição e garantir uma melhora quanto a sua resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios,

gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse nessa área ao enfrentar adversidades.

Esse resultado é típico de uma condição de hiperotimismo em relação aos desafios da vida, denotando um estilo comportamental propenso a defender suas ideias ou opiniões com ênfase desmedida, denotando frágil ambiente para a resiliência nessa área da vida. Há uma urgente necessidade de reverter tal inclinação dada a condição de risco, com alto prejuízo para a resiliência nesta área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse.

De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultiva poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o (a) torna rígido(a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
02/05/1996

SEXO  
Feminino  
CÓDIGO  
QUEST  
13641

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos

comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas estão caracterizando a condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de atacar as fontes de estresse. Essa é uma posição de leve alerta emocional na análise do ambiente.

Este resultado garante uma condição de boa capacidade de reflexão sobre o ambiente, o que, em situações de adversidade e estresse agudo, pode se tornar uma fonte

de proteção para a pessoa e para o grupo no qual esteja inserida (o). Porém, a pessoa tem a tendência de se manter alerta e tensa nas situações de estresse, o que diminui a capacidade de inovação e aumenta a tendência a apegar-se a rotinas. Com isso, a capacidade embora seja de uma condição favorável à resiliência, ela traz alguma diminuição na habilidade de ser flexível, por se prender aos detalhes e regras. Amplie as habilidades de ler e avaliar os sinais do ambiente para garantir uma melhor condição à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para administrar o senso pessoal de ser capaz para enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão caracterizando a condição de forte resiliência diante do estresse com a propensão de atacar as fontes de estresse.

Essas respostas denotam forte balanço nas crenças relacionadas com o senso de autoeficácia. Com este índice, a pessoa é capaz de garantir uma segura atuação frente aos desafios e relacionamentos. Porém, devido às leves dúvidas que se instalam, ocorre tênue inabilidade em corrigir antigos erros, gerando segurança além do necessário para o desempenho, o que acarreta pequenos prejuízos às suas ideias, propostas e habilidade de desenvolver e não apenas manter o que já está proposto. Procure investir no senso de autoeficácia para preservar sua condição de resiliência nesta área.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios que estão além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas, ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor

nas relações interpessoais. Suas respostas proporcionam a condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente atacar as fontes de estresse.

Esse resultado promove segura facilidade de criar um ambiente emocionalmente agradável, de ser envolvente, de se engajar nos projetos e situações, de se sentir realizado (a) emocionalmente. Permitem promover os devidos ajustes na dinâmica das emoções, o que protege a pessoa e o grupo no qual esteja inserida.

Há a tênue tendência de se comportar com desconforto ou receio quando as decisões dependem da sua pessoa e, por isso mesmo, percebe-se leve instabilidade no comportamento. Com isso, a capacidade da pessoa, embora seja de uma condição muito favorável à resiliência, fica levemente prejudicada, reduzindo o grau de contribuição no grupo. Procure investir em habilidades que possam manter, assegurar e ainda melhorar essa forma de administrar emoções a fim de garantir uma maior resiliência nesta área.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas como uma condição de excelente resiliência. Um resultado que evidencia coerência nos relacionamentos, por haver equilíbrio ao se expor na construção de redes sociais.

A tendência com este índice é a de agir com base na correta exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com qualificada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que possibilita construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Essas possibilidades favorecem um estilo de alta qualidade para se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para manter e preservar tal índice, por situar-se em uma região de fortaleza relacionado à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada

autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As suas respostas denotam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de acatar aos efeitos do estresse. Nas respostas a aceitação de si mesmo (a) e de outras pessoas é boa, bem como a capacidade de ouvir e olhar nos olhos de outros, características que, em situações de adversidade e estresse agudo, podem ser uma fonte de proteção para a pessoa e para o grupo.

Porém, a pessoa tende a forçar as situações para chamar a atenção para si, buscando demasiado apoio e aprovação às ações próprias nas situações de conflito. Se ressalta que as respostas se referem a comportamentos insistentes no sentido de chamar a atenção para si nos relacionamentos, particularmente nos que envolvam maior demanda emocional. Procure ajustar a capacidade de ser empático a fim de garantir uma melhor condição quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas apresentam a condição de excelente resiliência face ao elevado estresse. Apresentam a tendência de comportamentos de equilíbrio na gestão do estresse.

O padrão de respostas está situado na posição de coerência, o que denota uma propensão de se perceber saudável com relação ao modo como trabalha as tensões corporais. Esta condição possibilita o equilíbrio do binômio saúde / doença e favorece a promoção de ajustes na dinâmica entre as crenças e a resposta corporal. Também caracteriza um controle das tensões musculares e, como consequência, resulta em excelentes condições de saúde e bem-estar. Invista para assegurar e garantir sua manutenção.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas apresentam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de reagir às fontes de estresse. Esse

resultado apresenta comportamentos com alta expectativa para com o desempenho de outras pessoas.

Pessoas que se situam nesta condição, quando estão diante de situações de elevada adversidade, tendem enfatizar a expectativa de sucesso, aumentando a tensão e o desgaste no ambiente e no grupo. Procure ser mais equilibrado quanto ao otimismo para com a vida, para garantir uma condição melhor quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam a condição de fraca resiliência nessa área ao enfrentar adversidades e com a propensão de atacar as fontes e consequências do estresse.

De igual modo de se representar como pessoa extremamente apegada aos seus sonhos, que possui dificuldades com mudanças e que cultiva poucos ideais. Esse contexto ocorre devido ao excessivo apego em modelos de crenças rígidos. O que acarreta distorcida visão do amanhã. Esse índice o (a) torna rígido(a) ao realizar projetos futuros e demasiadamente apegado ao viver idealizado. Procure investir em sua flexibilidade, evitando, assim, um alto prejuízo à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
15/06/1987

SEXO  
Feminino

CÓDIGO QUEST  
13638

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos

comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas indicam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de se submeter aos impactos do estresse.

Esta condição permite examinar os problemas e decidir com acerto sobre a natureza e resolução dos conflitos. Porém, ocorre a tendência de se manter afastado (a) ou fora dos conflitos, o que resulta em situações de perigo decorrentes do

desconhecimento, da falta de ação nos conflitos e da dificuldade em identificar e nomear os sinais presentes no ambiente. É preciso desenvolver as habilidades em ler e identificar os sinais e pistas presentes no ambiente, para garantir uma condição melhor à resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade necessária para administrar o senso pessoal de ser capaz em enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autosssegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto.

As respostas denotam a tendência de se ver com alta competência para estabelecer claramente um objetivo final. Também há originalidade de ideias e propostas, desenvolvendo e não apenas mantendo o que já está proposto. Com isso, desafia-se o clima relacional no ambiente, particularmente no ambiente do cotidiano, com o propósito de renová-lo. O índice lhe garante excelente grau de independência na tomada de decisões, na execução das atividades e concretização de seus projetos, o que gera mobilização e alinhamento de forças e propósitos no grupo. Trabalhe para garantir a manutenção nessa área da vida.

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto.

As respostas apresentam ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida em pessoas que exercem liderança. As suas respostas estão caracterizando a condição de boa resiliência diante do estresse com propensão de atacar as fontes de estresse.

Esse resultado se refere a comportamentos relacionados com enfatizar e pressionar as ações para alcançar, conquistar e manter as pessoas. A tendência com este índice é a de agir com base na exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com demasiada evidência em situações nas quais há envolvimento de várias pessoas, o que dificulta a possibilidade de construir redes sociais que garantam a estabilidade e viabilidade para alcançar objetivos e desafios de proteção. Propensão a empregar empenho para alcançar e envolver pessoas, promovendo quadros de irritação e ansiedade. Essas possibilidades podem favorecer relacionamentos com maior dificuldade de se conviver, o que evidencia a necessidade de investimentos para balancear tal índice, por situar-se em uma condição de segurança neste domínio de crenças.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. As suas respostas nessa área indicam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de acatar aos efeitos do estresse.

As respostas denotam comportamentos que apresentam boa gestão de resiliência face ao estresse elevado. Esta condição realmente lhe permite assegurar a qualidade dos seus vínculos, possibilitando mantê-los em diversos ambientes. No entanto, a tendência

é de se relacionar com outros demonstrando experimentar carência afetiva, o que resulta na busca de confirmação de aceitação e reconhecimento de outros, trazendo prejuízos aos relacionamentos e diminuindo a capacidade de resiliência. Melhore as respostas e postura à demanda emocional nos relacionamentos para garantir uma melhor condição à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano.

As suas respostas se referem à condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente acatar as fontes de estresse. Caracterizam-se por uma condição de comprometimento do controle muscular e fisiológico.

Com esse índice, a pessoa é capaz de sustentar um bom equilíbrio muscular e uma adequada postura corporal, porém com a tendência de ocorrer algum prejuízo nos tônus musculares, resultando em uma leve desatenção para com o ambiente. Procure investir nas atividades que gerem energia e equilíbrio no funcionamento corporal, a fim de manter essa condição e garantir melhoras quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas apresentam a condição de excelente resiliência diante do estresse. Esse resultado denota a tendência de pensar com coragem e determinação.

A postura é visionária e permite enxergar novas oportunidades, gerenciar situações que provocam incertezas, garantindo uma visão otimista do futuro. Você cultiva uma crença consistente na possibilidade de transcender aos limites impostos pela situação recorrendo aos próprios recursos, bem como os que estão presentes no ambiente. Considera que os problemas pessoais ou sociais são passíveis de uma solução

global positiva, o que lhe permite se engajar com energia nos desafios e tarefas, resultando em uma atitude geral ativa, confiante e favorável ao alto desempenho nesta área com capacidade de se motivar e manter outros motivados. Busque realizar a manutenção desse grau obtido.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas identificam a condição de boa resiliência diante do estresse com a tendência de atacar as fontes e consequências do estresse.

Esse resultado denota comportamentos que expressam boas opiniões e valores quanto ao encontrar um sentido para os obstáculos e desafios na vida pessoal. Esse índice, porém, traz poucas dificuldades com relação a mudanças ou situações alternativas por deixar a pessoa apegada aos ideais. O que o (a) leva a escolher projetos de poucos riscos à vida ou que sejam harmoniosos às suas crenças, por valorizar a razão de viver. Estas condições favorecem a resiliência, levando a pessoa a apresentar maior flexibilidade no modo de agir. Busque ampliar a coerência entre os ideais e valores com a realidade de vida, evitando prejuízos à resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.

# RELATÓRIO INDIVIDUAL

---

## COTIDIANO PESSOAL

---

DATA DE NASCIMENTO  
20/10/1992

SEXO  
Masculino

CÓDIGO  
QUEST  
13640

PESQUISA  
Resiliência e Desenvolvimento em Comunidades  
tradicionais da Amazônia

### **Introdução**

A escala 'Questionário de Resiliência para Ambientes do Cotidiano' (2006), o Quest\_Resiliência, é uma das ferramentas da metodologia 'Abordagem Resiliente' (2009) e tem como objetivo mapear as crenças determinantes que estruturam o comportamento expresso relacionado com as crenças que modelam a resiliência.

### **Mapeamento**

Esse relatório é apresentado sob a forma de comentários traduzindo as áreas que organizam o comportamento de superação frente aos problemas e as adversidades. O conteúdo do relatório não se refere a perfis psicológicos ou tipos de personalidades, e sim, aos estilos comportamentais de evidenciar resiliência no contexto do dia a dia. Seu foco é pessoal e está direcionado na descrição e análise dos padrões das respostas associadas ao elevado estresse típico das interações da vida.

O pano de fundo do relatório é que o contexto diário, sempre recheado de ameaças, pressões e desafios constantes exige da parte das pessoas o uso de práticas criativas, inovadoras e consistentes com a demanda no ambiente. Além da exigência de eficiência produtiva no alcance de conquistar e vencer os desafios da vida. Dessa forma o relatório busca ser um instrumento que visa contribuir na interpretação dos estilos comportamentais que são as forças de uma pessoa e que lidam com a superação das situações adversas, que carecem de enfrentamento.

Havendo maior interesse em desenvolver sua resiliência pessoal sugerimos que faça contato por meio do endereço <faleconosco@sobrare.com.br> para que possamos lhe indicar um dos profissionais qualificados e certificados pela SOBRARE.

As nossas pesquisas demonstram que a resiliência não pode ser quantificada por meio de uma soma ou média de fatores. É uma daquelas áreas da vida em que a quantidade não se designa; tal qual o amor. É por isso que no relatório nós categorizamos a capacidade de resiliência que cada pessoa possui. Com essa categoria, visando a superação, a pessoa poderá administrar ou treinar o seu comportamento para enfrentar situações adversas, traumáticas, difíceis e competitivas.

O quantum de resiliência é estruturado no mapeamento das opiniões / convicções (crenças). Essas se permitem serem treinadas e ressignificadas em quatro dimensões:

- a) perceber, conhecer, controlar e dominar as adversidades do dia-a-dia;
- b) expor-se, assumir riscos e enfrentar o desconhecido para atingir os objetivos;
- c) agir e estabelecer alianças para superar os obstáculos;
- d) acumular maturidade, devido a uma análise crítica da realidade, reconhecendo seus limites e os riscos da situação.

Ao exercitar essas quatro dimensões, uma pessoa se torna mais apta a superar os embates da vida, além de desenvolver a capacidade de formar fortes redes sociais que são úteis na proteção, superação e vitória pessoal.

### **Resultado da área Análise do Contexto (ACxt)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para evitar situações de constrangimento moral, adequada adaptação ao contexto, se informar a respeito das mudanças, foco em soluções e gerenciamento das informações obtidas no contexto. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência nas crenças mapeadas. Com este índice, a tendência é analisar com sabedoria as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção, sendo inovador (a) em suas propostas, ao invés de simplesmente ater-se a rotinas e regras. Do mesmo modo, reflete a capacidade de ser flexível para fazer a coisa certa.

Estar atento (a) para as pistas do ambiente, desvencilhando-se da complexidade dos problemas e focando em suas soluções, o que lhe garante o adequado exame das situações. Também tende a apresentar habilidades para adaptação e flexibilidade diante

das situações tensas. Capacidade de alterar e alternar entre planos diante de diferentes demandas. Apresenta uma aguda percepção dos conflitos, bem como a possibilidade de reconhecer as mudanças que ocorrem no ambiente, o que garante uma ótima adaptação e flexibilidade diante de situações inesperadas. Esta é a condição que favorece comportamentos de alta produtividade, uma vez que a capacidade de fazer corretas análises é a condição básica de um posicionamento seguro e estratégico no ambiente e está relacionada com a tomada de decisões corretas visando a sobrevivência e superação, assegurando uma consistente condição de resiliência nesta área da vida.

### **Resultado da área Autoconfiança (ACnf)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade necessária para administrar o senso pessoal de ser capaz em enfrentar uma adversidade, se informar e discutir a respeito de realizar mudanças, sustentar adequada adaptação face ao estresse, incrementar a autoeficácia, garantir a autossegurança e habilidade para se posicionar sem promover ou se colocar em situações de constrangimento moral. Também a capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional no pessoal e manter um humor construtivo no ambiente. As suas respostas estão caracterizando a condição de forte resiliência diante do estresse com a propensão de acatar as fontes de estresse.

As respostas denotam o senso de autoconfiança em uma condição emocional de leve indecisão quanto a autovalorização. Com este índice, é forte a tendência de se ver com competência em atingir um objetivo final e de se perceber envolvido em projetos e nas tarefas por um longo tempo. Mesmo sendo um resultado favorável à resiliência, por vezes, ocorre tênue receio quanto a sua eficácia no desempenho de tarefas e interações sociais que implica em leve prejuízo na capacidade de promover mobilização e alinhamento de forças e propósitos para si mesmo (a) e para as equipes. O que diminui as possibilidades de ser mais resiliente. Procure desenvolver as habilidades de autoavaliação a fim de garantir uma melhor condição à resiliência nesta área

### **Resultado da área Autocontrole (AC)**

A resiliência nessa área promove a administração das emoções favorecendo a flexibilidade para haver tranquilidade e segurança nas relações no ambiente profissional, também a condição de encarar desafios além das competências pessoais, a condição para analisar as situações e estabelecer julgamentos com a devida correção

emocional. A capacidade de inovar nas propostas ao invés de simplesmente se ater as rotinas, colaborar com o bom clima relacional e manter a uniformidade de humor nas relações interpessoais. As suas respostas indicam a condição de excelente resiliência para fazer análise do contexto.

As respostas apresentam ótima capacidade de conhecer os limites e potenciais, persistência e perseverança para ir até ao fim dos objetivos estabelecidos, evidenciando um senso de coerência. Pessoas que se situam neste modelo de comportamento apresentam condição de proteção e consistente resiliência nessa área da vida.

### **Resultado da área Conquistar e Manter Pessoas (CMP)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para agregar pessoas em torno de si e de projetos, cativar pessoas e equipes, investir e promover a qualidade de vida de outros e consolidar redes sociais de proteção, e por isso mesmo, é essencial ser bem desenvolvida nas relações interpessoais. As suas respostas neste modelo de crenças estão caracterizadas como a condição de boa resiliência diante do estresse, com propensão de acatar as fontes de estresse.

A tendência com este índice é a de agir com base em pouca exposição pública. Esta condição coloca a pessoa com restrita capacidade de aglutinar pessoas em torno de propósitos e projetos, devido ao fato de mostrar-se tímida diante de opiniões contrárias. Essas possibilidades favorecem um estilo no qual há perda de qualidade para se conviver em grupo ou equipes, o que evidencia a necessidade de investimentos para desenvolver tal índice, por ainda se situar em uma região de leve riscos à segurança nesta área da vida. Procure investir nas habilidades de falar e argumentar diante de outras pessoas para garantir uma condição melhor relacionada com a resiliência nesta área.

### **Resultado da área Empatia (EPT)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para estabelecer comunicação com reciprocidade entre as partes face às demandas do dia a dia, investir na qualidade dos vínculos, compartilhar informações de modo atrativo, demonstrar adequada autoestima e alinhar propósitos e objetivos. Suas respostas denotam a condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente se submeter aos impactos do estresse. Com este índice, a pessoa tem a tendência de garantir segura qualidade aos seus vínculos.

Há uma consistente capacidade de manter vínculos, de ouvir, olhar diretamente nos olhos, tocar de modo construtivo e acreditar no potencial das pessoas, o que deve se tornar uma fonte de proteção para a pessoa e seu grupo. No entanto, este padrão de respostas indica que geralmente se comporta com outras pessoas como se elas estivessem com ténue débito afetivo, o que prejudica um pouco o potencial para encorajar seus relacionamentos. O resultado caracteriza uma intenção levemente desnecessária de se tornar uma pessoa especial nas interações sociais, particularmente naquelas que exigem habilidades emocionais. Procure reconhecer e verbalizar as qualidades e virtudes das outras pessoas para desenvolver uma melhor condição quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Leitura Corporal (LC)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para perceber a condição de saúde que proporciona condições para enfrentar a demanda imposta pelo desgaste das atividades estressantes do dia a dia, conhecer os próprios limites, investir e promover a qualidade de vida pessoal no que se refere a preservação da saúde física, e, principalmente, administrar a energia para a superação das exigências do cotidiano. As suas respostas se referem à condição de forte resiliência diante do estresse com a tendência de levemente acatar as fontes de estresse.

Caracterizam-se por uma condição de comprometimento do controle muscular e fisiológico. Com esse índice, a pessoa é capaz de sustentar um bom equilíbrio muscular e uma adequada postura corporal, porém com a tendência de ocorrer algum prejuízo nos tônus musculares, resultando em uma leve desatenção para com o ambiente. Procure investir nas atividades que gerem energia e equilíbrio no funcionamento corporal, a fim de manter essa condição e garantir melhoras quanto à resiliência nesta área.

### **Resultado da área Otimismo com a Vida (OV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para gerenciar mudanças com abertura para novas ideias, experimentar entusiasmo e empolgação diante de desafios, gerir pessoas e situações com bom humor, adquirir admiração nos relacionamentos e olhar a adversidade com criatividade. As suas respostas se referem a condição de boa resiliência diante do estresse com a propensão de se submeter aos impactos do estresse.

Esse resultado apresenta comportamentos que caracterizam uma boa aposta emocional no sucesso dos sonhos, das atividades e projetos.

Com esse índice a pessoa consegue compartilhar ideias com parceiros e colaborar na execução de projetos. Porém, tende a não acreditar muito em soluções para situações com elevados níveis de estresse. A longo prazo, terá dificuldades em conquistar pessoas para seus objetivos e também de mantê-las focadas comprometendo a manutenção da motivação e pró-atividade, o que diminuirá a capacidade de resiliência. Procure repensar o potencial de sucesso e como ele está associado ao otimismo, a fim de garantir uma condição melhor quanto à resiliência nessa área.

### **Resultado da área Sentido da Vida (SV)**

A resiliência nessa área promove a flexibilidade para encontrar sentido para o engajamento em projetos e atividades, praticar a contemplação, a visualização, a fé nos recursos pessoais, aceitar novas práticas, mudar ao superar crenças e culturas tradicionais, saber aonde quer chegar na vida, assumir metas com significado e estabelecer objetivos sobre sobrevivência e proteção. As suas respostas evidenciam uma condição de excelente resiliência. Esse resultado apresenta comportamentos com elevada capacidade de relacionar com sabedoria as crenças e valores acerca de encontrar um sentido para as perturbações e desafios da vida.

Essa capacidade promove perspectiva para os projetos, a visualização de novos ideais e horizontes, devido às convicções da pessoa, o que possibilita ricas escolhas em relação ao futuro. A tendência com este índice equilibrado é de, em meio aos ambientes adversos e de incertezas, a pessoa, por meio do modelo de crenças flexível, ter condições de gerar convicções a respeito do significado que a vida tem. O que leva a pessoa se engajar de forma sábia nas atividades quanto aos riscos à sobrevivência. Busque consolidar essa coerência entre os ideais e valores com a realidade de vida, garantindo a resiliência nesta área.

### **Notas**

Procure ler sobre como desenvolver habilidades nas áreas relacionadas com a resiliência. Busque orientação dos profissionais certificados pela SOBRARE para garantir a preservação e manutenção das condições de resiliência naqueles domínios que você está com segurança e excelência, e ações que incrementem aqueles domínios que

estão em condições de risco. Nesse caso, os profissionais poderão avaliar se há posições de vulnerabilidade.

Relatório elaborado por George Barbosa (CRP: 06/45154/09) - Responsável Técnico

(1) O relatório foi elaborado por meio dos dados obtidos pelo padrão de respostas à escala e apresentadas pelo respondente. Reflete as suas respostas e foi produzido em benefício do respondente.

O relatório é gerado por meio eletrônico através de um software. Ao usuário final é vedada qualquer alteração no texto ou acrescentar algo no corpo do próprio relatório. Qualquer interpretação ou documento gerado a partir desse relatório deve ser elaborado em um novo documento, preservando-se a integridade desse relatório e do respondente.

(2) A Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) declara que não executa nenhuma atividade de mensuração ou avaliação psicológica do Quest\_Resiliência®. Tais atividades são de exclusiva responsabilidade do responsável técnico e declara que para a divulgação dos documentos relacionados a esse relatório ela possui autorização do mesmo.

A SOBRARE não garante que após a emissão e entrega desse relatório o seu conteúdo não foi alterado por sistema de computador e não se responsabiliza pelas consequências do uso inadequado desse relatório e isso inclui, inclusive, consequências do tipo negligência para com essa declaração e o conteúdo do relatório.

O relatório e seus documentos contêm propriedade intelectual da SOBRARE, dessa forma a SOBRARE permite aos clientes e pesquisadores reproduzirem e ou distribuírem e ou guardar esse relatório apenas para uso interno e não comercial, resguardando a condição imposta pelo responsável técnico de que documentos oriundos desse relatório serão emitidos como novos documentos e de responsabilidade exclusiva de seus autores.

[www.sobrare.com.br](http://www.sobrare.com.br)

© Sociedade Brasileira de Resiliência  
2009. CRPJ/SP 3825/J Todos os direitos reservados.

SOBRARE e Quest\_Resiliência são marcas registradas da SOBRARE.